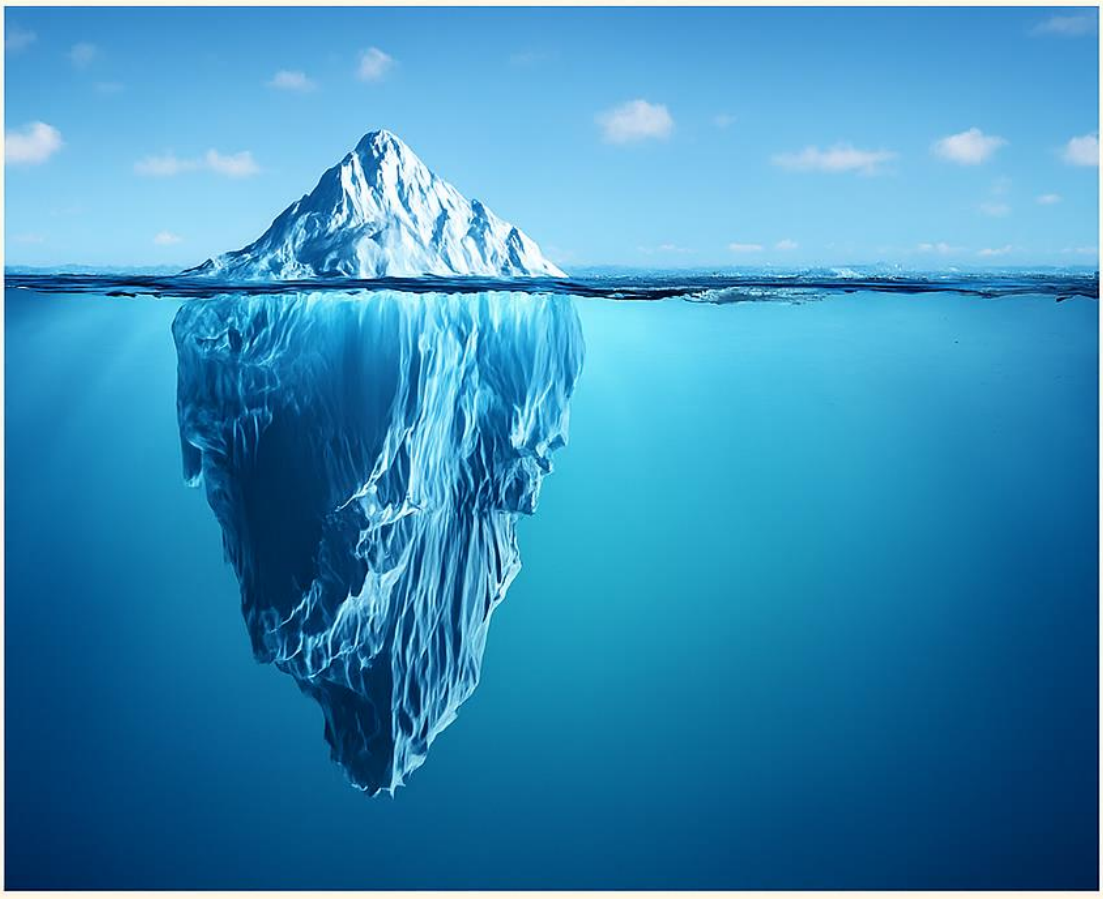
CONTACTOS COM O EU SUPERIOR



A HISTÓRIA VERÍDICA DE UM MÉDICO E DA REGRESSÃO HIPNÓTICA DO SEU PACIENTE

O ENCONTRO COM A CURA ATRAVÉS DO CONTACTO COM O EU SUPERIOR

EUGENE JUSSEK

Título do original: "Reaching for the Oversoul", 1994
Tradução; Cecília Casas
Arranjo: Amadeu Duarte

Os meus agradecimentos a Charles Roberts, por ter partilhado connosco sua experiência e por ter autorizado a publicação deste livro. Agradeço a Dorothy e a Jennifer por seu apoio carinhoso.

Os meus agradecimentos também são dirigidos a Maya e a Nicole, assim como a todos os meus amigos por sua ajuda desinteressada.

SUMÁRIO

Palavras ao leitor
Prólogo, por Jess Stearn
Prefácio
Introdução por Elisabeth Kübler-Ross, M.D.
Capítulo 1: A minha jornada
Capítulo 2: O enigma de Charles - muitas vidas?
Capítulo 3: Entre as vidas - o amigo do outro lado
Capítulo 4: O nascimento de Yan Su Lu
Capítulo 5: As conversas continuam
Capítulo 6: Yan Su Lu responde às mais variadas perguntas
I. Sobre a sabedoria universal e em busca do mestre interior
II. Sobre meditação, tempo e eternidade
III. Sobre a vibração dos tipos de nomes e de almas ou predestinação
IV. Sobre almas-irmãs, as contrapartes e a vida em outras galáxias
V. Sobre gêmeos idênticos, migração da alma, estados de coma, esquizofrenia e a possibilidade de existir um corpo sem alma
VI. Sobre matrimônio, amor e sexo
VII. Sobre a consciência.
VIII. Sobre lembranças de vidas passadas
IX. Sobre talento, dom e gênio
X. Sobre os anjos da guarda
XI. Sobre a morte.
XII. Sobre o contacto da alma que partiu com o amor que deixou para trás
XIII. Sobre o suicídio
XIV. Sobre reinos infernais, assassinatos, fracassos
XV. Sobre a escolha de uma nova encarnação
XVI. Intervalo de tempo entre vidas, número de vidas, evolução da alma, sistemas solares, compreensão de Deus e do nosso propósito
Conclusão...
Epílogo, por E. Stanton Maxey, M.D.
Bibliografia

PALAVRAS AO LEITOR

Este livro versa sobre a possível existência de vidas passadas e de uma consciência guardiã que supervisiona o desenvolvimento interior da pessoa de vida para vida.

Desde que, em criança, presenciei a morte e o enterro de meu querido avô... desde que, enquanto jovem recruta, tive de assistir, chocado e descrente, ao sacrifício insensato de vidas humanas, durante a II Guerra Mundial... desde que testemunhei a fragilidade do corpo humano durante as décadas em que cliniquei... certas perguntas não pararam de dar voltas e mais voltas na minha mente:

- Qual a razão da existência do corpo, este vaso destinado a conter a essência infinitamente preciosa, quando ele é destruído tão facilmente?
- Será a morte o fim da vida?
- Que coisa será a vida eterna?
- Onde terá ela início?
- Que papel desempenharemos no plano da vida?

A busca do entendimento levou-me a remotos rincões da Terra e a muitos mestres. Mas havia poucas almas suficientemente evoluídas que me dessem as respostas.

Durante anos, muitos pacientes me procuraram, repletos de dor e muita confusão. No meu esforço por os ajudar, compreendi a importância da atitude reta, de lutar por dar ouvidos à voz do sábio no meu eu interior. Intensifiquei o uso da hipnose na minha prática médica por saber que muitos problemas potenciais são causados pelas atitudes erradas e se acharem presentes muito antes de fazerem a sua aparição no corpo físico. Uma vez detetados, eles muitas vezes podem ser corrigidos, e o paciente terá a capacidade de se ajudar a si próprio.

No transcorrer desse meu trabalho, encontrei um jovem profundamente perturbado por um problema de comportamento para o qual ele não tinha explicação. Decidi levá-lo, por meio da hipnose regressiva, a vidas passadas. Intrigou-me a riqueza de detalhes que aflorou durante a hipnose. Embora não seja minha intenção dar provas da hipótese da reencarnação neste livro, duas das vidas passadas do meu paciente situavam-se bem próximas no tempo para me permitir pesquisar os dados que vieram à tona durante as sessões.

Fui à Inglaterra para tentar averiguar as informações dadas durante a hipnose, a respeito de uma vida ali vivida no século XIX. Nos arquivos históricos, assim como na paróquia da região, localizamos registos de nascimento e de morte, datas, nomes, parentescos e profissões;

encontramos casas e documentos de antigos proprietários; nomes de escolas que não existiam mais, endereços de residências há muito demolidas. Inúmeras vezes os detalhes coincidiram com os dados que tinham vindo à luz durante a hipnose.

A minha família e eu viajamos para a Irlanda, onde o paciente vivera no século XVIII como um rebelde em luta contra a Inglaterra, mas fomos informados de que todos os documentos relativos a esse período se haviam perdido. Conseguimos, no entanto, verificar muitas das informações dadas durante a hipnose sobre condições de vida, sobre a fome, a organização das povoações e sobre os fazendeiros desesperados que engrossavam as fileiras da milícia.

Durante as regressões, observei uma coisa peculiar: o visível reconhecimento por parte do meu paciente de uma outra entidade que parecia ter estado presente no momento da sua morte, e que ele tratava como amigo e mestre. Os pareceres que essa "entidade" forneceu a respeito de assuntos como reencarnação, morte, suicídio, vida, razão de viver, amor e sucesso foram dados sem a menor hesitação. Mais estimulante que tudo foi a sua insistência no facto de termos, todos, um guardião e um mestre.

PRÓLOGO

por Jess Stearn

Conheço o dr. Eugene Jussek há muitos anos. Como médico altamente respeitado no Estado da Califórnia, ele dedicou muito do seu tempo e dinheiro a pesquisar novas abordagens e métodos no campo da medicina interior, e contribuiu com uma preciosa contribuição.

Muito jovem ainda, foi recrutado pelas forças armadas Alemãs e serviu nas frentes de batalha da Alemanha oriental, durante a II Guerra Mundial. Posteriormente, completou o seu estágio em Medicina na Universidade de Frankfurt/Main. Aperfeiçoou os estudos na cidade de Nova Iorque, fazendo a sua pós-graduação no universalmente renomado Centro Médico Bellevue da Universidade de Nova Iorque. Depois, abriu consultório em Los Angeles, Califórnia, onde, durante as décadas passadas, foi muitíssimo procurado graças a enorme perícia.

Devido à impressionante formação científica que obteve, fui imediatamente atraído pela profundidade do interesse que manifestou pela metafísica, campo em que, durante anos, eu fizera pesquisas consideráveis. Ao contrário de muita gente que recebe uma educação igual, ele era dotado de uma mente aberta, arrojada, ciente por experiência, enquanto médico, que há na vida mais do que o bisturi do cirurgião pode detetar.

Ele era, assim como eu, um estudioso da vida, em todas as suas formas possíveis. Acreditando em Deus e em tudo o que Ele criou, não limitou o universo de Deus às limitações da mente consciente.

Enquanto cientista, sabia que, onde havia um efeito ou consequência teria de haver, também, uma causa. Procurou essa causa, primeiro no interesse pelo paciente que padecia de doenças para as quais não parecia existir uma causa aparente e, depois, por uma aplicação mais generalizada, nos mistérios da vida. Sabedor, por experiência própria, que muitas doenças são causadas pela mente, arriscou-se a penetrar as camadas mais profundas, o banco de memórias do subconsciente - na sua luta por curar a mente e o corpo doente de um paciente.

Sempre que se revelava recomendado, fazia os seus pacientes regredirem, por meio da arte da hipnose, a um passado nebuloso, a uma infância praticamente esquecida; então, eles falavam, algumas vezes, hesitantes, de incidentes traumáticos que a sua mente consciente havia selado na passagem do tempo. Porém, uma dimensão incomum - espantosa mesmo - seria acrescida à sua terapia, pois, quando o dr. Jussek levava os seus pacientes a regredirem, eles iam além da infância, voltando para o útero materno, onde possuíam uma vaga consciência que partilhavam com a mãe. E então, num passo a mais, chegavam a experiências de vidas passadas, nas quais assumiam outras identidades, e viviam entre povos diferentes.

E, no entanto, tudo estava ligado ao presente e à vida que viviam nesse estágio, com todas as suas alegrias e tristezas. Lá estava a causa. Pois, assim que o dr. Jussek conseguia descobrir alguma origem traumática na doença de um paciente, ligada a uma antiga experiência que passara na sua vida, podia reconstituir as doenças ligadas igualmente a episódios traumáticos, armazenados no banco de memórias das experiências de vidas passadas. Foi uma descoberta animadora que abriu as portas da profunda investigação que fez com respeito a todo o conceito de renascimento e da continuidade da vida.

Estamos aqui só para viver a vida, frequentemente numa luta sem sentido? Ou foi-nos concedida, por Deus, a oportunidade de aprender com as experiências do passado e, ao mesmo tempo, de desenvolver faculdades e qualidades para chegar, de acordo com o nosso carma, conforme expressam no Oriente, a uma existência forjada por todos os nossos pensamentos e ações, que tenha um propósito?

Neste livro, o dr. Jussek estuda a possibilidade da reencarnação e do acesso a uma sabedoria mais elevada, que está ao alcance de todos nós. Ele traz consigo os ingredientes de um cientista e a arte de um dramaturgo ao partilhar a riqueza da sua própria experiência. É um estudo fascinante, do qual muitos tirarão proveito, por lhes abrir a mente e a alma. Este livro consiste, sobretudo, numa viagem metafísica, que levará muita gente a

pensar, ao compreender que não existe limitação para a vida, senão a própria vida.

PREFÁCIO

P: Depois da sua morte, o que aconteceu à sua alma?

R: O meu amigo maravilhoso esperava-me. Não sei o nome dele. Ele é eterno. Logo depois da morte, falamos das minhas experiências durante aquele período de vida e das lições que foram aprendidas.

P: Você interrogou-o acerca de Deus?

R: A resposta que dá é sempre a mesma: que Deus é infinito.

O meu paciente, em estado de hipnose profunda, mostrava-se calmo e sereno, e contava-me como morrera depois de ter vivido, há centenas de anos, como uma garota mexicana. Durante várias semanas, eu levara Charles Roberts, pessoa muito tensa, a regredir a uma grande quantidade de intensas e variadas vidas passadas, conforme constatei ao pesquisar as raízes dos seus problemas atuais.

À medida que os nossos esforços progrediam, fui acometido, juntamente com Charles, por uma série de emoções intensas - dor, felicidade, angústia, arrependimento – e em toda vida lembrada, ele descrevera, sem hesitação, a própria morte, quase com um sentimento de alívio. Depois de narrar minuciosamente algumas das suas dolorosas lembranças, a sua voz mudava de tom e ele falava dos seus encontros reconfortantes, além da morte, com aquela pessoa especial que ele chamava de amigo e mestre.

Bem, eu não sou de me surpreender facilmente com nada que aconteça na Terra, nem mesmo além dela. Durante mais de vinte anos, usei a hipnose médica na minha profissão e deparei-me com muitas personalidades incomuns, que suplantavam o raio de ação da visão física ou das simples explicações. Porém, a insistência de Charles, quando em estado de transe, em que ele tinha um mestre à espera para o ajudar cada vez que morria, representou, nos termos da minha experiência de médico, algo novo e absolutamente fascinante.

A ideia, em si, não constituía novidade para mim. Eu havia meditado longamente sobre os enigmas do consciente, sobre a existência da alma, sobre a unicidade da individualidade humana, sobre a possibilidade de vida após a morte, sobre o espectro de luz benigna relatado pelos que haviam sobrevivido à morte clínica, e em especial sobre os intervalos entre vidas, associados à teoria da reencarnação.

As contínuas referências que Charles fazia ao seu mestre desencarnado eram suficientes para despertar em mim o "detetive", e a minha curiosidade

levou-me a uma situação realmente estranha: a uma série de diálogos filosóficos com o próprio "mestre e amigo", uma personalidade chinesa digna que falava através de Charles e que se denominava Yan Su Lu.

Enquanto ser humano, sou recetivo e interesso-me profundamente pelas filosofias religiosas do mundo, ao passo que, enquanto médico, sinto-me obrigado a ser cauteloso com respeito ao material que me chega por meio da hipnose. Esse diálogo prosseguiu por quase dois anos, até que organizei diversos cadernos, cheios de anotações dos ensinamentos de Yan Su Lu.

As imagens da mente interior não são facilmente rastreadas e as fontes de conhecimento não devem ser atribuídas a categorias que visem a nossa conveniência. Concordo, entusiasmado, com Robert Ornstein, o arrojado pesquisador transpessoal, que acha que vivemos em uma época em que "uma nova e amplificada conceção do homem está a começar a vir à luz, que engloba muitas faculdades que estão além dos limites normais".1

Sendo assim, perguntas precisam sempre ser feitas. Fenómenos surpreendentes podem ter uma explicação simples, experiências paranormais podem ser observadas com frieza; no entanto, a intuição espiritual não deve ser substituída pela abordagem estritamente científica.

Depois dessas observações, acho que estou em condições de apresentar o caso de Charles Roberts, as conversas que tive com Yan Su Lu e os acontecimentos que nos levaram a elas. Acredito que o leitor selecionará o que for de valia para o seu desenvolvimento espiritual e ignorará o resto, compreendendo que nós, todos nós, somos ainda viajantes imperfeitos no longo e desafiador caminho da evolução.

INTRODUÇÃO

por Elisabeth Kübler-Ross, M.D.

Este é um livro notável e incomum, escrito por um médico e cientista extremamente capaz, dotado de uma mente analítica, crítica, e com muitos anos de experiência da sua profissão.

Quando o dr. Jussek usava a hipnoterapia e a regressão hipnótica nos seus pacientes, descobriu, inesperadamente, coisas cada vez mais surpreendentes - coisas que haveriam de causar desagrado às nossas instituições médicas. Em vez de as descartar, prosseguiu na sua obra e mostrou-se recetivo e ousado o bastante para partilhar com o mundo as descobertas que fez.

Jussek é um pesquisador cético que examina cuidadosamente os seus dados e que não hesita em viajar para longe a fim de confirmar (ou de negar) as informações que obtém. O que ele divulga neste livro é algo de que muita gente tem apenas consciência superficial, embora todos nós

estejamos no mesmo caminho da evolução espiritual. Muitas das suas declarações soarão verdadeiras aos ouvidos do leitor evoluído, ao passo que outros as repudiarão valendo-se de chavões e de lugares-comuns.

Só posso confirmar que a maior parte do livro, sobretudo o capítulo que trata de morte, suicídio e anjos da guarda, eu pude constatar nas minhas próprias pesquisas sobre a morte e a vida após a morte. Deparei-me igualmente com muitos desses temas na minha busca de respostas, durante as últimas duas décadas.

Os nossos mestres estão sempre presentes para nos ajudar do momento em que nascemos, ao longo da vida, até a transição que chamamos de morte. Eles não têm, porém, o direito de interferir no nosso livre-arbítrio, o maior dom que Deus nos deu. Isso torna-nos absolutamente responsáveis por todas as nossas opções, as nossas obras, as nossas palavras, os nossos pensamentos. "Colherás aquilo que semeares", é uma verdade incontestável que todos precisamos aceitar.

Este livro descreve ainda, de maneira bela, o propósito universal da vida, igualmente confirmado nas minhas pesquisas. Esse propósito consiste em descobrir o verdadeiro equilíbrio entre os aspetos mental, físico e espiritual da vida do homem no nosso planeta Terra (eu chamaria a isso "viver em harmonia com os quadrantes físico, emocional, intelectual e espiritual") de forma a nos tornarmos, na nossa evolução espiritual, semelhantes a Cristo.

Tendo o amor como base da vida e manifestado como tolerância, compreensão e como uma sensibilidade cada vez mais aguçada, uma pessoa em desenvolvimento poderá lograr um entendimento que a ajudará não apenas a entender este livro, mas também a aceitar a orientação de nossos mestres celestiais, independentemente de os vermos fora ou dentro de nós.

Sinto-me grata pelo privilégio de ter revisto este livro notável e por ter escrito esta introdução.

Em cada um de nós existe um outro alguém que não conhecemos. Ele fala-nos em sonhos e fala-nos sobre a maneira diferente com que nos vê em comparação ao modo como nos encaramos. Quando nos encontramos, pois, numa situação difícil, para a qual não existe solução, ele, algumas vezes, pode acender uma luz que transforma radicalmente a nossa atitude - a mesma atitude que nos levou a essa difícil situação.

Tanto o paciente como eu nos dirigimos ao ancião de 2.000.000 de anos que existe em todos nós. Em última análise, a maioria das nossas dificuldades resulta da perda de contacto com os nossos instintos, com a velha, mas não esquecida, sabedoria armazenada em nós. E onde entramos em contacto com esse ancião que vive em nós? - Nos nossos sonhos.

C. G. Jung

Psychological Reflections

CAPÍTULO 1

A MINHA JORNADA

"Em algum plano do universo, estamos todos interligados... a cada um de nós e a todas as coisas."

- Dr. William A. Tiller, físico

"ENTRAREI EM QUALQUER CASA..."

- do Juramento de Hipócrates

O meu avô materno, George, estava a morrer. Ele sempre fora um homem saudável, mas agora, freiras, vestidas de preto, rezavam à sua cabeceira. Ele, por vezes, gritava, pois a dor que sentia no coração era insuportável. Eu tinha dez anos de idade e era a primeira vez que via a morte de perto.

Vi o seu rosto subitamente perder toda a expressão, como se naquele momento se tivesse transformado em pedra. Mesmo assim, era um belo rosto, mas a pessoa que fora o meu avô já não estava ali. Deve ser isto, pensei, a morte. Senti medo, incapacitado de realmente entender o que acabara de acontecer.

Depois, puseram no meu avô um pijama limpo e mudaram os lençóis da cama. Fecharam-lhe os olhos e cruzaram-lhe as mãos. O quarto estava quieto como eu nunca vira antes. Então, chegaram uns homens, todos vestidos de preto, e levaram o meu avô.

Quando fui ao cemitério com a minha família, o dia estava cinzento. Enquanto o padre falava, não pude deixar de olhar para dentro da profunda cova aberta diante de nós. O caixão desceu com a ajuda de cordas ao solo enegrecido pela humidade da chuva que caíra pela manhã, e o meu avô foi enterrado. Eu nunca mais veria a pessoa que conhecera tão bem. Esse

pensamento trespassou o meu ser como um choque elétrico, e comecei a chorar. Depois, perguntei à minha mãe o que significava tudo aquilo e o que acontecera realmente ao meu avô.

"Tenho a certeza de que agora ele está no céu", disse ela. "Ele era um homem bom. Vê, tu também aprendeste a rezar e, quando o momento chegar, também irás para o céu."

"Mas o que vai acontecer às pessoas que não são tão boas?", perguntei. "Vão para o inferno e ficam lá para sempre? O padre parecia pensar assim."

A minha mãe ficou pensativa e não me respondeu. Percebi que eu não descansaria até encontrar uma resposta para essa pergunta.

Não posso ignorar as muitas coincidências estranhas que ocorreram comigo. Acontecimentos que, subitamente, tomaram um novo rumo e mudaram a minha vida, ou os conhecimentos e habilidades especiais para os quais fui atraído e que, posteriormente, se mostrariam vitais ao meu bem-estar e mesmo à minha própria existência.

Muito embora o ambiente em que cresci fosse conservador, ele favorecia a curiosidade intelectual. Lembro-me de como a minha mente estava constantemente à procura de mais conhecimentos. Bem cedo na minha vida, tornei-me um leitor voraz. Durante os meus primeiros anos no Ginásio Johann Wolfgang Goethe, em Frankfurt, a minha cidade natal, fiquei encantado com as histórias dos poderes extraordinários dos lamas e dos iogues da Índia e do Tibete, sobre os quais eu lia. Os livros da sra.

Alexandra David-Néel fascinavam-me. Ela escrevia sobre o tempo que passou no Tibete e os exercícios que aprendeu lá com os homens santos. Li descrições minuciosas a respeito de monges tibetanos, capazes de gerar, dentro de si, um grande calor, de forma que, com roupas molhadas e deitados na superfície de um lago gelado, usavam esse calor interior para secar completamente as roupas.

Esse exercício, chamado Tumo, demonstrava a capacidade da mente de controlar o sistema nervoso vegetativo, o que foi provado recentemente pelo médico Herbert Benson, que, no livro da sua autoria, Beyond the Relaxation response, descreve detalhadamente, nos estudos que fez no Himalaia sobre os monges tibetanos, a notável capacidade que têm de controlar, por meio da vontade, os processos autónomos.1

1. Herbert Benson, médico, Beyond the Relaxation Response, Nova York: Times Books, 1984.

Decidi praticar esses exercícios. Durante o estado de meditação, eu imaginava uma chama a arder dentro do meu corpo. Depois, respirando de

uma certa maneira, eu aumentava o calor, usando os meus pulmões como um fole, para insuflar essa chama. Durante meses, fiz esses exercícios, observando estágios progressivos, até que chegou o momento de me submeter a um teste decisivo. Eu tinha catorze anos de idade e grande fé na minha capacidade de enfrentar qualquer desafio.

Num inverno gelado, atravessei a nado o rio Main, indo e voltando, sem ser afetado pela baixíssima temperatura. Resultou! Depois dessa experiência, sempre que ia para os Alpes suíços, procurava um lago nas montanhas, um lugar ainda não coberto de gelo, tirava a roupa e mergulhava na água até ao pescoço.

O meu corpo foi-se tornando cada vez mais eficiente na produção de calor e testei isso aumentando o tempo em que permanecia na água gelada. Nessa época, eu não podia imaginar que um dia essa técnica iria salvar a minha vida. Nem tinha noção de quão profundamente envolvido eu viria a ficar na misteriosa relação entre mente e corpo.2

2. Essa experiência com meu corpo ensinou-me, quando ainda bem jovem, que o sistema nervoso, que chamamos autónomo, pode ser submetido por meio de condicionamento ao controlo da vontade.

Esse facto já era conhecido da ioga desde os tempos remotos e os exercícios eram praticados com o objetivo de conseguir o autocontrolo fisiológico. A moderna pesquisa apoia esse conhecimento dos adeptos da yoga, no sentido de que muitos processos involuntários podem ser alterados, como os batimentos cardíacos, a temperatura do corpo, o fluxo sanguíneo, o consumo de oxigénio, a ação digestiva, etc. (ver a obra de Elmer Green, da Clínica Menninger, sobre o Swami Rama).

Esses conhecimentos vieram, posteriormente, a se tornar parte de minha prática médica. O tumo é uma forma de treinamento autogénico que foi desenvolvido por Schultz em Berlim (J. H. Schultz & W. Luthe, Autogenic Training, Nova York: Grune & Stratton, 1951). A técnica do relaxamento progressivo propugnada por Jacobson assemelha-se ao método de Schultz (E. Jacobson, Progressive Relaxation, Chicago: Editora da Universidade de Chicago, 1938). A técnica de Silva sobre o controlo da mente também pertence a essa categoria.

A nossa família era uma família alemã tradicional. A minha mãe era uma mulher forte e bela, a quem eu adorava, e o mundo da minha infância era um mundo ordenado — igreja, lar, escola.

O meu pai era banqueiro e, agindo de acordo com a sua visão política, ajudou muitos dos seus amigos judeus a fugir da Alemanha e, devido ao seu catolicismo inato, jamais perdeu a coragem diante das dificuldades que pudessem sobrevir. Um entre quatro filhos, ajudou a sua mãe viúva a sustentar a família, desde os doze anos. O espírito de pastor que

desenvolveu ao cuidar de cada membro da sua família não morreu, e ele tornou-se o conselheiro de uma família cujo número de pessoas ia sempre aumentando.

Essa experiência com o meu corpo ensinou-me, quando ainda bem jovem, que o sistema nervoso, que chamamos autónomo, pode ser submetido por meio de condicionamento ao controlo da vontade.

Esse facto já era conhecido da yoga desde os tempos remotos e os exercícios eram praticados com o objetivo de conseguir o autocontrolo fisiológico. A moderna pesquisa apoia esse conhecimento dos adeptos da yoga, no sentido de que muitos processos involuntários podem ser alterados, como os batimentos cardíacos, a temperatura do corpo, o fluxo sanguíneo, o consumo de oxigénio, a ação digestiva, etc. (ver a obra de Elmer Green, da Clínica Menninger, sobre o Swami Rama).

Esses conhecimentos vieram, posteriormente, a tornar-se parte da minha prática médica. O *tumo* é uma forma de treino autogénico que foi desenvolvido por Schultz em Berlim (J. H. Schultz & W. Luthe, Autogenic Training, Nova Iorque: Grune & Stratton, 1951). A técnica do relaxamento progressivo propugnada por Jacobson assemelha-se ao método de Schultz (E. Jacobson, Progressive Relaxation, Chicago: Editora da Universidade de Chicago, 1938). A técnica de Silva sobre o controlo da mente também pertence a essa categoria.

Eu gostava de desportos, principalmente de judo, de boxe e atletismo, e lembro-me de ter feito parte da equipa de boxe da Universidade de Frankfurt e de ter participado no Campeonato realizado entre todas as Universidades alemãs em Innsbruck. Essa lembrança é-me especialmente cara, porque sempre adorei essa cidade alpina e porque costumava, sempre que podia, ir lá esquiar durante o inverno. Na ocasião, enquanto competia com os outros boxistas, eu não tinha ideia de que muitos anos passariam antes que eu tornasse a ver novamente esse belo lugar, e que, nessa época futura, eu o veria como um homem cujo mundo ordenado já não existia.

A guerra que varreu a Europa engolfou-nos a todos. Para mim, significou ter de me alistar no exército. Eu jamais quis ser soldado. Eu acreditava que a guerra só podia trazer sofrimento, e que não levava à paz. Como poderia a paz ser alcançada à custa de matanças e destruição? Eu detestava tudo aquilo.

Fui enviado para a Rússia e designado para a tropa de reconhecimento da Divisão de Artilharia Montada do Exército Alemão. Nós estendíamos e instalávamos as linhas telefónicas para estabelecer contacto entre as posições da infantaria e da artilharia na linha da frente. Também servia de correio.

Frequentemente, tínhamos de trabalhar sob fogo cerrado, avançando a cavalo, silenciosamente, e depois seguindo a pé para instalar e manter as

linhas. Eu saltava de toca em toca, como um coelho, corria de trincheira em trincheira, lutando para salvar os meus camaradas que dependiam das linhas telefónicas. Durante todo o tempo, tentei evitar a morte. Era um instinto, que nada tinha a ver com a inteligência, que me protegeu — ou talvez tenha sido um anjo da guarda.

Durante o primeiro inverno na Rússia, não recebemos os agasalhos necessários para nos proteger. Muitos soldados sofreram ulcerações provocadas pelo frio, que requeriam frequentemente a amputação de braços, pernas, pés e mãos. Alguns simplesmente morreram congelados. À noite, dormíamos na neve ou em tendas precárias, em finos sacos-cama. Ficávamos de sentinela sob uma temperatura de 40° abaixo de zero. Eu escapei a um grande sofrimento porque pude manter o meu corpo quente, graças à prática do *tumo*.

À medida que a grande ceifa de vidas humanas prosseguia, a minha voz interior tornou-se mais forte. Por que haveria eu de matar aquela boa gente que via nas suas aldeias, nos seus campos? Em estado de impotência e choque, eu via centenas de soldados morrerem à minha volta. Morriam em questão de segundos, os seus corpos pontilhando a neve, como peças de roupa descartadas.

Outros não tinham tanta sorte, gritavam, fora de si, de medo e dor. Tinham de aguardar, famintos, em meio à sujidade, agónicos, gelados e encharcados, que a morte os levasse. Haviam sido rapazes como eu, alguns bons, outros nem tanto. Durante a vigília noturna nos campos da Rússia, eu contemplava as estrelas e pedia uma explicação para tudo o que presenciava. Questionei a própria existência de Deus, que admitia que toda uma geração de jovens, pouco mais que crianças, morresse em tal estado de sofrimento e indignidade.

Senti pena dos camponeses russos cujos campos e searas haviam sido arrasados, e cujas famílias eram, frequentemente, sacrificadas. E, apesar disso, uma velhinha escondeu-me na sua cabana e salvou a minha vida. Porquê? Eu era, supostamente, o inimigo. Qual a razão para isso? As sementes da filosofia estavam a brotar dentro de mim. A vida era sagrada, a vida tinha de ser celebrada. Cada indivíduo era único em todos os aspetos; não havia impressões digitais iguais no mundo.

Essas mentes e esses corpos — como eram delicados! E aqui, sobre as vastas planícies geladas, eram ceifados como folhas de relva. Senti um grande amor por todas essas almas, muitas das quais teriam de abandonar a vida de forma súbita e violenta. O que aconteceu a elas, eu pensava, o que aconteceu com a vida que viveram? E o que aconteceria àqueles que saíssem vivos desse holocausto?

Na ocasião, eu estava encarregado de um posto de primeiros socorros do Corpo Médico, próximo às linhas inimigas.

Não tínhamos analgésicos, nem plasma, nem antissépticos, nem luz suficiente. Separávamos os mortos dos vivos, a estes envolvíamos nas ligaduras que sobravam e os despachávamos em trenós que, periodicamente, os levavam a algumas cabanas atrás das linhas que funcionavam como pontos de concentração — quando conseguiam chegar até lá.

Eu ouvia os estertores de agonia, os gritos, os soluços e os lamentos. Eu ouvia o silêncio; pouco podia fazer. Rezava, conversava com eles constantemente, dedicando-lhes a minha energia, o meu corpo, a minha alma, e isso ajudava. Senti e vi que podia incutir-lhes força por meio da minha voz. Eu tinha a capacidade de tornar a dor mais suportável, desviando dela a atenção dos feridos.

A nossa companhia marchou em direção a Obojan, pequena cidade a norte de Charkow. O inverno russo caía sobre nós. As forças russas haviam-nos cercado. Mantimentos já não chegavam. Como haviam feito com Napoleão, agora faziam connosco. Ficámos isolados. Muitos dos nossos cavalos morreram, e comemos a sua carne. Nessa ocasião, eu estava a trabalhar no porão de uma escola, ajudando, à luz de velas, um cirurgião do exército.

Parecia-me inconcebível que algum dia eu pudesse sair daquele pesadelo, em luta com um inimigo que era meu irmão, vendo mulheres e crianças morrer. Não havia explicação, não havia desculpa nem saída. No entanto, no fundo do meu coração, eu sabia que conseguiria escapar e, para minha surpresa, fui afastado da frente de combate para retomar os meus estudos de medicina. O resto dos meus companheiros marchou depois que o cerco russo foi rompido e, em Estalinegrado, chegaram ao fim. O facto de eu ter sido poupado foi algo em que meditei longa e profundamente.

Enquanto estudante de medicina, fui transferido para o Corpo Médico. Obojan é uma cidade situada entre Kurk e Charkow. Durante a época do meu estágio médico, estudei as teorias de pensadores e mestres espirituais do Ocidente. Aceitei o desafio do grego Heraclito, que me falava do sexto século a.C.: "Tu não descobririas os limites da alma mesmo que, para isso, trilhasse todos os caminhos — tal é a profundidade do seu significado."[5]

[5] Consultar a respeito a obra de John Sallis & Kenneth Maly, *Heraclitean fragments* (University of Alabama Press, 1980), Fragmento 45, p. 62. Este é um volume que acompanha o seminário Heidegger/Fink sobre Heraclito.

Encontrei, em Carl Gustav Jung, ecos dessas palavras quando ele escreveu: "Ninguém pode dizer onde o homem acaba. Essa é a beleza de

tudo. O inconsciente do homem só Deus sabe até onde pode chegar. Lá, estamos a ir para fazer descobertas."[6]

[6] Jolande Jacobi, org., *C.G. Jung: Psychological Reflections: A New Anthology of his Writings* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1953, 1970), p. 28.

Muitos dos meus colegas confessam-se cansados de aceitar, como científicos, pontos de vista religiosos e, no entanto, qualquer atitude que tomemos, que resulte da observação e da interpretação da vida, pode, na minha opinião, ser chamada de científica ou de filosófica. Os cientistas não podem deixar de ser filósofos porque, mesmo diante da mais cuidadosa experiência, é preciso tirar conclusões.

Desenvolvem-se teorias que, em última análise, influenciam linhas de pensamento concernentes ao nosso mundo, ao que ele é, para onde está a marchar. Essas conclusões um dia tornar-se-ão parte de uma filosofia. As afirmações de Einstein a respeito do tempo e do espaço não poderiam ficar restritas a uma embalagem tão pequena quanto a ciência pura. Ele estava a falar da essência do universo; portanto, de filosofia, de religião.

A minha formação é a de cientista e, no entanto, não posso explicar a consciência. A ciência está a desvendar pequenos fragmentos dessa grande unidade energética que denominamos consciência. Não podemos divisá-la senão pelos seus efeitos. Algumas pessoas pensam que ela se manifesta a partir de uma área do cérebro, mas será que isso prova que a função da consciência é puramente cerebral, ou algo que atua através do cérebro?

Em épocas remotas, não havia essa visão seccionada de ciência e filosofia. Há 2.500 anos, Heraclito, o filósofo/cientista, disse: "O universo é gerado, não pelo tempo, mas pelo pensamento."[7]

[7] Comentários sobre um fragmento dos *Ensinamentos de Heraclito*, na obra *Doxographi Graeci* (1879), organizada por H. Diels, pp. 273-444.

Neste século, Sir James Jeans, cientista britânico, repetiu: "O universo começa a parecer-se mais a um grande pensamento do que a uma máquina."[8]

[8] James Jeans, *The Mysterious Universe* (Nova Iorque: E.P. Dutton, 1932), obra citada no livro de Michael Talbot, *Mysticism and the New Physics* (Nova Iorque: Bantam, 1981), p. 16.

Recentemente, o trabalho de Sir John Eccles, neurofisiologista australiano, que ganhou o Prémio Nobel, lembra que uma energia não-material (pensamento, consciência) aciona o cérebro físico, que é apenas o recetor e não o criador das ideias.[9]

[9] John Carew Eccles e Daniel N. Robinson, The Wonder of Being Human: Our Brain, Our Mind (Nova Iorque: The Free Press, Macmillan Co., 1984), p. 162.

Com relação a esse ponto de vista, Eccles não está sozinho entre proeminentes cientistas. A importância dessa experiência reside no facto de que ela constrói uma ponte entre pontos de vista científicos e filosóficos. [10]

[10] Jennifer Boeth, "God, Mind, and Free Will: The Scientific Evidence", entrevista com Sir John Eccles, neurofisiologista ganhador do Prémio Nobel (Self-Realization Magazine, Vol. 55, no 3, Verão, 1984), p. 37.

Embora afastados por um grande espaço de tempo, cada um desses homens ousou olhar a vida com os próprios olhos e também com o poder da intuição para chegar a uma realidade mais profunda, escondida por trás da superfície do nosso mundo.

Se não fizermos uso de todas as faculdades da nossa mente, de conhecimentos científicos, e se não procurarmos o significado profundo das coisas, não entenderemos a natureza da vida, nem a morte, nem a consciência.

Comecei o meu estágio médico, como residente, na Universidade Johann Wolfgang Goethe em Frankfurt sobre o Main. Optei pela secção de patologia porque achei que seria importante para mim ver e sentir as alterações patológicas dos órgãos doentes e estudá-las ao microscópio. Acompanhar, dessa forma, o desenvolvimento de uma doença causa no nosso cérebro uma impressão duradoura. Esse treino pôs-me também em contacto com pontos de vista patológico-celulares da medicina, expostos por Virchow e seus contemporâneos.

Da patologia, passei à cirurgia. Eu queria estar apto a realizar intervenções cirúrgicas triviais ou de considerável importância. Acho que todo médico deveria saber como fazer uma apendicectomia, se necessário.

Nos anos seguintes, especializei-me em Medicina Interna, campo que escolhi, na Clínica Médica da Universidade de Frankfurt. Nesses anos, tive a sorte de usufruir de uma excelente amizade com um dos meus professores, o professor Gustav Schmaltz, já falecido, que fora discípulo de Jung e um dos grandes no campo da psicologia analítica e da medicina psicossomática. Com ele, e sob a sua orientação, estudei as causas psicossomáticas das doenças e eu mesmo, como treino, submeti-me à psicanálise. O meu diploma universitário terminava com a seguinte declaração: "... e estudou, com brilhantismo, as causas psicossomáticas das doenças."

Depois de receber o diploma da junta de Medicina Interna da Alemanha, tive de optar entre abrir um consultório ou assumir o cargo de cirurgião num grande hospital. Não optei por nenhuma dessas alternativas e, depois de me casar, vim para os Estados Unidos. A lei americana exigia internato e

residência, requisitos que preenchi, além de defender uma tese de pós-graduação na Universidade de Nova Iorque, no Bellevue Medical Center. Depois de obter o visto de permanência da Califórnia, decidi criar lá a minha família e passei a clinicar por conta própria. O meu treino e os meus estudos de psicossomática não só me ajudaram na minha terapia, como também me proporcionaram um relacionamento muito mais íntimo com os meus pacientes.

Hoje em dia, a medicina moderna está cada vez mais convencida de que as reações provocadas pela tensão emocional constituem a causa fundamental das doenças. Afortunadamente, os conceitos postulados pelos grandes médicos da Antiguidade estão hoje de volta, com um novo nome: Medicina Holística. O corpo, a mente e a alma estão mais uma vez a ser considerados como uma unidade. A tendência atual é a de uma abordagem dinâmica voltada, tanto no diagnóstico como no tratamento, para os subtis campos elétricos e os impulsos do ser humano.

Os meus estudos de acupunctura abriram novos caminhos na minha mente, a respeito da relação do corpo com esses invisíveis mas poderosos campos humanos. No meu desejo de chegar a uma compreensão mais profunda do ser humano, acrescentei também à minha prática a hipnose e comecei a vasculhar os intricados mundos ocultos na mente.

A hipnose tem sido praticada entre nós há séculos, mas só recentemente foi reconhecida pela classe médica dos Estados Unidos. Um dos seus pioneiros neste país, o médico William Kroger, foi um dos meus mestres.[11]

[11] *William Kroger, Clinical and Experimental Hypnosis (Filadélfia: J.B. Lippincott, 1963); William Kroger e William Fetzler, Hypnosis and Behavior Modification: Imagery Conditioning (Filadélfia: J.B. Lippincott, 1976).*

Há muitas interpretações erróneas no tocante à hipnose, mas, nas mãos de um profissional experiente, ela pode suscitar um padrão mental positivo e tem sido adotada para apressar o processo de cura. A hipnose não é um estado de dormência, mesmo sendo o seu nome derivado da palavra grega *hypnos*, que quer dizer "sono". Trata-se, pelo contrário, de um estado alterado de consciência no qual se experimenta uma intensificação da concentração e da perceção. Os ritmos alfa encontram-se muito mais pronunciados na hipnose do que no estado de dormência.

A profundidade da hipnose depende da estrutura da personalidade, da motivação e do grau de sugestionabilidade da pessoa, assim como da perícia e da experiência do hipnotizador. Os estágios mais conhecidos da hipnose são os de transe leve, médio e profundo. No transe leve, chega-se a um completo relaxamento (catalepsia dos olhos e dos membros); no transe médio, pode-se suscitar simples sugestões pós-hipnóticas, e podem

ocorrer mudanças de personalidade, amnésia ou anestesia. No transe profundo, o ritmo cardíaco e respiratório torna-se mais lento. Mesmo operações importantes são exequíveis nesse estágio, devido ao tempo de duração da anestesia.[12]

[12] William Kroger, na obra Clinical and Experimental Hypnosis, relata uma tireoidectomia (cirurgia da tiroide) realizada sob anestesia hipnótica. Acredita-se que este seja o primeiro caso desse tipo a ser relatado. Um documentário deste caso pode ser alugado na Wechsler Film Co., sediada na Rua Seward 802, em Hollywood, Califórnia, 90038. Escreva, se desejar mais detalhes.

A regressão no tempo é, comumente, realizada em transe profundo. O grau de regressão atingido depende sobretudo da profundidade da hipnose. O paciente pode trazer à tona certo período da sua vida; padrões de conduta bloqueados devido à tensão emocional podem ser libertados, e as más escolhas feitas no passado podem transformar-se em soluções positivas. Em caso de verdadeiro e completo revivescimento, o transe é muito mais profundo.

O paciente torna a viver um momento da sua vida, ou de uma vida passada, com todo o seu drama, como se aquilo estivesse a acontecer naquele momento.[13]

[13] André M. Weitzenhoffer, General Techniques of Hypnotism (Nova Iorque: Grune & Stratton, 1957), pp. 384-385.

Isso aconteceu com Charles Roberts. Desejo mais uma vez reiterar que a hipnose, em si, não constitui terapia, mas, secundada por um médico especialista, pode ser de valor incalculável no sentido de usar a capacidade que o próprio paciente tem de se curar.[14]

[14] Spiegel e Spiegel, Trance and Treatment: Clinical Uses of Hypnosis (Nova Iorque: Basic Books, 1978), p. 20.

A medicina, a psiquiatria e a psicologia constituem as áreas adequadas para o desenvolvimento da hipnose. Elas têm em conjunto sido utilizadas esporadicamente, e numa base limitada, por profissionais médicos deste país. Barbara Brown, Ph.D., escreve: "É como se a medicina tivesse medo do poder latente da mente."[15]

[15] Barbara Brown, New Mind, New Body (Nova Iorque: Bantam Books, 1974), p. 439.

Notícias vindas da Rússia revelam, no entanto, que a hipnose é amplamente usada em todo o país por milhares de psicólogos experientes. Têm-se descoberto as causas emocionais de várias doenças cujas raízes estão no subconsciente.[16]

[16] Henry Gris & William Dick, The New Soviet Psychic Discoveries (Nova Iorque: Warner Books, 1978), p. 343.

Essa terapia pode ajudar a estabelecer condutas mentais positivas. Está a tornar-se evidente que o complexo humano que chamamos homem ou mulher tem a capacidade de se curar a si mesmo em muitos níveis. O caminho tem de estar em nós. Eu sei disso. E eu sei que São Lucas estava certo quando afirmou: "Nem eles dirão Olhem aqui! ou Olhem acolá!, pois, eis que o Reino de Deus está dentro de vós."[17]

[17] Lucas 17:21, versão da Bíblia do Rei James.

A REGRESSÃO HIPNÓTICA E VIDAS PASSADAS — PROCURO OS LIMITES DA ALMA

Durante os anos em que pratiquei medicina, tive a oportunidade de observar planos variáveis de consciência. O emprego que fiz da hipnose levou muitos dos meus casos de regressão ao que pareciam ser outras vidas, além da esfera de ação da vida atual do meu paciente. Isso transformou-se numa parte vital da pesquisa sobre as causas da doença do homem.

Fui constantemente surpreendido pelos níveis infinitos da perceção humana, e acredito que estamos apenas a começar a abrir as portas do conhecimento quanto ao que a consciência realmente é. A ciência apresenta teoria após teoria sobre o cérebro, mas nenhuma delas explica adequadamente por que a crença numa alma imortal está tão arraigada na mente humana.

Dados sobre aparentes reencarnações acumularam-se nos meus arquivos, e tive de esclarecer dúvidas que surgiam, referentes à regressão hipnótica. O que resta depois da morte do corpo? Qual é o eu verdadeiro? O que é personalidade?

Estou entre os que acreditam no renascimento, mas a minha formação inicial não me preparou para essa crença. No entanto, em algum ponto profundo da minha consciência, isso parecia constituir uma parte de mim. Houve muitos momentos na minha vida em que, inconscientemente, demonstrei essa convicção.

Quase no fim da II Guerra Mundial, quando eu estava a servir num ambulatório médico improvisado, vi-me sozinho diante de um rapaz de dezassete anos que havia perdido uma perna durante a retirada do exército alemão. O ferimento estava infetado e ainda não tínhamos penicilina. A infeção aumentara e ele estava numa situação bem crítica. Era véspera de Natal e ele estava sozinho. Sentado à sua cabeceira, eu enxugava-lhe com

uma esponja o rosto suado, pálido e infantil. Subitamente, ele abriu os olhos.

O olhar que me dirigiu foi um olhar de infinita confiança, e era tão intenso, que jamais esquecerei — como se a sua alma estivesse a fundir-se na minha. "Estou a morrer", disse ele. "Sei que estou. Diga-me — mas diga-me a verdade: O que acontecerá com a pessoa que eu fui? Sou tão jovem, há tanta coisa que eu não sei. A minha alma ficará na Terra, depois da minha morte? Ela assumirá um novo corpo? O que acontecerá à minha família?"

Olhei para o céu de um azul noturno. "Sim", ouvi-me a dizer. "Acredito que tu terás a oportunidade de saber tudo o que precisas. Acredito que a alma retornará, e retornará para aprender e passar por uma série de experiências."

Um sorriso transformou o rosto do meu jovem amigo. A alma da qual falávamos partiu tranquilamente. Abri a janela e olhei as estrelas. Elas haviam sorrido para mim durante as noites geladas da Rússia, transmitindo-me uma paz incomum. A mesma paz que senti então, ao olhar aquele rapaz que havia sonhado ser homem algum dia e que havia deixado esta vida sem amargura, por saber que não era o seu fim.

Nos anos que se seguiram, a minha própria consciência procurou expandir-se. Desde a minha infância, senti-me fascinado pela possibilidade de haver matérias físicas e mentais que pudessem permitir vislumbres de uma realidade mais ampla. Paul Brunton descreve a experiência do despertar da sua consciência ao encontrar o sábio hindu, já falecido, Ramana Maharshi:

"Só sei que um constante rio de serenidade parece estar a fluir junto a mim, que uma grande paz está a penetrar nas profundezas do meu ser e que o meu cérebro, torturado pelos pensamentos, está a começar a conhecer algum sossego."[18]

[18] Paul Brunton, Yogis (Wolfgang Krueger Verlag, Berlim, 1937). Esse livro é encontrado em inglês, com o título A Search in Secret India (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1970, 1985), p. 141.

Depois da guerra, enquanto eu ainda buscava uma explicação para esse fenómeno, encontrei um livro intitulado *Autobiografia de um Iogue*, escrito por Paramahansa Yogananda, que respondeu a muitas das minhas perguntas. Estudei as suas lições, que foram de grande importância para o meu desenvolvimento.

Muitos anos depois, uma série de extraordinários factos levou-me ao sul da Índia, onde conheci Sri Sathya Sai Baba, considerado por muitos como um dos mais expressivos líderes espirituais da actualidade. O encontro foi

um incidente que não consigo explicar em termos lógicos. A experiência pode ser comparada com a de Carl Friedrich von Weizsäcker, director do Instituto Max Planck de Munique, quando se ajoelhou diante da tumba de Ramana Maharshi e apreendeu no mais profundo do seu ser: "Eu soube imediatamente — é isso. Todas as perguntas estavam respondidas. Era lá que estava a sabedoria. Agora, eu era uma pessoa completamente diferente. Eu era quem eu sempre havia sido."[19]

[19] Carl Friedrich von Weizsäcker, Der Garten des Menschlichen [O Jardim da Condição Humana] (Munique & Viena: Hanser Verlag, 1978), p. 595.

Tendo enveredado por caminho tão controverso, achei necessário examinar de perto teorias alternativas que explicassem o que parecia ser, sob hipnose, memórias de vidas passadas. Talvez essas memórias fizessem parte de uma grande exposição de quadros do subconsciente humano que podia ser visitada através da hipnose. Talvez a própria alma representasse, sob o disfarce de vidas passadas, o psicodrama dos seus próprios problemas.

Frequentemente, esses episódios pareciam trazer à tona as raízes dos problemas para serem submetidas à mente superior do paciente. Presenciei notáveis curas físicas e mentais depois de uma regressão bem-sucedida.

Acredita-se comumente que a teoria da reencarnação seja um conceito do Oriente, mesmo tendo filósofos do Ocidente, durante séculos, considerado a possibilidade de uma evolução através do renascimento.[20]

[20] Por exemplo, Platão, Voltaire, Goethe, Emerson, Nietzsche, Lessing, Carlyle, Schiller, Schopenhauer, Blake e muitos outros.

Descobri, recentemente, uma notável explicação teórica acerca da imortalidade num velho relatório da Universidade de Yale.

Pelo facto de a muitos de nós ter sido ensinado que só podemos ter uma experiência de vida através do corpo, passámos a identificar vida com corpo. Sendo assim, a destruição do corpo parecia o fim. Devido a uma escola de pensamento que acha que o estado anímico é um estado de emoção ou mesmo de fantasia, e que a matéria é a única realidade, muitas pessoas hesitam em deixar de lado essa ideia.

Ela dá a impressão de representar a lógica, a segurança e um caminho para o sucesso material. No entanto, filósofos e físicos dizem-nos que o universo não é apenas formado de matéria, que existem também outras realidades, que a matéria não é necessariamente matéria, embora a percebamos assim.

Se partirmos do pressuposto de que é a alma que incute vida ao corpo e não o corpo que gera a vida, então, temos de chegar à conclusão de que a alma pode existir sem o corpo, de que ela existia antes de ocupar o seu invólucro atual e de que antes vivera muitas vidas semelhantes. A ciência moderna descobriu que a soma total de matéria e de energia é constante. Se o universo preserva a sua mais ínfima manifestação, a saber, a matéria, não se seguiria daí que ele preservaria a sua mais alta manifestação, a saber, a consciência humana?[21]

[21] *J. Paul Williams (Prof. Mt. Holyoke College), "Belief in a Future Life", Yale Review, Primavera, 1945, p. 283.*

Mas por que não nos lembramos das vidas passadas? Eu diria que seria muito confuso se as lembrássemos. Isso, de muitas maneiras, pode até mesmo ser perigoso e prejudicar o nosso processo evolutivo. Lembrar essas experiências pode ativar um subsistema que poderia afetar de forma negativa a personalidade de uma pessoa. Estou assustado diante da tendência atual em favor da regressão, especialmente se levada a cabo por profissionais não qualificados.

Podem ocorrer graves abusos quanto a informações sobre supostas vidas passadas transmitidas de uma maneira irresponsável. Leituras psíquicas de vidas passadas baseiam-se em estados de consciência ainda não plenamente compreendidos. Essas leituras podem derivar de medos, de esperanças e até mesmo de lembranças ocultas nas vidas passadas das pessoas.

Andei a examinar alguns livros populares a respeito de regressão. Enquanto alguns são orientados por um forte sentimento de ética e responsabilidade, outros não o são. Com bastante frequência, uma pessoa pode fixar-se em algum período dramático da sua vida passada enraizado na mente e ficar obcecada por relações imaginárias. Isso pode provocar não só uma terrível tensão como problemas nos seus relacionamentos atuais. E ainda é muito comum usar a memória das vidas passadas como um instrumento de manipulação.

É óbvio, portanto, que a memória das vidas passadas fica oculta da maioria de nós por uma ótima razão. Não precisamos lembrar-nos de dívidas ou de vínculos com outros seres para resolvê-los satisfatoriamente. Precisamos apenas tentar agir de acordo com os princípios ditados pela boa conduta e pela bondade.

Eu acredito que a regressão feita segundo critérios corretos pode acelerar o tratamento e expandir o leque do conhecimento humano, além de responder a questões a respeito da ação recíproca entre nós mesmos, dos nossos objetivos de vida e das nossas motivações. Se a reencarnação faz parte da lei natural, devemos então persistir no seu estudo com todos os recursos válidos à nossa disposição.

Agora, eu gostaria que conhecessem Charles Roberts. O seu caso retrata um incrível potencial de regressão a vidas passadas. Iremos com Charles a outras existências possíveis e encontraremos personalidades que parecem ter contribuído para a concretização do Charles Roberts de hoje. Seremos apresentados ao sábio que existe dentro dele e que pode estar relacionado com a criatura sábia que existe dentro de todos nós.

CAPÍTULO 2
O ENIGMA DE CHARLES — MUITAS VIDAS?

Ter nascido duas vezes não é mais surpreendente do que ter nascido uma vez.
— Voltaire

Conheci Charles Roberts por via indireta. No outono de 1977, a minha mulher estava parada junto ao balcão de uma livraria de Los Angeles, esperando ser atendida. Uma freguesa estava a falar a respeito de um livro que ela acabara de ler, intitulado *A Matter of Immortality*, de Jess Stearn. Ela dirigiu-se à minha mulher e elogiou com entusiasmo a experiência hipnótica descrita no livro. A minha mulher ficou satisfeita por ouvir isso e comentou que o seu marido se submetera à hipnose que Jess Stearn usara na sua história a respeito da famosa médium Maria Moreno. A mulher comprou mais cinco exemplares e correu para contar o facto às suas amigas.

Então, uma moça muito bonita aproximou-se do balcão. Ela ouvira a conversa e perguntou à minha mulher o que achava da hipnose. Perguntou, hesitante, se eu fazia regressões e se havia uma longa lista de espera para marcar consulta. Ela prosseguiu dizendo que o seu marido tentara a hipnose devido a um tipo de comportamento agressivo que ele não podia entender. Talvez a regressão hipnótica pudesse ser a chave reveladora de uma experiência passada — fosse nesta ou numa vida pregressa, disse ela.

A minha mulher sentiu-se atraída por aquela moça bonita e frágil e deu-lhe o número do meu telefone. O seu marido, realmente, ligou para o meu consultório algumas semanas depois, e lembro-me de ter censurado a minha esposa na manhã seguinte, durante o pequeno-almoço. "Desde quando é que me mandas pacientes que conheces quando sais para fazer compras?"

Uma semana depois, vi Charles pela primeira vez. O homem que entrou no meu consultório nesse dia, em Novembro de 1977, não era diferente nem fisicamente distinto de qualquer outro paciente que eu havia visto antes. Tinha trinta e um anos e exibia, confiante, a sua bela aparência morena. Ao relatar a sua história, adiantou que o seu pai era descendente de escoceses e que a sua mãe era mexicana. Vinha de uma sólida família trabalhadora, crescera em Los Angeles e abandonara a universidade depois de três anos

porque achou os estudos de engenharia muito limitados. A sua verdadeira vocação, confessou, era o canto, que cultivava mais ou menos profissionalmente.

Tendo casado em 1965, precisava de uma renda segura e arranjou emprego numa grande cervejaria. Viajou uma vez à Europa, durante quatro semanas, e visitou a Áustria, a Suíça e a Alemanha. Nunca esteve na Inglaterra, na Irlanda nem na China, três países que se tornarão importantes durante o desenrolar da sua história.

Na nossa primeira sessão, compreendi que Charles precisava de ajuda para controlar violentos acessos de cólera, que se haviam transformado numa ameaça ao seu casamento e ao seu emprego.

Tentativas anteriores feitas com hipnose não conseguiram melhorar o seu estado, e eu não estava certo de que pudesse ajudá-lo, mas, mesmo assim, queria tentar.

Assim que começámos a sessão, surpreendi-me com o facto de Charles passar imediatamente a uma vida anterior, omitindo por completo as experiências da sua vida atual. Eu não levaria um paciente a uma tal situação, mas lá estava ele, subitamente, em meio a uma vida turbulenta, como rebelde irlandês, no ano de 1723, expressando-se com inconfundível sotaque irlandês, contando-me as suas horas finais de agonia nessa vida.

Lamento não ter gravado então essa primeira sessão. Qualquer relatório que eu pudesse fazer da vida na Irlanda, que Charles estava a descrever para mim, constituiria uma pálida imagem comparada à força dramática do original. Poucas vezes fui tão afetado por alguma coisa como pela descrição minuciosa, feita em transe profundo, da sua tortura e morte no ecúleo, por obra de soldados ingleses. Havia na sua voz um ódio de deixar qualquer um gelado.

A minha mulher transcreveu no seu diário a minha reação a essa sessão: "Eugene chegou a casa agitado. Durante algumas horas, não abriu a boca. Quando o fez, apenas mencionou que Charles tinha mergulhado diretamente no que parecia ser uma vida passada. Tendo testemunhado o desespero dessa vida, assim como a indescritível agonia que a ela pôs termo, Eugene imaginava se teria vontade de hipnotizá-lo novamente."

Mas foi o próprio Charles que quis prosseguir com a hipnose. Ele sentiu que o que acontecera na nossa primeira sessão o aliviara um pouco da sua inquietação interior. Mesmo a sua mulher, quase de imediato, começou a perceber uma mudança para melhor.

Então continuei a trabalhar com ele, tendo o cuidado de, pelo menos durante certo tempo, evitar mencionar a vida na Irlanda e, pelo contrário, dirigir a sua atenção para outras vidas que o seu subconsciente pudesse querer explorar.1

[1] Sempre que tive de fazer Charles reviver o tempo de torturas na Irlanda, certifiquei-me de que ele o encararia fria e objetivamente, sem passar pela agonia da dor.

Nas semanas que se seguiram, conheci várias personalidades anteriores de Charles: como Aliena, uma índia mexicana de 17 anos (não havia referência a datas); como Chang Lu, administrador de uma paróquia na China, em 1422; como Jonathan Mikter, fazendeiro alemão que vivia nos bosques montanhosos perto de um lugar que ele chamou de Wildeman (não havia referência a datas); como Otaviano, soldado romano, que viveu no ano 23 d.C.; e como Ranta, um cientista da Atlântida.

As vidas mais interessantes de todas foram as que viveu como Colin O'Brian, rebelde irlandês, e como James Stewart, banqueiro, na Inglaterra do século XIX. Essas existências eram suficientemente recentes para serem investigadas com cuidado, o que pude fazer quando viajei com a minha esposa, Maya, e a minha filha, Nicole, para a Inglaterra e depois para a Irlanda, com a intenção de verificar as coisas que James Stewart e Colin O'Brian me haviam dito a respeito das suas vidas. A completa transcrição das sessões com James Stewart e das sessões que realizei depois com Colin O'Brian estão aqui consignadas, junto com a intrigante trilha de pesquisas que segui na Inglaterra e na Irlanda.[2]

[2] Não pudemos achar um lugar chamado Wildeman no mapa da Alemanha. Um ano depois, ao pesquisar a respeito de estações de águas alemãs, descobri, inesperadamente, um lugar chamado Wildemann. O lugar era isolado e pouco conhecido. É uma vila nas montanhas Oberharz, cercada por uma densa floresta de pinheiros. A área está localizada em Thüringen, que, então, pertencia à Alemanha Oriental. Wildemann, uma vila de 1.400 habitantes, é usada como estação de águas.

REGRESSÃO HIPNÓTICA — VIDA NA IRLANDA

3 de Julho de 1977

P: Qual é o seu nome?

R: Cook. Cowell — Cowen?

P: Pode soletrá-lo para mim, por favor?

R: O-B-r-i-a-n.

P: Esse é o seu nome completo?

R: Colin. C-o-l-i-n. Colin O'Brian.

P: Qual a sua idade?

R: Tenho dezanove anos, senhor.

P: Onde está agora?

R: Perto do estábulo.

P: Está numa vila? Sabe o nome do lugar?

R: Donegal.

P: Pode soletrar essa palavra?

R: D-o-n-e-g-a-l.

P: Onde fica?

R: Na Irlanda.

P: Perto de Dublin?

R: Bem longe dela.

P: Ela fica do mesmo lado do mapa em que fica Dublin?

R: Está do outro lado.[3]

[3] Nesta resposta, Charles Roberts, como nota o autor, usou uma expressão tipicamente irlandesa para se referir ao outro lado da cidade: "odd side", em vez de "other side".

P: Do outro lado?

R: Sim.

P: O que está a fazer neste momento?

R: Estou a esconder-me dos malditos ingleses num estábulo.

P: Num estábulo? Por que fala em "malditos ingleses"?

R: Bem, eles estão a perseguir-me há dias.

P: Por que estão a persegui-lo?

R: Partindo do princípio de que matei uma porção dos seus soldados, digamos que eu esteja em primeiro lugar na lista de prioridades deles.

P: Qual é a sua profissão?

R: Sou agricultor — mas, nestas condições, não se pode ganhar a vida...

P: Então, o que faz?

R: Cumpro o meu dever!

P: E qual é?

R: Matar os malditos ingleses!

P: Com dezanove anos, e já a matar os ingleses?

R: Eu não estou sozinho nisso.

P: Quem está consigo agora?

R: Muitos; precisamos de livrar esta área dos ingleses. Eles estão a roubar-nos o sustento. Eles estão a matar-nos de fome! Isso não pode continuar! Precisamos de nos livrar deles, e logo. Eles trouxeram a peste para estas plagas. Nunca nos curaremos — nunca teremos nada enquanto eles não se forem embora. E eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para conseguir isso.

P: Como é que vocês lutam?

R: Somos civis que pegamos em armas. Temos organizações em todas as cidades, de Armagh a Dublin.

P: É um dos líderes desta luta?

R: Sou.

P: Tão jovem, com apenas dezanove anos, e já era um líder?

R: O que é que está a dizer — se eu era?

P: Quando nasceu?

R: 1704.

P: Quando foi para a escola?

R: Eu nunca fui à escola em toda a minha vida!

P: Os seus pais estão vivos?

R: Estão mortos há anos. Pobres coitados! A minha mãe matou-se de tanto trabalhar — ela só tinha 34 anos.

P: Por que tinham de trabalhar tão duramente? Eram escravos?

R: Tentando conservar a sua propriedade. Tentando manter o que tinham, com aqueles impostos...

P: Que idade tinha o seu pai quando morreu?

R: Era moço. Ele tinha 38 anos quando o mataram.

P: Tem irmãos ou irmãs?

R: Um irmão ainda está vivo; os ingleses caçavam-no anos atrás. Nunca mais ouvi falar dele...

P: Era um rebelde...

R: Eu SOU um rebelde! Eu sou um dos insurretos![4]

[4] Quando perguntei no passado "Era um rebelde?", Charles, em transe profundo, corrigiu-me, em voz alta, como se se tivesse sentido ofendido. "Eu sou um rebelde", disse ele. Isto mostra-nos, uma vez mais, o seu envolvimento emocional com tempos passados e com a sua personalidade passada de rebelde. Por outras palavras, na regressão, o passado torna-se presente.

P: É muito conhecido?

R: (Riso contido) Acho que sim... (de novo riso contido)... Dormi em todas as casas da cidade. Mas eu causo muitos problemas para eles, o que me deixa... muito preocupado. E eles já têm bastantes problemas.

P: Pode dizer-me o nome de uma batalha importante?

R: Ah, homem! Os nossos encontros são escaramuças. Escaramuças! E todas são importantes.

P: Sabe o nome do seu líder?

R: Bem — são muitos... O Sullivan, Sully. Ele vem...

P: Vem e traz-lhe ordens? Há um quartel-general?

R: Em Dublin. Temos o Tully, Andy, Andrew Tully.

P: É um dos seus líderes?

R: Sim, e também Michael...

P: Pense agora numa luta importante. Pode dizer-me o ano?

R: 1723.

P: Vocês ganharam?

R: A essa altura dos acontecimentos, infelizmente, perdemos muita, muita gente boa — mulheres e crianças — muito mais do que ganhámos. Mas nós venceremos. Temos de vencer. Deus está do nosso lado. Ele está a nosso favor. Você não vê? Homem, precisamos de nos livrar desses malditos ingleses.

P: Há quanto tempo estão a lutar?

R: Há muitos anos, homem. Há muitos, muitos anos. Queremos libertar-nos dos ingleses. Tudo o que pedimos é que nos deixem tranquilos. Eu sou um homem pacífico. Mas não posso tolerar mais esta situação! O meu pai foi morto pelos ingleses; não tenho dúvidas de que serei morto por eles, mas preciso de continuar esta luta.

P: Há quanto tempo está a lutar contra eles?

R: Tenho lutado toda a minha vida, senhor.

P: Já foi ferido?

R: Sim, muitas vezes.

P: Esteve preso?

R: Muitas vezes.

P: Onde isso se deu?

R: Este ano foi na paliçada.

P: Que partes do seu corpo foram feridas?

R: Fui ferido três vezes, senhor. Duas vezes no braço e uma vez na perna. Isso para não mencionar as surras sem conta.

P: E as doenças?

R: Temos doenças infeciosas. Pestes constantes, das quais não podemos livrar-nos. Os ingleses pouco se importam com o quanto ficamos doentes. Provavelmente, querem que todos morramos — economizariam um ou dois cartuchos de munição...

P: Quanto tempo esteve na prisão?

R: O maior período em que me conservaram prisioneiro foi de três meses. Não puderam provar nada — até agora.

P: O que querem saber por seu intermédio?

R: Oh, em primeiro lugar, o nosso ponto de encontro. Também de onde partem as nossas ordens, quantos somos, quantos são — mas isso eles não saberão por meu intermédio...

P: Faz muitos discursos?

R: Não há necessidade de muito discurso para inflamar esta gente, homem!

P: Não?

R: Não nas atuais condições. Eles não nos deixarão em paz. Vão carregar-nos de impostos até que não reste nada. Eles tratam-nos pior do que a animais. Cospem em nós na rua. Dão-nos pontapés quando nos encontram. Eles despojam o homem de toda a sua dignidade. Aproveitam-se à vontade das nossas mulheres... Maltratam as nossas crianças. Eu não vou aguentar mais isso, e matarei cada um desses desgraçados, eu juro!

P: É casado?

R: Ah, não! Não tenho tempo para isso, homem. Não tenho tempo para isso.

P: Atua sobretudo nesta área?

R: Eu fui até Dublin, organizando no caminho as pequenas cidades, convencendo os homens de que precisavam de aderir à causa e pegar em armas.

P: Quais são as suas armas?

R: Espingardas, espadas, forcados, pedras — usamos tudo o que nos cai nas mãos. Estamos pouco armados. E agricultores não foram feitos para serem soldados. É quase impossível fazer deles guerreiros — mas fá-lo-emos. Talvez eu não viva para ver isso, mas Deus sabe que isso acontecerá. E que nos livraremos dos malditos ingleses!

P: Acredita em Deus? Vai à igreja?

R: Acredito em Deus, sim. Mas não ponho o pé na igreja há muitos anos, e Deus sabe que não porei...

P: Por que odeia a igreja?

R: Tudo o que eles nos dizem é que cooperemos com os ingleses! Pregam que esse é o caminho para o Senhor! Maldigo o dia em que eles se apossaram das nossas igrejas.

P: Diga-me alguma coisa a respeito da cor verde...

R: Pois não, homem! Acredite... eu uso uma tira no braço, uma tira verde. Isso significa que sou um dos que lutam. Não posso mostrá-la quando ando pelas ruas, mas eu uso-a constantemente, sob o casaco.

P: Onde está a viver ultimamente?

R: Tenho vivido no porão da minha casa há muito tempo.

P: Na adega?

R: Não, homem. Debaixo da casa. Num abrigo subterrâneo.

P: Como é que come?

R: Amigos trazem-me comida. Se os ingleses soubessem onde estou, eu estaria, neste momento, nas paliçadas. Tenho sorte de ter conseguido ficar vivo. Deus sabe que eu preciso de ficar vivo para matar esses malditos ingleses.

P: Agora inspire e expire bem devagar. Quero que me conte como morreu. Isso já não o afeta emocionalmente. Agora está morto. Olhe para baixo e poderá descrever-me como morreu... Quantos anos tinha?

R: Vinte.

P: Pode contar-me como morreu?

R: Fui colocado numa máquina que esticou os meus braços, as minhas pernas e a minha cabeça, que foram sendo arrancados um a um; em

primeiro lugar, o meu braço esquerdo, depois o meu braço direito. A perna esquerda (respirando com dificuldade), o joelho esquerdo, e depois o outro... eu ainda estava consciente... eles atiravam água no meu rosto... e, depois, com uma espada, trespassaram-me o corpo, até que morri... morri...

P: O que aconteceu ao seu corpo? Foi enterrado?

R: Eles atiraram o meu corpo num rio que ficava próximo.[5]

[5] Depois de morrer, a pessoa deixou de se expressar com sotaque irlandês.

P: Então não foi enterrado?

R: Não.

P: Agora relaxe. Inspire e expire lentamente. Agora, os seus pensamentos estão a ir embora; agora, está a sentir-se tranquilo. Pouco a pouco, está a voltar à sua vida atual. Quando eu acabar de contar até quinze, começará a acordar. Um... dois... três...

REGRESSÃO HIPNÓTICA — NORTHAMPTON

29 de Novembro de 1977

P: Qual é o seu nome?

R: James.[6]

[6] O nome foi pronunciado com uma forte modulação da voz, de forma que, soletrado foneticamente, o nome soava como "Ja-y-mes".

P: O seu apelido?

R: Stewart.

P: Stewart?

R: Stewart.

P: Onde mora agora?

R: York. Yorkshire... Yorkshire Road.

P: Que número?

R: Yorkshire 17.

P: Onde fica esse lugar?

R: Em Northampton.

P: E onde fica Northampton?

R: Na Inglaterra.

P: A que distância de Londres?

R: Três dias de viagem.

P: Três o quê?

R: Três dias de viagem.

P: Quando nasceu?

R: Acho que em 1801.

P: Tem outro nome?

R: Edward.

P: Lembra-se do nome do seu pai?

R: William. William Edward. William Edward.

P: O nome da sua mãe?

R: Alice? Isso mesmo, Alice.

P: O que fazia o seu pai?

R: Ele é dono de um banco.

P: Dono de um banco?

R: Sim.

P: E você, o que faz?

R: Eu vou à escola.

P: Sabe o nome da sua escola?

R: Cray... Cra... Kreton, Craiton, great...

P: Dá para soletrar?

R: Creighton.

P: Quantos anos tem agora?

R: Tenho doze anos.

P: Há quanto tempo frequenta essa escola?

R: Eu também frequentei a Draidon School.

P: Mora em casa?

R: Agora moro na escola — é muito longe.

P: A sua escola fica em Northampton?

R: Nos arredores da cidade. Muito longe para ir a pé.

P: O que fazia antes de ir para a escola?

R: Eu ficava em casa quase todo o tempo.

P: Tem uma casa grande?

R: Sim, muito grande.

P: Pode descrever a sua mãe?

R: Bem, ela é miudinha. É muito frágil, bem doente. A mamã está sempre doente.

P: Ela fica de cama?

R: Sim.

P: Quem é o seu médico?

R: O dr. Williamson.

P: Quando era pequeno, também era muito doente?

R: Era.

P: Qual era o problema consigo?

R: Constipações.

P: Constipações?

R: Sempre!

P: Que remédio tomava para a sua constipação?

R: Uma coisa para beber.

P: O dr. Williamson tratava também de si?

R: Williams.

P: Bem, agora está na escola. Quando é que terminou o colégio?

R: Eu ainda não terminei...

P: Agora está com dezasseis anos de idade. Ainda vai à escola?

R: Sim!

P: Agora está com dezassete anos. Ainda vai à escola?

R: Não.

P: O que é que está a fazer agora?

R: Resolvi parar um pouco de estudar para tirar férias de todas aquelas teorias. Estudar! Estou bem cansado de estudar.

P: Então, o que é que está a fazer?

R: Estou a preparar-me para uma viagem a Londres.

P: Já esteve lá antes?

R: Em criança.

P: Que tipo de veículo tem?

R: Bem, temos carruagem e os nossos próprios cavalos.

P: Quantos cavalos?

R: Para uma viagem longa como esta, sempre usamos quatro cavalos.

P: Quanto tempo dura a viagem?

R: Normalmente, três dias. Não queremos forçar os animais, a menos que seja absolutamente necessário.

P: Onde pernoita?

R: Nas estalagens ao longo do caminho.

P: Lembra-se do nome dessas estalagens?

R: Das estalagens da estrada? Não consigo lembrar-me dos nomes. Eram pequenos vilarejos fora da cidade.

P: E onde se dará a sua próxima paragem?

R: Tudo depende dos nossos cavalos. Podemos prosseguir.

P: Muito bem. Agora vou contar até três e estará em Londres. Um, dois, três. Está em Londres. O que vê?

R: Oh, maravilha! Uma cidade maravilhosa!

P: Onde vai hospedar-se?

R: Vou hospedar-me no *All-man's Club* do qual o meu pai é sócio.[7]

[7] O que soava como *All Man's Club* poderia também ser interpretado como *Almack's Club*.

P: É esse o nome do clube? Deve ser famoso.

R: Não sei se poderíamos chamá-lo ou não de famoso...

P: Qual é o nome?

R: Land... existe *land* no nome — não consigo lembrar-me do resto...

P: Tente soletrar...

R: Land. Land, lan, Londres... O Clube Londres.

P: Em que rua fica?

R: Não sei.

P: Conhece outros lugares?

R: Vou ficar a conhecer à medida que os dias passarem.

P: O que é que vai fazer?

R: Como lhe disse antes, estou aqui para me divertir.

P: De que forma?

R: Oh, irei ao teatro, claro, vou fazer algumas compras e olhar as mulheres — isso, claro, virá em primeiro lugar.

P: Tem namorada?

R: Não. Não me dou com mulheres.

P: Vai a bordeis?

R: (Riso contido) Vou.

P: Para fazer sexo?

R: Claro!

P: Nesses bordeis, tem alguém especial? Alguém de quem realmente goste?

R: Não, obrigado. Gosto de variar.

P: Quem está a governar Inglaterra neste momento?

R: Vejamos... Temos um rei, sei disso. Eduardo vem-me à mente. Mas, no momento, é Vitória.

P: Que profissão quer abraçar?

R: Ah, o meu pai quer que eu siga a carreira de banqueiro, mas acho que não gosto dela. Não sei o que vou fazer.

P: Sabe qual é o nome do banco do seu pai? A sua localização?

R: Canterby...

P: Rua Canterby ou banco Canterby?

R: Rua. Caixa Económica.

P: Pode ir de sua casa até lá a pé?

R: São cerca de dois quarteirões adiante.

P: Agora vamos contar até três e estará no banco. Um, dois, três. Está no banco. Está a trabalhar aqui, em que cargo?

R: Sou assistente de contabilidade — e detesto este trabalho!

P: Tem amigos aqui?

R: Não! Eu não suporto esta gente! Vou sair daqui assim que possível.

P: Foi o que fez?

R: Desculpe, não entendi.

P: Vou contar até três agora, e já não estará no banco. Um, dois, três. Está com 25 anos. O que está a fazer agora?

R: Voltei a Londres.

P: A fazer o quê?

R: Nada.

P: 25 anos e não a fazer nada?

R: Nada.

P: O seu pai está a sustentá-lo?

R: Isso mesmo.

P: Tem tido desentendimentos com o seu pai por causa disso? Pelo facto de não estar a trabalhar?

R: Sim, claro, temos tido.

P: Então, saiu de casa.

R: Por algum tempo apenas.

P: Agora vou contar de um a três. Está com trinta anos. Um, dois, três. Trinta anos de idade. O que está a fazer agora?

R: Voltei para o banco.

P: Qual o cargo que ocupa lá agora?

R: Assumi a posição do meu pai, falecido.

P: Quando é que ele morreu? Que idade tinha?

R: Tinha 64 anos.

P: Estava com ele? De que morreu?

R: Sim. De tensão cardíaca; matou-se de tanto trabalhar, coitado.

P: E agora é o banqueiro?

R: Bem, eu recuso-me a colocar-me na mesma posição que o meu pai ocupava. Esse tipo de vida não me interessa. Contratei um empregado para supervisionar o funcionamento do banco.

P: É estimado?

R: Não, claro que não!

P: Claro que não?

R: Isso mesmo. Não suporto esta gente.

P: Serviu o exército?

R: Eu pude, digamos, "pagar para comprar a minha exoneração". O meu pai providenciou isso. Quem neste mundo quer ir para a Índia! Céus!

P: Porquê a Índia?

R: Porque foi onde acabaram os meus colegas que serviram o exército.

P: Entendo. Agora vou novamente contar até três e terá quarenta anos. Um, dois, três. Está com quarenta anos. O que está a fazer?

R: Fiquei mais envolvido neste banco. Eu diversifiquei-o para investimentos.

P: Ganha muito dinheiro?

R: Sim, propriedades, terras...

P: Tem algum hobby?

R: Não.

P: O que faz com o dinheiro?

R: Torno a investir.

P: É casado?

R: Não. Não encontro a mulher certa para mim.

P: Como assim?

R: Precisa compreender. Sou um homem muito rico e qualquer mulher casaria comigo por dinheiro, e eu não posso permitir que isso aconteça.

P: É uma pessoa religiosa? Acredita em Deus?

R: Não. De maneira nenhuma.

P: Quero que agora avancemos no tempo, para a época em que morreu. Quantos anos tem?

R: Creio, creio que tenho 59 anos.

P: Está muito doente?

R: Estou.

P: Sabe o que está a acontecer de errado consigo?

R: Não... estes médicos estúpidos não conseguem esclarecer-me.

P: Está febril? Sente calor?

R: Frio. Sempre muito frio.

P: E é o mesmo médico que está a tratar de si, o dr. Williams?

R: Ó céus, não! Ele morreu há muitos anos.

P: Quem está a tratá-lo agora?

R: O dr. Lavitt.

P: Ele receita-lhe injeções? Comprimidos?

R: Não, ele prescreve-me estas ervas para eu tomar.

P: Isso ajuda-o?

R: Não.

P: Está a morrer. Sabe em que data morreu? Em que estação do ano?

R: Estava frio... era inverno. Acho que de 61. 1861.

P: Onde está enterrado?

R: Estou enterrado num pequeno cemitério.

P: O nome?

R: É de uma igreja.

P: De uma igreja protestante? Sabe o nome?

R: De uma igreja anglicana. Saint James.[8]

[8] Charles pronunciou as palavras "Saint James" com forte sotaque inglês, de forma que James soou como "Ja-y-mes". É possível que ele tenha dito Saint Giles.

P: Saint James?

R: Sim, Saint James.

P: Na sua opinião, a sua vida foi feliz?

R: De maneira nenhuma.

P: Lembra-se de como se sentiu no momento da sua morte?

R: Sentia muito medo no momento da minha morte.

P: Porquê?

R: Eu não era uma pessoa religiosa, senhor.

P: Acreditava em vida depois da morte?

R: Não, de maneira nenhuma.

P: Passou pela experiência de sentir que a sua alma continuava viva depois da morte?

R: Depois de deixar o meu corpo, percebi, antes de mais nada, que ninguém se importou minimamente com o facto de eu ter deixado esta existência. Em segundo lugar, estava com medo e não queria caminhar em direção à luz que me estava a chamar. Fui para o lado oposto, pois não queria afastar-me da zona vital em que estivera a viver. Logo compreendi que estava fora do meu corpo e que não podia mais comunicar-me com os vivos. Experiência terrível. Vaguei pela cidade, fiquei em casa, sem então poder fazer qualquer contacto. Eu podia vê-los perfeitamente bem. Eu tenho o meu próprio corpo, senhor. É um corpo que é meu. Tenho uma ótima aparência. Sou jovem.

P: Quanto tempo ficou a sua alma nesse estado?

R: É difícil contar os dias. Cansei-me dessa vida, quando compreendi que não podia comunicar-me com os vivos. Obviamente, havia mais na vida e na morte do que eu supusera. Decidi acompanhar um sujeito que se dizia meu amigo e conversámos por muito tempo. Ele assegurou-me de que não havia nada a temer, que aquele era um período transitório.

P: Como alma, reencontrou os seus pais?

R: Vi brevemente a minha mãe quando ocorreu a transição. O meu pai veio visitar-me depois. Ele não era uma pessoa religiosa. Estava sempre muito preocupado com o trabalho. Mas sentimos que reencarnaríamos para aperfeiçoar o nosso relacionamento.

P: Mais tarde, encontrou outras pessoas?

R: Ah, sim, muitas. Amigos do colégio... Andrew... Eu reconheci-os. Muitos, muitos...

P: Muito bem. Agora, quero que relaxe. Quando quiser acordar, acordará na vida da sua atual encarnação. Contarei de um a três. Abrirá os olhos e sentir-se-á revigorado. Acordará na sua vida como Charles. Um, dois, três.

PROCURAMOS JAMES STEWART E COLIN O'BRIAN

Corria o verão de 1978. A minha mulher e a minha filha não estavam nada inclinadas a deixar Londres num dia cinzento e chuvoso para caçar fantasmas do passado de Charles. Esse não era o tipo de férias familiares com que tínhamos sonhado, e não podíamos fazer nenhum plano definitivo, porque não tínhamos ideia de onde nos levariam as investigações.

O tempo também exerceu a sua influência sobre nós, e, a partir do meu primeiro olhar sobre a aridez de Northampton, duvidei de que algo de interessante nos esperasse por lá. Nunca achei que seria fácil, ou que

simplesmente tomaríamos um táxi para a Rua Yorkshire no 17, encontraríamos um descendente tagarela da família Stewart, que nos contaria que tudo o que Charles, sob hipnose, dissera era verdade.

Northampton é uma cidade cujas atividades estão ligadas ao couro e à pecuária, dando a impressão de um pequeno centro industrial. Nesse dia específico estava lotada — devido a uma convenção sobre couro. Fomos a diversos hotéis, até que conseguimos um quarto num deles. Assim que pudemos, apanhámos um táxi para nos levar à câmara municipal via igreja de Saint James.

Soube, depois de uma breve pesquisa em Londres, que existia uma igreja de Saint James, exatamente como Charles dissera. O sol começava a aparecer por trás de um céu nublado quando chegámos à igreja. Vi imediatamente que não era aquela que eu procurava. Era um edifício de pedra que não tinha mais de sessenta ou oitenta anos, e havia um cemitério ao seu redor que estava cercado e trancado com cadeado. A igreja também estava trancada.

A nossa segunda deceção foi que a câmara municipal estava fechada. Reabriria depois da hora de almoço, de forma que despachámos o táxi e começámos a andar por Northampton. A Maya tinha bastante confiança na sua ESP para acreditar que talvez pudéssemos ser atraídos para alguns dos lugares que o Charles havia descrito. Fizemos um longo passeio pela cidade, passámos por lojas de couro, por um museu de artesanato em couro e por um lugar onde estava a decorrer uma feira de gado. Perto do museu, no extremo da cidade, passámos por uma igreja grande e rebuscada chamada All Saints.

Embora tivesse um cemitério, eu sabia que aquela não era a igreja do Charles. Por isso, seguimos por um atalho para um relvado verdejante que parecia um lindo parque. Erguida no meio de toda essa beleza natural, estava a igreja de Saint Giles, pelo menos muitas vezes centenária, e tinha um cemitério ao lado. Isso correspondia à descrição que o Charles fizera da igreja e do cemitério próximos à sua casa.

Quando voltámos para ir à câmara municipal, passámos por uma funerária. A Nicole insistiu em que entrássemos. Algumas vezes, os necrotérios possuem velhos arquivos, e ela achou que alguém ali poderia ajudar-nos na nossa pesquisa. De início, dececionámos o proprietário, pois não se tratava de morte na família, já que apenas queríamos uma informação. Um dos funcionários disse que teria muito prazer em dedicar um pouco do seu tempo para nos ajudar.

Pedimos que nos indicasse onde ficava a Rua Yorkshire, mas ele respondeu que não havia nenhuma rua com esse nome, apenas uma Rua York. Perguntámos-lhe se poderia haver outra igreja e cemitério de Saint James. A resposta dele foi intrigante: só existia uma igreja de Saint James.

Pelo facto de não possuir cemitério próprio, as pessoas que morriam nessa paróquia costumavam ser enterradas no cemitério de Saint Giles. Quando Charles disse *Saint James*, ele pronunciou essa palavra como *Saint Jaymes*, e ela soava muito parecido com *Saint Giles*. Quando Charles disse *Jaymes*, não estaria ele, realmente, a dizer *Saint Giles*?

Saímos rapidamente da casa funerária — tão rápido quanto o permitiam as boas maneiras — e voltámos à igreja de Saint Giles. Há 150 anos, ela poderia ter sido a igreja da moda. Entrámos na parte rodeada por uma alta vedação de ferro e verificámos que as lápides que lá existiam haviam sido removidas e agrupadas cuidadosamente de um lado, já não demarcando mais nenhum dos túmulos.

Havia muitas inscrições antigas, e examinámos todas. Agora, porém, estava a chover, e patinávamos na água, frustrados pelo facto de as pedras estarem muito gastas pelo tempo e pelas intempéries. A igreja ainda estava fechada.

Partimos no encalço da Rua York e descobrimos que ficava justamente na esquina de Saint Giles, como Charles dissera que ficava a sua casa em relação à igreja. As casas dessa rua eram muito antigas, algumas suficientemente velhas para terem sido do Charles. Percebemos que aquela tinha sido uma parte do bairro abastado da velha Northampton. A área que incorporava o número 17 havia sido demolida e substituída por construções de tijolo. No entanto, as casas da redondeza correspondiam ao tipo descrito nas sessões de hipnose.

Tanto a Maya como eu começámos a achar que estávamos no caminho certo. Apanhámos um táxi para ir à câmara municipal e lá, novamente, ficámos frustrados ao constatar que os seus registos abrangiam apenas os últimos cinquenta anos. O dono da casa funerária pareceu ser a nossa melhor fonte de informações, de forma que voltámos ao necrotério. Cruzámos com diversos carros fúnebres que para lá se dirigiam, e o local estava fervilhando de atividade.

Dissemos ao dono: "O negócio deve estar a correr muito bem", e ele respondeu: "Ah, sim! Nesta época do ano, morrem com muita facilidade. Infelizmente, não sou o dono. Só trabalho aqui." Para mais informações, ele indicou-nos o vigário de Saint Giles e dispôs-se a telefonar para o vicariato para nos ajudar.

A essa altura, cometemos um sério erro estratégico pelo facto de não termos antecipado uma reação negativa à nossa busca. O vigário, ao que parece, estava de férias, e o nosso amigo coveiro falou com o seu assistente, explicando por que estávamos ali e que eu fazia uma pesquisa sobre reencarnação. O homem, do outro lado da linha, fechou-se como uma ostra. Recusou-se a chamar o vigário. Achei que, se falássemos com ele pessoalmente, ele poderia mudar de ideia. Eu devo ter parecido um

mensageiro do diabo, pois, quando cheguei à casa do assistente do vigário, a sua própria esposa, grávida, não nos permitiu entrar. Fechou-nos a porta na cara, dizendo: "Não, não, não!"

Lamentei ter sido tão estupidamente honesto, e senti-me mal interiormente ante a possibilidade de me ser negado acesso aos próprios registos que eu viera de tão longe examinar. Havíamos sido recompensados com pistas suficientes para subsidiar a nossa obstinação, e decidi subir os degraus da hierarquia eclesiástica até encontrar alguém que nos ajudasse.

Mais tarde, considerei esse episódio da nossa viagem como um teste à minha fé no sucesso dos acontecimentos. No entanto, depois de telefonar para o gabinete do bispo e ser informado de que ele, também, estava de férias, comecei a matutar que talvez eu não devesse, afinal, estar em Northampton.

Voltámos mais uma vez ao nosso amigo coveiro e perguntámos-lhe, desanimados, se havia outro conselho que nos pudesse dar. "Vocês têm que ir à abadia", disse ele. "Eles têm registos de toda a Província de Canterbury."

A Abadia Delapre, séculos atrás, fora um convento; hoje, é um edifício público. Situado num grande parque verdejante, nos arrabaldes da cidade, parecia ser o lugar perfeito para albergar arquivos históricos. Levávamos connosco uma lista de factos potencialmente verificáveis a respeito da vida de James Stewart em Northampton — se esse homem realmente existira.

Estávamos à procura de um banqueiro cuja morte ocorrera, possivelmente, no ano de 1861. Morreu de pneumonia e foi enterrado, ou na igreja de Saint James, ou numa outra igreja vizinha, talvez Saint Giles. Ambas as igrejas ficavam perto da sua casa. Na sua infância, foi atendido pelo dr. Williams, e no seu leito de morte pelo dr. Levitt.[9]

[9] *Transcrevemos as notas baseados no que ouvimos. Algumas grafias dos nomes podem variar, de forma que conservámos essas variações no texto.*

O banco que pertencia ao seu pai ficava a dois quarteirões de sua casa. Quando criança, estudou na Great Creighton School, um colégio para rapazes.

Na abadia, com a ajuda de dois historiadores atenciosos, descobrimos duas listas de endereços. A *Lista Comercial de Slater*, de 1862, e a *Lista Histórica de Mercer & Crocker*, de 1871. Quase imediatamente, descobri uma *Great Creaton School* arrolada sob o título de academias e escolas. Estava situada nos subúrbios da cidade, na aldeia de Spratton. (Durante a última sessão, Charles dissera que era um aluno interno e que precisava andar muito para chegar à escola. Ele também havia mencionado outra escola, cujo nome soou como "Dryton" ou "Dreyton", e que ficava cerca de

três quarteirões da sua casa.) Uma segunda escola, na lista, *Dryden School*, estava localizada a uns poucos quarteirões da Rua York. Fora fundada em 1710 e o prédio aloja, atualmente, o museu de artesanato em couro, que vimos no nosso primeiro dia em Northampton. A *Great Creaton School* já não existe.

Encontrámos referências à Caixa Económica, estabelecida na Praça St. Giles, próxima à Rua York. Ela também já não existe. Até ao momento, a geografia de Charles mostrava-se precisa se admitíssemos que a Rua York da atualidade fosse a Rua Yorkshire. A segunda escola e o banco enquadravam-se dentro dos limites que ele descrevera. Charles disse que o banco estava na Rua Canterbury, mas os nomes das ruas mudaram nos últimos cento e cinquenta anos, e não conseguimos encontrar registos completos das ruas do século XIX.

A Rua Canterbury não existe hoje em dia e não descobrimos ninguém com o nome de James Stewart que tivesse sido banqueiro naqueles tempos.

Examinando a lista de médicos, descobrimos certo dr. William Williams, que em 1862 ainda estava vivo. Também constava da lista certo dr. Flewitt. Admitindo a distorção que frequentemente ocorre com nomes lembrados em estado hipnótico, talvez tivéssemos encontrado o dr. William Williams e o dr. Levitt, citados por Charles.

Começámos a vasculhar o registo de missas batismais e os arquivos fúnebres da paróquia de Saint Giles. Lá encontrámos um dr. Kerr Williams, registado como tendo sido enterrado no cemitério de Saint Giles em 1791. O dr. Fewitt faleceu em 1871 e também está sepultado em Saint Giles.

O momento de maior emoção ocorreu na abadia quando virámos a página 068 do registo de mortes da paróquia de Saint Giles e descobrimos que um homem chamado John Stewart havia morrido de pneumonia no dia 4 de Junho de 1861. Os nomes Stewart, Stuart e Steward são raros nesta parte de Inglaterra.

A essa altura, estávamos certos de que a mente de Charles, de certo modo, tivera acesso a informações quanto ao local e aos habitantes de Northampton em meados do século XIX. Considerando que Charles nunca estivera em Inglaterra, parece ridículo atribuir-lhe o mérito de ter feito uma extensa pesquisa que só poderia ser feita no local, na própria cidade de Northampton. Se ele tivesse estudado a história da cidade, por que não nos deu o nome exato dos médicos e não nos apresentou um genuíno banqueiro?

O que estávamos a examinar na abadia eram registos obscuros, listas intermináveis de nomes em caracteres minúsculos, listas não disponíveis, a menos que se viajasse para Inglaterra. Há um século, Northampton era uma cidade com cerca de 50.000 habitantes. Não consigo atinar com a vantagem que Charles teria em imaginar corretamente as coisas que nos

disse. Eu estava satisfeito com o facto de que, embora eu não conseguisse encontrar um sentido em tudo aquilo, Charles estava familiarizado com uma vida que se desenrolara nessa cidade naquela época.

Eu estava também intrigado porque Northampton, no século XIX, era famosa pelas suas cervejarias, e porque Charles, na atual encarnação, trabalhava numa grande fábrica de cerveja.

De volta a Londres, investigámos o estilo de vida da velha Londres, para detetar pontos da vida social, um tanto hedonista, de James Stewart. Localizámos um clube chamado *London Club*. Charles mencionara um *London Club*. Esse clube fora inaugurado em 1768. Charles também havia referido um *All Man's Club*, mas, ao ouvir novamente a fita, achei que pudesse estar a dizer *Almack's Club*.

Naqueles tempos, ambos eram clubes proeminentes, só para homens. Só se podia entrar no *Almack's Club* por eleição. Era um clube fechado, com subscrição anual, que promovia reuniões culturais, leitura de poesias etc., assim como jogo. Antes do longo reinado da rainha Vitória, Inglaterra era governada pelo rei Eduardo. Charles fizera menção aos dois monarcas.

Encorajados por essas descobertas e animados pelo número de sucessos ou quase sucessos obtidos com James Stewart, decidimos seguir para a Irlanda a fim de ver o que poderíamos encontrar a respeito da vida de Colin O'Brian, de Donegal.

Na Irlanda, tivemos mais dificuldades do que em Inglaterra. Colin O'Brian vivera aí havia 250 anos e não fora uma pessoa notável. Devido às inúmeras escaramuças ocorridas entre os rebeldes irlandeses e os ingleses através dos anos, os arquivos tinham-se perdido. No entanto, a lembrança que Colin tinha da situação social, política e económica da Irlanda coincidia com a história que pesquisámos.

Charles, na sua primeira sessão comigo, mencionara que há muito tempo atrás ele tivera uma estranha visão: usava algo verde no braço. Ele nunca estabelecera uma relação entre isso e qualquer outra coisa. Uma vez que a sua ascendência não era irlandesa, não tinha motivos para saber que o verde é a cor patriótica dessa terra. Durante as sessões de hipnotismo, Colin O'Brian falava com orgulho que usava uma tira verde no braço.

Portanto, tínhamos poucas provas de que Colin tivesse realmente existido. No entanto, nos seus relatos havia muitos pontos precisos, no que dizia respeito à história, especialmente à dorida intensidade dos sentimentos dos irlandeses com relação aos ingleses, e o uso do infame ecúleo como instrumento de tortura. A terra de Colin, no condado de Donegal, era, naqueles tempos, um porto marítimo, um posto de trocas, uma paróquia e a sede de um sindicato. Tinha três ruas, 177 casas e a praça do mercado.

Nesse tempo, o culto católico era proibido e a frequência ao rito anglicano, compulsória — tempo de "caça aos sacerdotes" e de colecta de impostos feita pelos bandidos. As profusas extravagâncias dos governantes eram pagas com dinheiro extorquido dos oprimidos. Embora não fosse aparentemente um nome comum, havia O'Brians no condado de Donegal. Encontrámos um Edmund O'Bryan de Duntarson Fawthen Parish 2, 1665, Condado de Donegal, numa lista bancária. Logo depois dessa data, os arquivos, como dissemos, foram destruídos.

CAPÍTULO 3
ENTRE AS VIDAS — O AMIGO DO OUTRO LADO

O homem é um universo, no qual as condições superiores, se for permitido, podem influenciar as inferiores.

— Isha Schwaller de Lubicz, *A Abertura do Caminho*

Se existia algo de coerente nessas memórias das muitas vidas de Charles eram os seus encontros, depois da morte, com um "amigo e mestre". James Stewart, de Northampton, tinha medo da morte. A rapariga mexicana e o chinês compreendiam-na e aceitavam-na. Colin O'Brian estava furioso quando morreu e sentia grande amargura em relação ao domínio que a igreja exercia e às suas doutrinas. O fazendeiro alemão, aparentemente, não tinha crença nenhuma. E, no entanto, todos encontraram, quando passaram desta para a outra vida, um amigo sem nome.

Eu estava familiarizado com estudos médicos sobre visões no leito de morte, em que os pacientes descreviam uma espécie de ser espiritual ou figura luminosa que, carinhosamente, os aguardava e com eles fazia um retrospeto das suas vidas.[1] O dr. George Ritchie, por exemplo, que passou pela experiência da morte clínica, escreveu sobre o encontro que teve nesse instante de transição, durante o período em que o seu corpo estava presumivelmente morto, com um mestre espiritual que ele chamou de Jesus.

Lembro-me, claramente, de uma conversa com o famoso e respeitado dr. Paul Niehans. Ela aconteceu em Clarens, na Suíça, enquanto descíamos a rua em direção ao seu laboratório. Estávamos a falar a respeito da terapia celular fetal, matéria com a qual ele estava tão envolvido. Eu fizera muitas pesquisas nesse campo, e agora discutíamos a consciência.

Consciência na matéria, no espírito, nas pedras, nas células, na vida, na morte e além da morte. Quando ele parou para concatenar os seus pensamentos, o seu olhar voou para longe e lá, sob o sol da tarde, as suas feições adquiriram uma fantástica semelhança com outro homem,

conhecido e amado pela sua modéstia e compreensão. Esse homem era o imperador Guilherme II, com o qual o professor Niehans era aparentado.

Os seus olhos azuis voltaram-se para o meu rosto de uma maneira penetrante. "Havia um homem", disse, "que estava clinicamente morto. Depois foi reanimado por meio de massagem no coração, respiração artificial etc., e ele contou-nos que, quando 'morto', estava a atravessar um túnel. Movia-se livremente, sem nenhuma dificuldade respiratória. O túnel estava escuro, mas ele percebia uma luz na extremidade oposta. 'Aproximei-me mais dela e então', como ele mesmo comentou, 'alguém me agarrou pelo pescoço e eu acordei.'"

Niehans continuou: "Isso faz-me lembrar uma história que o meu pai, uma vez, narrou. Uma história semelhante. Nessa ocasião, ele estava a trabalhar em Berna, como cirurgião-chefe. O seu paciente entrou em coma e estava a ser considerado morto.

Mas ele também reviveu e falou de estar a caminhar através de um túnel escuro rumo a uma luz brilhante. Enquanto andava, percebia a presença de outras sombras. Ao aproximar-se mais da luz, acordou." Niehans sorriu. "Morrer pode ser difícil. Mas estou certo de que estar morto é fácil. E a vida" ... o seu olhar tornou-se novamente distante, "... a vida é uma arte."

[1] Consultar as obras publicadas dos drs. Raymond Moody, George Ritchie, Karlis Osis e Michael Sabom. Também a obra de Kenneth Ring, intitulada *Heading Toward Omega* (Nova Iorque: Quill, Morrow, 1984).

Prosseguimos tecendo considerações sobre a opinião de Carl Jung, que insistia que parte da nossa psique muito provavelmente continuava a existir além da morte, sem ser afetada pelo tempo nem pelo espaço. Jung citou casos de choque absoluto em que o córtex cerebral deixara de funcionar e em que vívidas experiências oníricas haviam ocorrido, apesar da total ausência de consciência.

É óbvio, acrescentávamos, que essas pessoas não estavam realmente mortas. O que dizer dos sonhos que acontecem pouco antes de acordarmos? E da luz que percebemos através das pálpebras, pouco antes de abrirmos os olhos, depois de um sono pesado?

Muitos anos se passaram desde essa minha conversa com o dr. Niehans. Atualmente, as controvérsias com relação ao corpo, à mente e à alma assumiram proporções assustadoras e dividiram os profissionais da medicina e da psicologia em dois campos. Existem os que acreditam na realidade da rutura da consciência e aqueles que fazem uso desse conceito de diversas maneiras: para ajudar na análise, para ajudar na cura, para investigar as várias energias da mente e do corpo e os muitos campos energéticos ligados aos órgãos.

Andrija Puharich, neurologista brilhante, descreve num dos seus livros um centro móvel na consciência o qual, ele acredita, existe independentemente do corpo físico.[2]

[2] Andrija Puharich, Beyond Telepathy (Garden City, NY: Doubleday, 1962), ver, no Capítulo 7, o centro móvel da consciência, não-dependente de um corpo físico vivo, pp. 83-92.

O outro grupo, o mais numeroso, afirma que não existe ainda uma prova válida dessa sobrevivência, que todas as experiências até hoje apresentadas podem ser explicadas dentro da terminologia médica e psicológica. Apesar disso, revistas médicas de primeira linha estão agora a tratar do assunto que, à época da minha conversa com Niehans, seria evitado. Um simpósio a respeito de experiências diante da morte foi publicado recentemente na *Revista das Doenças Nervosas e Mentais*. Esse debate sobre a possibilidade de uma rutura da consciência representa uma evolução em relação a um rígido processo de raciocínio. Tudo o que podemos perder nessa revolução, a meu ver, são peias.

Concordo com Johann Wolfgang von Goethe, quando escreve: "Estou certo de que a alma não morre e de que continuará a viver por toda a eternidade. É como o sol, que, a nossos olhos, parece pôr-se ao entardecer mas que, na realidade, foi espargir a sua luz por toda parte."[3]

[3] George B. Brownwell, Reincarnation (Santa Bárbara, CA: The Aquarian Ministry, s.d.), p. 150.

Quando estudei as anotações feitas durante as sessões referentes às vidas passadas de Charles, comecei a suspeitar de que ele estava a descrever, não apenas o mesmo "ser luminoso" mencionado por Moody e outros, mas algo mais. Parecia haver uma entidade que tinha certo interesse pessoal e continuado no progresso espiritual de Charles.

Eis o final da primeira sessão com James Stewart de Northampton. Ele fala da morte:

P: Lembra-se do seu enterro?

R: Na hora da minha morte eu estava com muito medo.

P: Porquê?

R: Senhor, eu não era um homem religioso.

P: Acreditava em vida depois da morte?

R: Não, de jeito nenhum.

P: Sentiu que a sua alma, depois da morte, estava viva? Pode dizer-me alguma coisa sobre a vida da alma?

R: Quando deixei o meu corpo, estava plenamente consciente de que ninguém ligava a mínima por eu ter morrido. Em segundo lugar, eu estava muitíssimo assustado e não queria seguir rumo à luz que estava a chamar-me. Segui na direção contrária, pois eu não queria abandonar o lugar em que vivera. Pouco depois, compreendi que eu estava realmente fora do meu corpo e que não podia comunicar com os vivos — uma sensação aterrorizante. Preciso dizer que vaguei pela cidade, fiquei em casa, andei por aí. Os zeladores estavam a morar na minha casa e não havia jeito de estabelecer contacto. Eu podia vê-los nitidamente.

P: Quanto tempo permaneceu vivendo essa vida da alma depois da morte?

R: É muito difícil precisar os dias. Cansei-me da minha existência, passando a compreender que a comunicação com os vivos estava fora de questão e que, obviamente, havia na morte algo além do que eu supunha. Decidi seguir essa pessoa que se intitulava minha amiga; conversámos durante muito tempo e tivemos muitas discussões sobre a vida após a morte. Ele assegurou-me que não havia nada a temer e que se tratava de um período de transição.

Esta foi a primeira menção de Charles a esse "amigo" do além. Em duas regressões posteriores evocadoras de Northampton ele torna a mencionar esse amigo. Quando Charles tornou a viver como um fazendeiro alemão, perguntei-lhe se podia ver alguém à sua espera do outro lado. Ele respondeu que sim.

P: Quem está à sua espera?

R: Uma luz brilhante, e alguém está a dizer-me para não ter medo e que vai tomar conta de mim.

P: Quem está a dizer-lhe isso?

R: Um amigo.

P: Qual o seu nome?

R: Não sei.

Tanto James Stewart como o fazendeiro alemão falaram da "luz" pela qual eram atraídos. Mas o amigo sem nome parecia estar separado dessa luz. Os seguintes são trechos de outras vidas:

VIDA NA CONDIÇÃO DE UMA RAPARIGA MEXICANA

P: Depois de ter morrido, o que aconteceu com a sua alma?

R: O meu amigo maravilhoso encontrou-me. Eu não sei o seu nome. Ele é eterno. Ele não está presente em todas as minhas vidas. Em quase todas. Ele contribuiu para o meu desenvolvimento espiritual.

P: Qual é o ensinamento do seu amigo?

R: Imediatamente após a morte, na transição, falamos das minhas experiências durante a vida terrena, das lições que aprendi e também do carma que se gerou, dos erros que cometemos.

VIDA NO SÉCULO XV NA CHINA

P: Pode dizer-me o que aconteceu com a sua alma depois de ter morrido?

R: O meu corpo foi queimado.

P: Consegue ver isso?

R: Eu não tinha vontade de ficar... (a gravação não está bem clara neste ponto) para o meu amigo e mestre.

P: Ele é como alguém, como um guia, que tem estado consigo em todas as suas vidas?

R: Ele esteve comigo em vidas passadas.

P: Como amigo ou como guia?

R: Como mestre.

P: Não em corpo físico?

R: Não.

P: Em corpo espiritual?

R: Sim.

Em outra sessão — a vida de um chinês:

R: Depois da minha morte, depois dessa vida, encontrei o meu amigo e mestre.

P: Sabe o nome dele?

R: Não usamos nomes.

P: Como é que ele é?

R: Ele tem muita sabedoria, mas não é velho.

P: Está a falar de um amigo que é um espírito?

R: Sim.

P: Espiritual. Ele também estava do outro lado?

R: Estava.

CAPÍTULO 4

O SURGIMENTO DE YAN SU LU

O que desperta o Espírito em si é o chamamento do Mestre na sua alma.

— Isha Schwaller de Lubicz, *A Abertura do Caminho*

Enquanto eu me preparava para a sessão seguinte com Charles, meditava a respeito de como a nossa situação se tornara estranha. Eu ansiava pela sua chegada e tinha muitas perguntas que exigiam respostas. Se existiam realmente entidades independentes, quem atuava como mestre de Charles? Essa amizade desenvolveu-se numa só vida ou em muitas? O que haviam sido um para o outro? Ter-se-iam conhecido nos seus corpos físicos? Esse amigo influenciou os seus passos nesta vida?

Charles tardava. Estaria cansado? Talvez eu devesse marcar outra sessão. Embora o seu comportamento agressivo tivesse mudado, era ainda um paciente sensível e que se magoava com facilidade.

Eu não me enganara. Quando chegou, estava cansado. Atirou-se à poltrona e fechou os olhos. Observei-o por uns instantes.

Tinha um rosto bonito, olhos escuros, e uma auréola de cabelos negros, encaracolados. A ascendência latina de Charles dotara-o de uma bela voz para o canto. Comecei por falar de música e ele passou a sentir-se melhor. Prosseguiríamos com a sessão.

"Quem é o senhor? Um amigo de Charles?", perguntei. "O senhor gostaria de vir até aqui, gostaria de partilhar da nossa companhia? Se o senhor se dispusesse a falar-me da sua amizade com Charles, talvez isso pudesse ajudá-lo..."

A essa altura, Charles estava em transe hipnótico. De súbito, sentou-se muito ereto, a cabeça erguida. Parecia muito mais magro e muito mais velho. Cruzou as mãos. O seu rosto assumiu uma expressão oriental e os músculos da face começaram a contrair-se. Dava a impressão de estar sob grande tensão. A sua boca tentava articular palavras, mas, a princípio, nada se ouviu. Então, fez-se ouvir uma voz apenas audível e que, depois, foi ficando mais clara. Tratava-se de uma voz madura, de timbre diferente, rangente e, no entanto, suave.

"Sou Yan Su Lu." Eu não estava certo de ter ouvido bem. Perguntei de novo: "Quem é o senhor?" E a resposta foi: "Yan Su Lu é o meu nome. Sou aquele a quem Charles chama de amigo e mestre. Somos muitos, mas sou eu que tenho ajudado Charles a adaptar-se toda vez que parte desta vida terrena." A voz tinha um sotaque chinês. Parecia haver nela um sorriso e uma felicidade impessoal.

À medida que a minha conversa com Yan Su Lu progredia, fiquei a saber que ele queria ensinar a filosofia oriental ao mundo do Ocidente. Eu não

esperara nada semelhante. Nem sequer gravei essa primeira sessão. Tirei Charles do estado hipnótico e perguntei-lhe se se lembrava de alguma coisa que tivesse ocorrido durante a sessão. Ele disse que não. Perguntei-lhe se desejava continuar com essas sessões. A princípio, ele não se mostrou muito inclinado, mas finalmente cedeu quando lhe disse que eu, particularmente, estava muito interessado no fenómeno Yan Su Lu e que queria, realmente, estudá-lo.

Assim, tiveram início as minhas relações com Yan Su Lu, e a nossa caminhada começou por penetrar essa parte recém-descoberta da consciência de Charles. O que se segue é a gravação da nossa primeira conversa em que Yan Su Lu se apresenta e fala de si mesmo e do seu relacionamento com Charles.
Data: 28 de Fevereiro de 1978.

PRIMEIRA SESSÃO

P: Quero entrar em contacto com o seu guia e mestre.

R: Yan Su Lu.

P: O seu nome é Yan Su Lu?

R: É.

P: Qual a sua nacionalidade?

R: Optei por assumir a personalidade da minha última encarnação, na qual a minha nacionalidade era chinesa.

P: Em que época o senhor viveu?

R: A minha última estada neste plano deu-se no ano de 1232.

P: Onde o senhor vivia?

R: Na China.

P: O senhor pode falar-nos dessa vida?

R: Durante essa encarnação, a minha vida foi curta, porque só havia uma lição para eu aprender e, no espaço de catorze anos, eu havia completado a minha missão na Terra, o que não significa que eu não deva voltar mais, pois existe ainda muito a fazer; mas não será uma vida como as que vocês conhecem.

P: O senhor agora trabalha no além como mestre espiritual para nos ajudar?

R: No momento, sim, é nossa intenção assumir o doutrinamento e a orientação de Charles.

P: Qual o seu relacionamento com Charles?

R: Na atual circunstância, poderia chamar-me de mestre e amigo.

P: E como o senhor pode ajudá-lo?

R: Não é de todo fácil ensinar essa entidade, porque ela tende para muitas direções. Se Charles concedesse a si próprio mais tempo para se dedicar à meditação, estaríamos mais aptos a aproveitar as suas energias e a intensificar a sua perceção espiritual.

Mas, já que não podemos estar sempre com ele, fazemos o mais que podemos ao permitir que ele, quando quiser, entre em contacto connosco por meio de meditações esporádicas. Servimo-nos, também, dos canais da sua mente subconsciente, insinuando os nossos pensamentos durante o sono, arma muitíssimo importante para nós, que estamos deste lado, canalizarmos os nossos pensamentos e ideias à sua mente.

P: Durante o sono... o senhor aproxima-se de Charles quando em estado de sonho?

R: Não tanto em estado de sonho, como em estado de sono.

P: O que é um estado de sono?

R: É o estado em que as energias estariam com as suas atividades quase, mas não completamente, encerradas, de forma que muito pouca energia emana do corpo e da mente. É nesse momento que a mente subconsciente se torna mais percetiva e intensamente consciente das novas ideias vindas deste lado.

P: Em outras palavras, o senhor diz que, durante o estado de sono, os cinco sentidos estão em repouso e que existe, realmente, mais energia disponível para que a mente possa fazer contacto?

R: Exatamente.

P: O senhor pode mostrar-me a diferença que existe entre o estado subconsciente e o estado superconsciente?

R: Esses conceitos que emprega não se aplicam aqui; mas, pelo que posso inferir do seu pensamento, em suma, o que está a perguntar é: onde reside a consciência espiritual, não é isso?

P: Sim, porque penso que a consciência espiritual é o mesmo que superconsciência ou consciência divina.

R: As pessoas usam muitos nomes, mas, para o nosso propósito, eu adotaria como terminologia consciência espiritual, consciência divina. Esta está localizada, não na área do cérebro, mas dentro de centros psíquicos e espirituais localizados no corpo.

P: O senhor pode dizer-nos qual o tipo de corpo que agora é o seu?

R: Seria muitíssimo difícil explicar, pois ainda não conhece essa forma de energia em que me encontro no momento.

P: O senhor pode descrevê-la?

R: Vejamos... se você ou Charles pudessem dispor do potencial que existe em vocês, usando a visão psíquica, perceberiam uma forma radiante de energia, cunhada de uma maneira não completamente diversa do vosso corpo físico, porém mais como uma forma constantemente em movimento — como poderia descrever-lhe isso?...

P: É uma bola?

R: Não. É redonda, mas não esférica.

P: E está a mudar constantemente de forma?

R: Está em constante movimento. Como eu desci até aqui para permitir que houvesse uma comunicação através de Charles, ocorreu uma constante mudança dentro da minha forma energética. Se eu não tivesse que me comunicar dessa maneira, mas, pelo contrário, se pudesse começar a ver-me, usando o seu senso psíquico, divisaria uma forma menor que o seu corpo físico e que seria transparente, mas não completamente.

P: Esse corpo tem algum peso?

R: É imponderável.

P: Gostaríamos de saber, Yan Su Lu, por que escolheu este momento em especial para se comunicar com Charles? É possível que as regressões realizadas tenham facilitado a sua comunicação com Charles, ou foram as nossas energias que possibilitaram ao senhor comunicar-se agora de maneira tão intensa?

R: Não existe acaso. Para começar, os encontros que ocorreram entre você, Dorothy e Charles estavam planeados há muito tempo. Era um caminho que tinha que ser trilhado. As impressões sobre Charles, Dorothy e você eram fortes demais, de forma que cada um de vocês compreendeu a necessidade dessa comunicação.

P: Obrigado, Yan Su Lu. Gostaria de perguntar…

R: Posso interrompê-lo? Desculpe-me. Espero que compreenda; não quero dizer que isto tenha sido estabelecido por uma influência exterior. Não foi. Cada um de vós, todos vós, tiveram domínio sobre as vossas vidas até agora.

P: Qual é a sua relação com as vidas passadas do Charles?

R: Fui um dos muitos mestres que o rodearam em outras encarnações.

P: Alguma vez foi mestre de Charles sob forma física ou sempre foi um mestre espiritual?

R: Um mestre espiritual.

P: Do outro lado?

R: Sim.

P: Quando ele chegava ao estado espiritual entre as suas vidas físicas?

R: É verdade.

P: Estava sempre com ele quando ele morria?

R: Quando ele passava do estado físico ao estado espiritual, eu, juntamente com outros, estive com ele muitas vezes.

P: Quando fala em "outros", a que se refere? São também mestres ou são parentes?

R: Os outros a que me refiro são mestres. Precisa entender que cada um de nós tem mais do que um mestre.

P: Mais do que um?

R: Sim. Atraímos os mestres conforme a nossa necessidade de ajuda espiritual.

P: Pode dizer-me quais são as maiores aptidões de Charles na vida atual, e o que deveria ele fazer profissionalmente?

R: Estamos interessados apenas no seu desenvolvimento espiritual. Cabe apenas a ele determinar o que deseja fazer no plano físico.

P: Obrigado. Ajudou o Charles em vidas passadas?

R: Estivemos antes com Charles, mas não de forma tão íntima como nesta vida. Esta é a primeira vez que ele está suficientemente alerta para receber, como canal, mensagens como estas. Anteriormente, estivemos com ele em espírito e, de facto, temo-nos comunicado telepaticamente, mas nunca desta forma.

P: Obrigado. Conhece o futuro de Charles?

R: Não é necessário falar do futuro de Charles neste momento; mas digo que sim, o seu futuro é conhecido.

P: É uma entidade independente, que vem através do Charles, fazendo uso das suas cordas vocais?

R: Exatamente.

P: Yan Su Lu, parece ser um mestre espiritual. Em alguma das suas vidas, esteve envolvido com esse tipo de trabalho?

R: Houve muitas, muitas vidas em que estive envolvido com a doutrina espiritual. A derradeira foi a minha encarnação na China.

P: Com que faculdades?

R: Pude usar as minhas faculdades espirituais na medida em que "fenómenos", como vocês os chamam — como cura, clarividência, telepatia — estavam ao meu alcance na minha forma humana. E, sendo filho de um padre daquela cidade, foi bem fácil, para mim, dedicar-me totalmente ao meu trabalho.

P: Agora reside no assim chamado corpo astral?

R: Há muitos nomes para isso no vosso vernáculo. Não podemos compreendê-lo claramente até o termos visto. Considerando que "astral" é uma palavra a que as pessoas se estão a habituar, usaremos essa palavra, essa expressão.

P: Lembra-se de todas as suas existências físicas e de todos os seus estados espirituais?

R: Quando evoluímos até ao ponto em que a encarnação já não é necessária, todo o conhecimento é-nos conferido. Com isto quero dizer a memória absoluta de todas as vidas vividas. Embora isso lhe possa parecer avassalador, acredite-me, não é. Os pensamentos podem ser armazenados para sempre. Não há limite para os seus pensamentos.

Pensando, recorda. Recorda, sobretudo, os aspetos mais importantes dessas vidas. Torna-se apto a traçar a linha cármica de uma vida para outra. O crescimento da alma, neste estágio de evolução, é obviamente conhecido e, sendo assim, a lembrança das vidas torna-se algo muito simples.

P: Então, por exemplo, seria fácil para si falar-nos da sua vida na Terra antes da encarnação como chinês?

R: Essa vida teve pouca duração. Morri em 1215. Nessa ocasião, tinha doze anos e um corpo masculino assim como um corpo feminino. Em outras palavras, havia atingido o ponto em que toda a minha existência estava a ser permeada pelo equilíbrio. Qualidades femininas e masculinas. Não era um ser humano normal. Já havia superado essa fase antes. Essa existência física seria breve, destinada a dar-me a última oportunidade de entender o equilíbrio tão necessário a todos nós em determinado momento.

A minha existência não decorria numa área em que pudesse viver entre pessoas normais, mas nas montanhas, onde fiquei, a maior parte da minha vida, sozinho. Não havia necessidade de relações íntimas, como as que conhecemos entre pai e mãe. As almas que cuidavam de mim eram almas missionárias, enviadas especificamente para me ajudar naquela

encarnação. E assim, dediquei toda a minha vida a usar os ensinamentos espirituais que me foram ministrados em tão tenra idade.

Com um ano de idade, já tinha alcançado um grau de evolução comparável ao das vossas crianças normais entre dez e doze anos. Isto, em termos de evolução, é algo muito simples. Quanto a esse aspeto, a minha vida não era de normalidade, mas de necessidade no que dizia respeito ao meu desenvolvimento espiritual.

Optei por viver na Ásia, pois era uma existência na qual não havia encarnado com muita frequência. As almas que haviam sido escolhidas para me ajudar tinham de aprender outras lições nessa nacionalidade. Portanto, essa vida foi-me apresentada como a melhor, entre todas as opções.

P: Se se comparasse com outros mestres espirituais, que grau de desenvolvimento teria atingido?

R: Esta é uma pergunta difícil de responder, sobretudo porque o ego poderia interpretar mal o que tenho para dizer. Se eu fosse um mestre espiritual muito evoluído, acredito que saberia dizê-lo a um ego muito inferior. Por outro lado, se lhe dissesse que me situo num grau inferior da escala da evolução espiritual, creio que a fé e a confiança pereceriam. Digamos que estou algures entre um e outro.

P: Já renasceu ou renascerá em outros planetas ou sistemas solares?

R: Como acontece comigo, acontecerá convosco também. A vida não está ligada especificamente a este planeta. Uma vez atingido o ponto de crescimento e de equilíbrio aqui, há outras experiências a adquirir, lições a aprender noutras galáxias. Este é um universo infinito. Há infinitas formas de desenvolvimento e de experiência. Não há estagnação neste universo. Não se evolui para depois parar. Isso seria impossível. O Pai não quis que fosse assim. Estamos sempre a aprender, sempre a crescer.

A sessão fora longa e exaustiva. Charles mostrava sinais de cansaço. Antes de o tirar do transe hipnótico, perguntei a Yan Su Lu se ele sempre guiaria Charles. A resposta veio sem hesitação.

R: Enquanto ele prosseguir no seu caminho de busca espiritual, ajudá-lo-emos tanto quanto possível. Mas a sua vontade precisa de ser forte e constante.

P: A meditação aperfeiçoará a sua vontade?

R: Sim, imensamente.

Mais tarde, Charles não demonstrou interesse em ouvir a gravação que eu havia feito. Eu já decidira que, até entender melhor a natureza do fenómeno Yan Su Lu, preferiria não confundir Charles com detalhes a respeito. Para ele, bastava, no momento, saber que, aparentemente,

havíamos intercetado uma subpersonalidade dele que agia como amigo e mestre.

CAPÍTULO 5

AS CONVERSAS CONTINUAM

Estamos todos no limiar de uma nova era espiritual... um anseio de segurança numa era de insegurança. É a partir da necessidade e do desespero que novas formas de existência surgem, e não de exigências idealistas nem de meros desejos.

— C. G. Jung, *Psicologia e Religião*

Yan Su Lu parecia ter uma fé absoluta numa vida após a morte. Afinal, dizia estar do outro lado, e isso ele deveria saber. Eu tinha de fazer a mim mesmo muitas perguntas a respeito dos seus ensinamentos sobre outras dimensões. De que fonte emanavam tais ensinamentos? Lembrei-me do que Platão escrevera:

"As almas não se lembram facilmente das coisas do outro mundo; elas surgem aos seus olhos, vagamente, como através de um espelho. E são poucas as que, diante das imagens, nelas veem a realidade, e isso ainda com dificuldade."

Existirá, por acaso, uma fonte de conhecimentos humanos subconscientes de onde Charles — e todos os seres humanos — podem extrair informações sobre outros estados do ser e da consciência? Estaria eu, por vezes, a falar com essa parte superior da mente de Charles, ligada a verdades universais, e, outras vezes, a esbarrar meramente em ideais armazenados na sua mente, derivados dos seus breves estudos de filosofia na universidade?

Estaria Charles, como frequentemente sugeri a respeito de pessoas hipnotizadas, a querer dizer-me algo que eu gostaria de ouvir, examinando, para tanto, a vasta galeria das ideias humanas para encontrar respostas? Ou Yan Su Lu era, como afirmava, um ser à parte?

Se ele era um ser à parte, todas essas ideias ocorriam livremente ou a mente de Charles era um filtro que deixava passar alguma luz e bloqueava outras áreas, devido à natureza do seu próprio eu? Era como se aquela figura de mestre e amigo fosse benevolente. Ele não trazia consigo nada que não fosse bom.

Não me parece prudente considerar qualquer ser, invisível, ou mesmo a melhor parte de um eu individual, infalível. Yan Su Lu, no entanto, demonstrava frequentemente ter bom senso. Concluí que, quem quer que fosse o verdadeiro Yan Su Lu, ele estava em contacto com uma corrente de

sabedoria universal, e tinha esperança de que essa sabedoria, instilando-se no âmago de Charles, fosse para ele de verdadeira ajuda. Afinal, supunha eu, esse era o real objetivo da ligação entre Charles e o seu mestre.

SEGUNDA SESSÃO: 17 DE MAIO DE 1978

R: Boa noite.

P: Boa noite.

R: Sentimos, realmente, o mais sincero prazer em estar aqui esta noite e em ajudar no que pudermos. Enquanto estamos a tratar de Charles, seria adequado informar como usamos o canal. Como bem sabe, nem todas as pessoas podem ser canais. É necessário que, numa ou noutra vida, tenha ocorrido ao longo do caminho um certo grau de evolução.[1]

1. Nota: Os leitores devem notar que Yan Su Lu tem uma maneira própria de se expressar, omitindo frequentemente artigos e pronomes. A sua fala foi transcrita a partir das nossas gravações e o texto não passou pelos processos normais de revisão [na edição em inglês].

Embora todos os seres humanos tenham esse poder, nem sempre ele se mostra acessível durante uma determinada vida. No caso de Charles, pelo facto de ele ter estado envolvido em assuntos espirituais em vidas passadas, está apto a fazer uso dessas capacidades nesta vida — e nós, por nossa vez, também.

A entrada está localizada atrás do pescoço. Depois de termos entrado em contacto com esse ponto, podemos dominar o sistema nervoso, por meio do qual passamos a controlar as cordas vocais, as expressões faciais, o movimento dos braços e das pernas, etc. Isso só pode acontecer com a permissão do canal, pois todos vocês gozam de livre-arbítrio, e, a menos que, aberta e livremente, permitam que os espíritos entrem, eles não terão acesso. No caso de possessão por entidades negativas, a pessoa física ou psiquicamente abdicou do seu livre-arbítrio, permitindo que a possessão ocorra. Mas, no que concerne a pessoas como Charles, que

... querem usar a sua capacidade de forma positiva, isso não pode ser feito sem permissão. Agora, podemos prosseguir?

P: Sim. Quando e onde teve início o seu relacionamento com Charles? Foi na Terra, noutra galáxia ou em estado espiritual?

R: O relacionamento entre Charles e eu começou de modo muito semelhante ao que ocorre com qualquer relacionamento entre mestre e discípulo. O que sucedeu entre ele e eu aconteceu também entre si e os seus professores. Seria impossível determinar um ponto específico no

tempo, pois, quando falamos deste relacionamento, não falamos em termos de datas específicas, referentes a vidas terrenas.

Agora, vou ocupar-me de Charles e de mim. O início do nosso relacionamento ocorreu, para usar a palavra constante da vossa terminologia, há "séculos", e começou, se precisar de usar essa palavra, num nível que não existe aqui. Ou seja, não começou neste planeta, nem dentro de uma energia vibratória aqui existente.

Começou quando ele estava a experimentar outras formas de existência, noutra esfera de vida. Não estivemos sempre juntos em cada encarnação precedente, porque cada vida requer que se passe por certas experiências. Portanto, não havia necessidade de eu estar com ele em todas as encarnações. Esta é uma lei universal... É o que acontece a cada ser vivo e ao seu mestre.

P: Isso significa que o seu relacionamento com Charles começou em estado espiritual?

R: Começou antes de Charles encarnar fisicamente neste planeta.

P: Isso ocorreu noutra galáxia, ou ele encontrava-se sob forma de energia? Vocês, nessa época, eram ambos formas de energia?

R: Eu havia completado a minha evolução nessa esfera de vida em que Charles iniciava a sua. Portanto, partiu de mim guiá-lo nessa esfera de existência. Este foi e continua a ser, para ele, um processo de aprendizagem. Ele não terminou, tal como todos vós não estais completamente livres das experiências pelas quais precisam passar para trilhar a senda espiritual destas outras esferas de vida.

P: O que era o senhor nessa época? Já era um guia no além, ou vocês dois eram entidades que pertenciam, nesse momento, a essa galáxia?
R: Se quiser usar a palavra "guia", pode, porque eu estava, voluntariamente, a orientá-lo, a ajudá-lo e a facilitar-lhe as coisas nessa nova forma de existência.

P: Como era Charles nessa época? Possuía um corpo material?

R: A sua forma de energia não estava dentro de um corpo material. Era uma combinação de existência mental e espiritual. Há muitas formas de energia a serem experimentadas por todos nós, e essa é apenas uma delas.

P: Ocorreu algum carma entre o senhor e Charles?

R: Não, não ocorreu. Nunca vivemos juntos neste planeta. Quando Charles iniciou a sua estada aqui, neste planeta, tinha outros mestres e irmãos para o ajudarem nas diversas experiências. Chegando a minha hora, e dentro do meu próprio plano evolutivo, enquanto me encontrava dentro das condições deste planeta, dependendo das experiências a serem enfrentadas e a fim de

usar mais as minhas aptidões, eu também estava apto a orientá-lo, para que as lições fossem aprendidas o mais depressa possível e sem solução de continuidade. Isso é mais fácil de dizer do que de fazer. Como sabe, todos nós temos livre-arbítrio e, nessas questões, muitas vezes conheceremos a queda e não permitiremos que essas lições e diretrizes espirituais se concretizem. Mas, não obstante, nós, deste lado, fazemos tudo o que podemos para eliminar, digamos, quaisquer desses retrocessos.

P: Yan Su Lu, qual é a base da atração espiritual que existe entre si e Charles? Ele escolheu-o como mestre, ou foi você que o escolheu como discípulo?

R: Isso foi feito voluntariamente por ambas as partes. Ambos fizemos a escolha. É muito difícil expor numa simples terminologia, mas seria melhor dizer que nos encontrámos, que ambos entendemos que ele, Charles, precisava da ajuda de um ser que havia evoluído e que já aprendera as lições que ele agora tinha de aprender. Eu, na minha estada de evolução espiritual, também compreendi que poderia prestar ajuda no plano divino. Há uma constante assistência de alma para alma, de energia para energia. Esta é uma escolha inteiramente nossa.

Compreende, porém, que, quando falamos neste nível, não se trata de uma questão de escolha, pois o amor que é transmitido de alma para alma carrega consigo a compreensão automática do que precisa ser feito. Não é uma questão de duas almas, digamos, sentadas à mesa, a discutir se gostariam ou não de ter um relacionamento. Isso não acontece assim.

P: Trata-se, então, de uma forma de pensamento magnético?

R: Isso mesmo.

P: Há uma maneira de explicar com clareza o que um mestre pode fazer por uma pessoa, quando, obviamente, não tem condições de falar com ela? Que tipo de coisa fez por Charles antes de poder, realmente, comunicar-se com ele?

R: Quando a comunicação direta é impossível entre ambos os lados, ela é feita telepaticamente, quando uma das partes está a dormir. É nesse momento que transmitimos bastante energia para ajudá-la a resolver os problemas que cercam a alma nessa hora.

P: E isso implica...

R: Isso implica mensagens telepáticas, como, talvez, um material de leitura que a pessoa possa encontrar acidentalmente; apreciariam taxar esse facto de acidental, mas nós asseguramos que essa pessoa chegou a esse material por nosso intermédio.

P: É possível a um mestre retardar a sua própria evolução para permanecer exclusivamente com um discípulo?

R: Existem casos em que a alma se dedica a um ser encarnado em particular, devido a vários problemas que surgiram. É escolha do mestre. Isso dá-se devido a um grande amor. O mestre sabe muitíssimo bem que, pelo facto de se ter apresentado como voluntário para essa missão, está a retardar a sua própria evolução e as suas próprias experiências. Mas, pelo facto de, no caso, haver tanto amor envolvido, ele não se importa. Sim, existem mestres que fariam isso. E posso até acrescentar que isso ocorre muitas vezes, que não é absolutamente incomum.

P: Um mestre assumiria as doenças de outrem, como alguns iogues dizem que fazem?

R: Isso um mestre não faria. Eles concordariam em prosseguir no seu relacionamento com uma alma encarnada, mas nunca em eliminar os seus problemas.

Considerei essa resposta satisfatória e encerrei a sessão. Por mais claras que fossem as respostas de Yan Su Lu, notei que, às vezes, ele se referia a si próprio no singular, outras vezes, no plural. Portanto, pedi-lhe que explicasse isso, o que ele fez sem a menor hesitação.

R: Quando me refiro a "nossos", como antes mencionei, é porque os conhecimentos que estão por vir não dependem sempre inteiramente de mim. Assim como Charles é um canal, eu também me torno um canal. A sabedoria de outros mestres e de outros irmãos flui através de mim e através de Charles. Estou sempre em contacto com eles e eles comigo. Sendo assim, o que for exposto nestes encontros não derivará apenas de mim. Pode usar o título, o nome de Yan Su Lu, para simplificar as suas anotações.

Pressionado para oferecer mais explicações, Yan Su Lu continuou:

R: Para garantir esta comunicação, preciso dizer-lhe que existem outros que me ajudam a mim e a Charles neste aspeto. Eu próprio não teria condições de entrar no corpo de Charles se não fosse pelos nossos irmãos que nos emprestam, no caso, a sua energia e criam um canal de energia positiva, que me habilita a continuar o contacto — e vamos colocar Charles neste ponto (aqui, Charles gesticula para mostrar com a mão a distância relativa) e eu aqui. Seria impossível para Charles, colocado naquele ponto, chegar até aqui. Então, outros irmãos interferem e emprestam as suas energias, aumentando as vibrações de Charles até um determinado ponto de encontro, onde, então, eu poderia estabelecer o devido contacto.

P: Yan Su Lu, o que acontece à consciência de Charles uma vez feito o contacto? A consciência dele fica completamente de lado?

R: Não, não completamente. No início, logo que nos encontrámos e nos comunicámos com ele, ele perguntou se isso iria acontecer e, claro, apreciámos a sua preocupação. Mas, na maior parte das vezes, ela é afastada durante o decorrer da sessão, pois tornar-se-ia bastante difícil para ele manter a consciência e, ao mesmo tempo, permitir que eu utilizasse o seu sistema nervoso e interpretasse corretamente a energia que chega. A sua consciência, durante a maior parte do tempo, não está em estado de lucidez. A lucidez vai e vem.

P: Até que ponto Charles se lembra do seu diálogo connosco?

R: Depende de ele ser ou não capaz de se concentrar no que estamos a falar, o que só ele saberá.

P: Charles é capaz de exercer a sua vontade para alterar as palavras que empregamos?

R: Quando ele tomar consciência desta conversa, achará muito difícil fazê-lo, o que, no entanto, pode ser feito. Porém, o que transpirará será a vontade dele versus uma grande energia que está a chegar através deles e que o levará a articular palavras incoerentes e a gaguejar muito. A essa altura, desistiríamos de tentar qualquer comunicação.

P: O vocabulário que usa é seu ou de Charles?

R: Tem de ser o vocabulário de Charles. Para facilitar este contacto, precisamos confiar totalmente no conhecimento que ele tem da língua e que serão usadas as palavras certas. Às vezes, quando percebe uma hesitação, é porque estamos a procurar, através da mente de Charles, as palavras que usaríamos e que melhor exprimem o que queremos.

TERCEIRA SESSÃO: 4 DE MAIO DE 1978

A terceira sessão divergiu dramaticamente das duas primeiras porque Yan Su Lu declarou-nos que se sentia incapaz de estabelecer um contacto adequado com Charles. Ele enfatizou que Charles precisaria estar suficientemente descansado para participar dessas sessões e que, no futuro, o instruiria telepaticamente.[2]

[2] Nos encontros que se seguiram, Charles geralmente nos dizia se estava demasiado cansado para participar noutra sessão.

Incluo esta sessão para mostrar ao leitor que o contacto nem sempre é possível e que o próprio Yan Su Lu a encerraria.

R: Boa noite.

P: Boa noite, Yan Su Lu.

R: (Longa pausa) Não será possível fazer nada esta noite, pois Charles não está em condições de estabelecer um contacto adequado. A dificuldade é muito grande e não queremos absorver mais das suas energias. Já o informámos hoje de que não seria prudente tentar uma comunicação esta noite. No futuro, ele terá de compreender que, quando esses pensamentos lhe ocorrerem, precisam ser respeitados. Essas sessões só podem ser feitas com a participação de todos vocês, para transmitir ao canal a energia necessária.

O canal, sobretudo, precisa ter uma energia suficientemente forte para proporcionar um contacto satisfatório. Precisa estar bem ciente de que, embora considere necessário que esses contactos aconteçam no dia e hora combinados, precisamos adverti-lo de que as coisas sempre acontecem por uma razão.

Não podemos prosseguir esta noite. Por favor, lembre-se de que, em casos futuros, Charles precisa estar suficientemente descansado ou não haverá sessão. E ele saberá se e quando isso irá ocorrer. Respeitará essa orientação, e ele terá de nos atender para que não haja nenhuma sensação de mal-estar entre vocês. Quando acharem conveniente, encontrar-nos-emos novamente.
Boa noite. Deus vos abençoe.

CAPÍTULO 6

YAN SU LU RESPONDE ÀS MAIS VARIADAS PERGUNTAS

A flor, quando o fruto cresce, morre por si mesma. Assim também morrerá o seu eu inferior quando o eu divino crescer em si.

— Ramakrishna

Em meados de 1978, as minhas sessões com Charles já não faziam parte de um contínuo processo terapêutico. Agora, os nossos papéis estavam a mudar. Charles era capaz de entrar sozinho em transe e de manifestar a personalidade de Yan Su Lu sem a minha contribuição como hipnotizador.1

[1] Eu disse ao Charles para fazer uso da auto-hipnose.

Sempre que Charles se hipnotizava a si mesmo — processo que levava alguns minutos — ele juntava as palmas das mãos, numa típica atitude de oração, e saudava-me. A partir desse momento, era ele que decidia quando

a sessão deveria terminar, ocasião em que, gentilmente, me desejava "boa noite", curvando-se ligeiramente e, depois, baixava vagarosamente as mãos até ao joelho. A expressão facial de Yan Su Lu ia-se modificando até chegar, novamente, à expressão de Charles. Assim, transformei-me em observador e interpelador.

As nossas sessões noturnas prosseguiram desta forma durante quase dois anos, assim como a vasta série de ensinamentos que fluíam por intermédio de Charles. Ouvindo, eu identificava, devido aos livros esotéricos e aos meus encontros com mestres espirituais, os temas e pontos de vista de Yan Su Lu. No entanto, muita coisa restava — coisas que me proporcionaram uma ampla visão do universo de Yan Su Lu, universo que antes nunca vislumbrara.

Outro facto interessante foi o de que Charles decidira divorciar-se da sua esposa. O facto de que Yan Su Lu surgia através dele com um tom emocional extremamente equilibrado parecia não influenciar facilmente o dia-a-dia de Charles, embora estivesse claro que ele estava a atravessar uma espécie de longo processo de avaliação da vida.

Contudo, nessas sessões noturnas, eu entrava em contacto com Yan Su Lu, imaginando, durante todo o tempo, quando partia a mente de Charles e assumia a de Yan Su Lu e, sobretudo, se ambos faziam parte de um todo maior.
Para este capítulo, selecionei do meu arquivo algumas das questões expostas pelo meu amigo e filósofo chinês, porque poderiam ser de interesse para o leitor em geral.

SOBRE A SABEDORIA UNIVERSAL E EM BUSCA DO MESTRE INTERIOR

P: Que assunto gostaria de discutir esta noite?
R: Esta noite, gostaria de tratar das aptidões que existem em todo ser humano como habitante deste planeta. Não existe alma que insufle vida num corpo que esteja privada da Divindade e do poder de Deus. Estas palavras, por certo, não são novidade. Foram ditas por muitos antes de mim e serão repetidas por muitos depois de mim.

Foi no decorrer da época em que estão a viver que a simplicidade perdeu muito do seu significado. Palavras como amor e fé, honestidade e moralidade tornaram-se algo vagas. Estamos agora perante uma sociedade tola, que tolera um nível de consciência muito distante da verdade. O Pai não pretendia que a Sua verdade fosse enigmática ou oculta, pois Ele disse:

"Olhe para dentro de si. Todas as respostas estão aí."

Precisamos compreender que o Pai, devido ao amor que tem por nós, jamais teria permitido que viéssemos à luz aqui, em condições abstratas, misteriosas e ininteligíveis. A nossa vida era para ser uma vida de sabedoria — mas de uma sabedoria facilmente compreensível. A confusão surgiu a partir da interpretação dessa sabedoria.

Durante todos estes anos, assistimos a muitos desenvolvimentos quanto a questões espirituais, mas, claro, não o suficiente. Falo e continuarei a falar de uma forma que seja entendida pela filosofia do Ocidente, pois acho que este material que está a ser compilado destina-se ao vosso país. Muita coisa poderia ser dita sobre outras filosofias. Poder-se-ia indagar sobre o conflito entre elas, mas veremos mais adiante que só existe conflito de interpretação. A diferença entre a verdade que o Pai vos transmitiu e a verdade que a humanidade, nesta altura, sustenta está no ego do homem, na necessidade do homem de levar uma vida melhor que a dos seus semelhantes.

Não obstante, entraram numa era de iluminação. Mas, já que a humanidade não progride, não evolui rapidamente, como desejaríamos, essa iluminação dar-se-á lentamente. No entanto, noto aqui, realmente, uma evolução. Repito, precisam entender que me refiro ao mundo ocidental.

Todos os seres humanos são abençoados com um potencial espiritual que, na maioria das pessoas, está oculto, pois elas recusam-se a aceitar e a usar o poder que existe nelas. O homem, tal como é atualmente, utiliza apenas uma pequena parte do poder divino que existe dentro dele. Poder-se-ia perguntar: como podemos entrar em contacto com essa dimensão? Repito: através da meditação. Do silêncio. É imprescindível que a pessoa compreenda a necessidade do silêncio e de estar sozinha com os seus pensamentos. Só nesses momentos tem condições de usar a sua energia para se comunicar com o Pai que vive dentro dela. Por meio desse tipo de comunicação, todos os problemas têm solução.

Para compensar os que ainda não procuram essa forma de comunicação, têm ao vosso lado pessoas que evoluíram e permitiram que as suas faculdades psíquicas aflorassem. Essas pessoas estão aqui para guiar, orientar, aconselhar da melhor forma possível.

Porém, isso é algo limitado… Admitiria que uma pessoa dotada dessas faculdades interpretaria o seu modo de ser de forma absolutamente correta. Isso nem sempre é possível, sobretudo porque o poder que vem de dentro para fora ainda é controlado de fora para dentro. E mais: enquanto a pessoa que busca orientação se mantiver afastada do espírito, terá problemas para confiar na sua interpretação.

Agora estão a atravessar uma época em que palavras como perceção extrassensorial, clarividência e meditação acrescentaram a si mesmas novos significados. Muitas pessoas estão a seguir essas ideias. Eu preveni-las-ia de que não estão a aderir à verdade completa, mas apenas a uma pequena parte da verdade; portanto, recomenda-se cautela.

P: Qual o melhor caminho a seguir para adquirir sabedoria e descobrir o verdadeiro eu?

R: A descoberta do verdadeiro eu só pode ocorrer por meio da análise das próprias emoções, ideais e filosofias. Na busca do verdadeiro eu, precisamos ter sempre em mente que em nós estão todas as respostas. E, embora essas respostas possam não significar uma solução tão rápida quanto se desejaria, ainda assim haverá solução. Mas é preciso buscar o conselho do Pai interior.

Precisa compreender que, embora seja bom e útil usar momentos de meditação para responder a essas perguntas, para receber mais que respostas parciais, é necessário estar apto a reconhecer as próprias imperfeições físicas e mentais. Pois qualquer resposta que possa chegar até si, sobre como solucionar problemas, não encontrará realização, a menos que entenda que o ego deve morrer. O medo precisa desaparecer.

As respostas às perguntas nem sempre parecerão a forma mais fácil de resolver os problemas. Em certos momentos, serão até penosas e inconvenientes. Mas esses momentos e essas inconveniências partiram inteiramente da sua escolha. Foi o seu livre-arbítrio, com todas as suas imperfeições, que o trouxe até esse ponto. Portanto, quando se pede uma resposta, essa resposta é sempre dada. Mas, pelo facto de o ego não ter morrido, essa resposta não é a solução. Purifique a sua mente para que a resposta se converta em solução.

P: Olhei para o bloco de notas sobre o meu colo: "Pergunte a Yan Su Lu se há necessidade de ter um guru particular." Eu queria levá-lo a uma discussão a respeito, porque muitas pessoas, em todo o mundo, estão em busca de um guru, de um mestre espiritual.

Essas pessoas variam do buscador da Índia, cuja tradição religiosa o predispõe a sentir que o seu guru está em algum lugar, ao americano indeciso, sobre o qual a sociedade complexa de que faz parte pesa demasiado. Tanto no Ocidente como no Oriente, estas criaturas que buscam podem encontrar muitas pessoas que se intitulam mestres, desejosas de tratar dos seus problemas, quase sempre mediante pagamento em dinheiro ou outros serviços.

Tenho investigado um bom número desses gurus, em ambas as culturas, e muito poucas vezes deparei com o reconfortante bom senso espiritual que deveria constituir a marca registada de um verdadeiro mestre. Em matéria de gurus, o mercado está saturado. Promessas de felicidade, de poderes incomuns ou a exaltação do próprio carma disputam a atenção de discípulos cheios de esperança.

Em muitas pessoas, há uma esperança profunda, embora mal orientada, de iluminação, pois alguns pontos de vista, que seriam de grande ajuda, só fazem sentido além das coisas concretas.

Mas essa busca é abafada pelas cerimónias, pelas técnicas de meditação, pelos cânticos ou sermões ministrados por um grande número de mestres. A astúcia e a frieza dos assim chamados mestres, que enriquecem à custa da necessidade de entendimento que hoje existe em muitas mentes, constituem um dos mais tristes espetáculos do nosso tempo. Foi por essa razão que pedi a Yan Su Lu que falasse a respeito dos gurus.

P: Muitas pessoas sentem necessidade de um guru ou mestre, em carne e osso, para guiá-las e ampará-las. Qual é a sua opinião a respeito?

R: Usando a sua terminologia, precisa entender que cada um de nós tem o seu mestre, o seu guru, se assim preferir. Eles estão sempre connosco, sendo seu único propósito conduzir a alma na direção de um caminho espiritual positivo.[2]

[2] *Lembrei-me imediatamente das palavras do mestre indiano Sri Sathya Sai Baba: "Quem lhe falar deste Deus onipresente é o verdadeiro guru, não quem lhe prometer a salvação, se você jogar uma bolsa a seus pés. Não se deixe enganar por esses homens, cheios de ambição e egoísmo. Reze para que Deus ilumine a sua mente, desperte a sua inteligência e seja o seu próprio guru. Ele, sem dúvida, o guiará corretamente, a partir do altar do seu próprio coração." (Trecho extraído da obra Sadhana, The Inward Path, Brindavan, Bangalore, Índia: Fundação Sri Sathya Sai para a publicação e educação, s.d., p. 201.)*

Em muitos casos, isso torna-se quase impossível. Em muitas pessoas, a mente consciente domina de tal forma os pensamentos espirituais, que isso se torna uma tarefa difícil. Mas, apesar de tudo, os mestres estão connosco em todos os momentos. Se alguém sente necessidade de orientação, de conselho, de aprendizagem por parte de quem considera um mestre ou professor de carne e osso, isso é bom, mas só depois de avaliar cuidadosamente os ensinamentos do referido mestre.

Pois são infinitos os caminhos que conduzem ao Pai, e nem todos os ensinamentos e filosofias pareceriam verdadeiros a cada um de nós num dado momento da nossa evolução.

P: A seguir, perguntei a Yan Su Lu: "O que significa realização pessoal?"

R: Realização pessoal é a compreensão do que a alma diria a si mesma. Em outras palavras, a realização pessoal pode ser alcançada em momentos de meditação. Por meio da meditação silenciosa, podemos comunicar-nos com a nossa própria força vital, com a nossa própria alma e, nessa ocasião, os problemas que a mente consciente tem enfrentado podem ser provavelmente solucionados pelo conhecimento que estaria a fluir de dentro para fora; nesses momentos, a realização pessoal estaria vinculada ao Pai, à força divina que existe em nós e, através desse conhecimento e dessa comunicação, a nossa própria rota espiritual seria, digamos assim, intensificada e grandemente desenvolvida.

P: Tive de pensar por uns instantes, porque as palavras do meu amigo e mestre, professor Schmaltz, já falecido, acudiram logo à minha mente: *"Por trás da consciência, no negro domínio da mente, no inconsciente, existe algo que pensa e medita de uma maneira independente, atuando sobre a consciência e que, junto com ela, 'cria a verdade'."*[3]

[3] Gustav Schmaltz, *"Das Machen der Wahrheit im eigenen Herzen" (Augustinus) und die dialektische Funktion des Unbewussten im Individuationsprozess* [*Meditation in Religion und Psychotherapie*] (Stuttgart, 1958), p. 95. O dr. Schmaltz foi um dos meus professores. Esse livro não foi publicado em inglês. Uma tradução do título seria: *A "criação" da verdade no coração de uma pessoa (Agostinho) e a função dialéctica do inconsciente no processo de individuação*.

A fim de aprofundar esse pensamento, pedi a Yan Su Lu que explicasse a diferença entre autorrealização plena e visão divina.

R: A pessoa realizada em termos de conhecimento espiritual é aquela que vive esse conhecimento; ela e o conhecimento são, na verdade, uma só coisa. Transformou-se em conhecimento, comunicou-se com aquela parte interior de si mesma, com o eu divino, com a alma, e cresceu.
Uma pessoa dotada de visão divina pode ser capaz de ver essas coisas espirituais, mas ver não significa necessariamente vivê-las.

P: Pode explicar o conceito da Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo?

R: Isso tem a sua explicação moderna nos três aspetos do homem: o espiritual, o mental e o material, pois, neste planeta, contamos com esses três aspetos da vida. Nós não existimos necessariamente dessa forma noutros reinos, mas apenas aqui na Terra.

P: A sua doutrina, Yan Su Lu, está em conflito com o Cristianismo?

R: Até certo ponto, na medida em que o homem decidiu explicar o Cristianismo. Mas se estamos a falar dos ensinamentos do grande Mestre Jesus, é claro que não. Qualquer professor que estivesse em desacordo com um mestre não se chamaria a si mesmo de professor. Estaríamos em desacordo com todas as religiões que deram origem a falsos conceitos.[4] Mas, quanto aos ensinamentos originais do Mestre, eles não são senão amor verdadeiro.

[4] De acordo com Jung, a principal função das religiões institucionalizadas é preservar as pessoas de uma experiência directa com Deus. Ver a obra de Stanislav Grof, The Adventure of Self-Discovery (Albany: State University Press of New York, 1988), p. 269. E Gandhi disse: "Acho que todas as religiões do mundo são mais ou menos verdadeiras. Digo 'mais ou menos', porque acredito que tudo o que o homem toca — pela simples razão de que os seres humanos são imperfeitos — torna-se imperfeito." Ver a obra de R.K. Prabhu, Mohan-Mala: A Gandhi Rosary (Ahmedabad, Índia: Navajivan Publishing House, 1949), p. 36.

P: Há uma linha de conduta a respeito de como orientar a nossa vida neste planeta?

R: Partindo do princípio de que cada alma encarna nesta vida com diferentes carmas e diferentes padrões, a única orientação específica que caberia seria desenvolver a capacidade de amar, desinteressadamente. Pois com um amor não egoísta vêm a compreensão, a tolerância e o conhecimento. Muito se pode aprender com essa emoção, com essa palavra, amor. Mas, obviamente, é mais fácil falar do que viver o amor, porque a confusão que reina no mundo é um exemplo vivo de quanto as pessoas estão distantes desse amor.

E, mais do que isso, para descobrir o nosso plano de vida, é preciso que haja concórdia e fé no Pai e, com essa fé, vem a certeza de que o Pai vive dentro de todos nós.

P: Há algo que possamos fazer para neutralizar o negativismo e a violência que prevalecem no mundo todo?

R: O seu corpo é o templo do Pai, o templo da sua alma espiritual. É aí que mora e onde encontra paz e harmonia, intocado pelos acontecimentos e pelo mundo exterior. Precisa compreender o seu propósito na vida, decidindo viver da forma mais positiva, carinhosa, tolerante e compreensiva. E se puder chegar a isso, então pouco importarão os acontecimentos exteriores. O acontecimento mais importante que pode ocorrer está no seu próprio eu.

P: A resposta de Yan Su Lu lembrou-me uma dada pelo grande mestre indiano, Sri Bhagavan Maharshi, quando um discípulo lhe perguntou:

H: Mestre, eu posso ajudar o mundo?

Bh: Ajude a si mesmo e ajudará o mundo.

H: Eu quero ajudar o mundo. Será que não poderei ajudar?

Bh: Sim, poderá. Ajudando a si mesmo, estará a ajudar o mundo. Você está no mundo, você é o mundo. Você não é diferente do mundo, nem o mundo diferente de si.[5]

[5] Arthur Osborne, *Ramana Maharshi and the Path of Self-Knowledge* (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1973), p. 99.

SOBRE MEDITAÇÃO, TEMPO E ETERNIDADE

P: Durante as nossas sessões, temos falado muito sobre meditação, e defende a ideia de que a meditação é um caminho que leva a Deus. Há outros caminhos, ou a meditação é o único?

R: Nós não poderíamos exaltar suficientemente o uso da meditação para o desenvolvimento espiritual. De que outra forma poderemos evoluir, senão entrando em comunhão pessoal com o Pai? Sem comunicação com o Pai, a evolução leva muito mais tempo. Mas, quando isso acontece, o despertar da nossa consciência espiritual ilumina o nosso caminho, os nossos passos rumo à evolução.

É óbvio que, quando uma pessoa opta por uma vida de honestidade, de moralidade e de integridade, mesmo sem sabê-lo ou sem se ater a conceitos espirituais, ela já se encontra no caminho espiritual.

Mas como poderia evoluir mais depressa se reservasse uma pequena parcela do seu tempo para se comunicar com o Pai, e aquilatar o dom precioso que Ele nos concedeu — o dom da vida, o mais belo, o querido dom da vida! E como, com esta vida, haveria de descobrir a forma de melhor se transformar no ser que o Pai tencionou que fosse! É por isso, meus irmãos e minhas irmãs, que estamos aqui: para nos tornarmos essa pessoa maravilhosa que existe em todos nós. Vamos trazer essa pessoa para fora, expô-la aos olhos do mundo e, depois, apreciar a beleza que nos circundará.

P: O que quer significar com meditação?

R: A palavra meditação tem diferentes significados para as pessoas. Mas o que quer que signifiquem — oração, pensamento consciente dirigido para o Pai, pensamento dirigido ao próprio eu — tudo isso não deixa de representar um caminho para a compreensão do que a vida é.

P: Yan Su Lu, na dimensão em que se encontra, tem alguma perceção do tempo?

R: No nosso estado — digamos, no estado etérico — não existe essa palavra "tempo". O tempo só existe para servir a humanidade na dimensão do homem. Nós não encaramos a vida em termos de tempo, pois não existe amanhã, não existe hoje. Existe sempre o agora, e o agora é eterno. Não quero dar a impressão de que estou a fugir a uma resposta, mas precisamos ter em mente que, no plano etérico, mesmo as almas que deixaram o plano físico um tanto rapidamente, e que se encontram no plano etérico, mesmo essas almas, aos poucos, à medida que vão perdendo as suas personalidades terrenas, começam a perder o sentido do tempo. O tempo, aqui, não existe absolutamente.[6]

[6] Neste particular, poderíamos fazer referência à obra de Stanislav Grof, *The Adventure of Self-Discovery* (State University of New York Press, 1988), Capítulo 1: *Dimensões da Consciência: Nova Cartografia da Psique Humana*.

SOBRE A VIBRAÇÃO DOS TIPOS DE NOMES E DE ALMAS OU PREDESTINAÇÃO

P: O que significa o nome Yan Su Lu?

R: O que significa o nome Eugene Jussek?

P: Uma vibração?

R: Sim, como acontece com a maioria dos nomes. Os nomes são dados antes de o processo da vida começar. Cada letra tem o seu próprio valor vibratório, que coincidirá com a vibração e com os padrões dentro dos quais essa pessoa avançará durante toda a sua vida.

Chega então um momento em que podem ocorrer alterações em relação ao nome. As mudanças que ocorrem durante a vida de uma pessoa podem, no momento certo, exigir certa alteração no nome para ter uma vibração adequada. Não é absolutamente necessário, embora, na verdade, seja muito melhor, uma vez que — como podemos entender — mudanças ocorridas no foro interior refletem-se no exterior.

P: A palavra *soul* [alma] tem um significado vibratório especial?

R: A palavra *soul*, no vosso vocabulário, traz consigo um valor vibratório muito benéfico no que respeita a essa energia. Em outras palavras, o vocábulo *soul*, se fosse repetido continuamente na vossa linguagem, acarretaria uma alta percentagem de vibração, pois pertence àquele aspeto do corpo que é chamado de eu divino.

O EU DIVINO, A ALMA E O CARMA POSITIVO

R: O eu Divino, essa parte de cada ser humano que guarda dentro de si a energia vital que o Pai nos concedeu, nós chamamos de alma. Naturalmente, existem para ela outros nomes noutras línguas, mas aqui desejamos ater-nos à terminologia inglesa.

Agora, a palavra *soul* foi escolhida porque traz em si aquilo que representa "a energia vital Divina", no sentido vibratório. Essa alma é uma força energética, invisível, mas sem ela dentro do corpo físico, a vida não se manteria por muito tempo. Digo "por muito tempo" porque, na época do desenvolvimento fetal, a alma ainda não habita o corpo.[7]

[7] *Consultar também o capítulo sobre a Consciência.*

A alma traz consigo todos os padrões através dos quais a pessoa irá aprender ao longo da sua vida. A alma sabe das iniquidades que a personalidade poderá encontrar no que diz respeito à consciência e ao livre-arbítrio. Apesar disso, esforça-se por permanecer como a força motivadora e reguladora do indivíduo, inspirando e direcionando a sua vida.

Nenhum carma determina que uma alma encarne como um ser negativo. Nós não nascemos para isso. Trata-se de um processo de aprendizado. O negativismo afasta a influência da alma e o modelo cármico, deixando que a má vontade anule qualquer orientação interior. Em suma, estou a dizer que todas as almas vêm com uma missão positiva. Não se espera que nenhuma instile uma experiência negativa, nem no seu eu nem no de outro; não se espera que nenhuma prejudique moral, espiritual ou fisicamente outro ser. Isso só acontece porque o ego insiste e impede que a alma-espírito assuma o controlo.

P: Poderia explicar como o carma positivo funciona? Pois poderíamos dizer que, quando duas pessoas cumpriram todas as suas obrigações e atuaram positivamente uma sobre a outra, já não haveria necessidade de se encontrarem em vidas futuras. Elas partiriam para outras experiências em novos lugares. Por que as entidades voltam e tornam a voltar juntas neste plano?

R: O número de vezes que as almas reencarnam carmicamente depende da sua evolução e do que aprenderam. Claro, a experiência mais importante consistiria num relacionamento que culminasse em amor e compreensão. A essência do ego consciente teria de ser completamente dissolvida antes que o respeito e a compreensão prevalecessem entre duas almas. Para atingir esse objetivo, precisam encarnar muitas e muitas vezes. Pois o que, no vosso estágio de vida, vos é dado saber do carma pode não ser necessariamente verdadeiro. Quando entram no estado anímico, compreendem por quais experiências terão de passar com essa outra pessoa: especificamente, experiências em que haja muita emoção,

experiências de amor ou o contrário — mas não se esqueçam de que essas vidas são muitas.

P: Todas as vidas são igualmente importantes?

R: Toda vida é importante. Uma não é menos importante do que a outra. Pouco importa quão aleijada, pobre, degradada se veja uma pessoa num dado momento, isso não torna essa vida menos importante do que aquela em que a pessoa atingiu um grau de equilíbrio. Tudo aquilo por que a alma passa, a essa altura, é necessário, pois foi ela que atraiu para si esse tipo de existência.

SOBRE ALMAS-IRMÃS, AS CONTRAPARTES E A VIDA EM OUTRAS GALÁXIAS

P: Pode uma alma passar por experiências de vida sob formas diferentes?

R: Sim, existem na verdade sobre a Terra outras formas de vida com coeficientes de vibração semelhantes aos nossos. Essas formas de vida não precisam necessariamente ocorrer no corpo humano. Podem existir em diferentes galáxias. Uma vez ou outra, todos vocês passaram por essas formas de vida.

P: Se uma única alma se compõe de diferentes aspetos, não poderiam esses aspetos separar-se e habitar neste plano, ao mesmo tempo, corpos diferentes?

R: Sim, como já dissemos, se olhar para si mesmo esta noite, verá uma parte do todo. A plenitude da alma, a alma como um todo, desde que a sua evolução espiritual tenha ocorrido neste planeta, concretiza-se pela integração das suas partes, sendo cada uma destas uma entidade individual em si mesma, que também parte em busca de aprendizado e evolução.

Uma parte da alma, com a sua própria personalidade, pode chegar a um nível de evolução espiritual muito superior ao que outra parte é capaz de alcançar. Uma pode ser muito espiritualizada, enquanto outra pode estar mergulhada na esfera mundana. A parte evoluída pode, então, partir e prosseguir no seu processo evolutivo noutra esfera de aprendizado. Com o tempo, através da comunicação entre essas partes, em estado transitório ou em momentos de silêncio, cada alma saberá onde a outra reside, e a força Divina existente numa pode entrar em contacto com a força Divina que existe noutra.

Só depois de todas as partes correspondentes da alma cumprirem as suas difíceis tarefas é que a alma poderá completar a sua missão neste planeta e dirigir-se a outros níveis de aprendizado. Digamos apenas isto: formas de vida e coeficientes de desenvolvimento totalmente diferentes podem ser

experimentados por diferentes partes da mesma alma para, afinal e em última análise, a alma unificar-se.

P: Há maneiras de reconhecer as contrapartes da própria alma? Deve ser muito fácil, certamente, deixar-se enganar pela emoção. Existe alguma técnica?

R: Quando a pessoa atinge certo grau de desenvolvimento em termos de consciência, torna-se possível que uma contraparte integre o seu padrão de vida neste planeta. Esse reconhecimento, porém, ocorrerá num nível espiritual ou etérico. Tratar-se-ia de um contacto subconsciente entre as pessoas envolvidas, caracterizado por muito amor e compreensão.

P: Poderia estabelecer a distinção entre a contraparte de uma alma e uma alma-irmã?

R: Certamente. Almas-irmãs não são partes da nossa própria alma. As almas que viajaram através de muitos períodos de tempo, passaram por situações semelhantes nas suas experiências de vida e tornaram-se muito íntimas, são almas-irmãs. É necessário acrescentar que, desde que a evolução nesta vida sobre a Terra tenha atingido esse nível de conhecimento, essas almas separar-se-ão e seguirão caminhos diferentes para passar pelas experiências ainda necessárias a elas neste universo.

P: Então, diz que partes de uma mesma alma se reunirão um dia, depois de terem terminado todos os seus carmas? Quanto tempo isso pode levar?

R: Para isso, são necessárias vidas incontáveis, e tudo depende da rapidez com que a evolução espiritual se processa dentro de cada parte da alma, para que possa ser unificada. Pode acontecer que, ao mesmo tempo, doze partes da sua alma estejam todas a passar por experiências de vida e de aprendizado. No final, estas formas da sua alma serão unificadas dentro de um equilíbrio absoluto.[8]

[8] Na literatura teosófica, existe uma doutrina esotérica referente a sete globos da nossa atual "cadeia terrestre" que se interpenetram. Cada alma que encarna é atraída para um dos globos dessa cadeia (que achamos que é a Terra), enquanto os aspetos mais subtis e mais grosseiros da alma passam por experiências noutros globos. Isso é uma forma de dizer que, na realidade, nunca nos afastamos do campo de força da Terra durante esse ciclo da evolução humana, mas significa também que vivemos uma vida noutros planetas. As doutrinas teosóficas sustentam que a alma grupal, atualmente sediada na Terra, precisa evoluir através de éons de tempo antes de estar pronta para deixar a Terra e recomeçar noutro planeta do nosso sistema solar.

P: Qual o destino final de todas as almas?

R: Este universo não conhece estagnação. Portanto, a alma progride, cresce, aprende as lições espirituais, adquire capacidade para entender com clareza e amor o que acontece; harmoniza-se com a mente, com a alma e com todos os órgãos do seu corpo. Em outras palavras, alcança, neste planeta, o verdadeiro equilíbrio.

Esta alma, sendo assim, não retornará mais ao plano terrestre, pois todas as lições foram aprendidas. Agora, está livre para iniciar novas experiências em diferentes níveis de conhecimento. Preciso acrescentar que esses níveis, obviamente, serão mais elevados, mais complexos, mais espirituais, mais exigentes. Mas nós recebemos apenas aquilo que podemos controlar de cada vez. Nunca somos sobrecarregados de responsabilidades. Há muitas outras lições e experiências à espera da alma, quando ela deixa para sempre este plano terrestre.

SOBRE GÉMEOS IDÊNTICOS, MIGRAÇÃO DA ALMA, ESTADOS DE COMA, ESQUIZOFRENIA E A POSSIBILIDADE DE EXISTIR UM CORPO SEM ALMA

P: Gémeos idênticos são partes de uma mesma alma?

R: Não, não são, embora isso possa parecer provável. Nem essas almas seriam unificadas como se fossem uma só. Essas almas de que falamos, que encarnam como gémeas, derivam de outras almas que estiveram juntas durante muito tempo. Gostaríamos de chamá-las de almas-irmãs — almas nem sempre em harmonia, claro, mas sempre dotadas de muita compreensão uma para com a outra, conhecendo intuitivamente os respetivos desejos e necessidades, sem precisar do recurso da fala. Essa seria a forma mais aproximada que se poderia alcançar sem pertencer à mesma alma.

P: É possível que uma alma passe para outro corpo que já tenha vivido metade da sua vida na Terra e que ainda esteja vivo? Ou, em outras palavras, posso, de repente, descobrir que tenho outra alma, ou que a minha alma está noutro corpo?

R: Isso é impossível. A alma não poderia, absolutamente, transladar-se para outro corpo sem que essa transição tenha sido plenamente realizada. Em outras palavras, teria de haver morte antes que a alma pudesse abandonar um corpo e alojar-se noutro.

P: Pode existir um corpo desprovido da sua própria alma, mas cheio de partes de almas diferentes?

R: Não, isso seria impossível.

P: E o que dizer das pessoas esquizofrénicas?

R: Nesse caso, não estamos a falar de almas diferentes. A alma representa a vida unificada dentro de um corpo. Nas doenças mentais, como a esquizofrenia, estamos a lidar com possessão. Entidades negativas

apoderam-se do sistema nervoso de um corpo e usam-no como bem entendem. É óbvio que nem sempre é esse o caso, porque, na verdade, há partes da mente que, por vezes, estão predispostas à alucinação, mas, na maioria das vezes, nesses casos, estamos a falar de possessão.

P: E o que dizer das pessoas que parecem não ter absolutamente alma, que são como robôs ou que parecem estar adormecidas?

R: Todos os seres humanos têm alma. Viver é ter alma. A transição ocorre quando a alma deixa o corpo. Agora, as pessoas de quem fala, que parecem adormecidas, que não geram energia, mas apenas vegetam, são seres cuja consciência morreu. Elas não usaram adequadamente a vontade para resolver, com energia, os problemas que tiveram de enfrentar. Porém, cada um desses problemas não resolvidos apresentar-se-á, indubitavelmente, repetidas vezes no decorrer das suas vidas, até que essas lições sejam aprendidas, até que sejam resolvidas.

P: Será que uma alma desse tipo toma essa decisão antes de nascer — a decisão de viver uma vida em estado de dormência, de descanso?

R: Podemos usar essa palavra "adormecida" tanto num sentido positivo como num sentido negativo. Se está a referir-se a uma alma que vem ao mundo por necessidade, para aprender lições dolorosas, motivadas por antigos karmas, mas que prefere não as aprender, retraindo-se, então estamos realmente a usar essa palavra num sentido negativo. Mas, por outro lado, podemos usar a palavra "adormecida" de forma positiva. Reconheceria facilmente a diferença. Pois uma revelaria qualidades negativas, enquanto a outra revelaria qualidades positivas e daria, realmente, a ideia de descanso. Mas, em vez de usar a palavra "descansar", usaríamos a palavra "observar" a vida, fluir com a vida, não acrescentando muito, mas aprendendo silenciosamente. Isso não é negativo.

P: Estava a pensar, por exemplo, numa pessoa retardada que tenha atingido no máximo cinco anos em toda a sua vida.

R: Nesse caso, temos diante de nós uma alma não muito à vontade com a parte sexual do seu corpo e que quis viver esse tipo de vida apenas para observar, para aprender como usar o corpo. A duração da vida dessas pessoas é, frequentemente, curta. Para essas pessoas, só é necessário aprender e observar a partir de um corpo. Nada mais.

P: Como pode uma alma ligada a um corpo que sofreu muitos danos, destituído de funções cerebrais mensuráveis, aprender alguma coisa? E quanto aos estados prolongados de coma?

R: A mente consciente pode estar, obviamente, adormecida, mas a alma aprende sempre com essa experiência. Para aprender com essas experiências, não há necessidade da mente consciente.

SOBRE MATRIMÓNIO, AMOR E SEXO

P: A instituição do matrimónio é necessária?

R: Neste momento, é muito necessária, porque a humanidade ainda não evoluiu ao ponto de se tornar desnecessária. Esse tempo chegará. Mas, acredite-me, estamos longe, muito longe disso. Seria muito melhor excluir qualquer ideia de que a humanidade tenha atingido um ponto em que o matrimónio se tenha transformado numa instituição desnecessária.

P: E o que dizer do destino ou carma na escolha de um cônjuge? Essa escolha deriva do livre-arbítrio?

R: De novo, temos aqui dois aspetos. Comecemos por comentar que a vontade ou a obstinação, por vezes, imperam. Muitas vezes, isso sobrepõe-se ao padrão para o qual as pessoas deveriam orientar-se. Mas podemos afirmar que, nesse caso, na maioria das vezes, os casamentos são celebrados devido a padrões de vidas passadas e presentes.

P: Qual é a razão do matrimónio?

R: Considerando que todos nascem como pessoas, com necessidades e expressões muito próprias, a razão do matrimónio consiste no aprendizado de um com o outro. É a oportunidade de conhecer o equilíbrio. O homem aprende a subtileza, a mulher aprende a ser mais impositiva. Juntos, dão origem a uma terceira energia — o relacionamento — que também tem as suas exigências, como algo que precisa ser cultivado e cujos sinais de desgaste devem ser observados. É para dentro dessa energia que as novas almas são atraídas para viver como seus filhos. Se duas pessoas querem participar da instituição do matrimónio, ótimo.

P: Poderia explicar com mais detalhes por que, por vezes, nascemos como homem e outras vezes como mulher?

R: Cada sexo traz consigo a sua própria sensibilidade e características. Com a parte feminina da alma, temos a parte que é gentil, confiante, e — não sempre, mas geralmente — mais sensível. A parte psíquica da alma dará frutos muito antes dentro da parte feminina do que da masculina. O sexo masculino incorpora a força necessária, a agressividade, e, quando me refiro a essas coisas, faço-o de forma positiva, não negativa.

Então, o sexo masculino vem acompanhado de força, de agressividade, em muitos casos de praticidade, que, sem dúvida, é muito necessária nesta vida, pois nem toda existência traz consigo experiências espirituais nas quais a alma, ansiando, aprendendo e crescendo, trilha a senda da espiritualidade.

Há muito a aprender para chegar ao equilíbrio nesta vida, tanto no mundo físico como no mundo mental. Assim, essas qualidades da contraparte masculina são muito necessárias, pois a alma precisa aprender a partir de experiências físicas e mentais. À medida que evolui, vê que essas características masculinas e femininas começam a fundir-se, de modo que, posteriormente, todas se transformarão numa única característica e que esta será completa. Este seria, então, o equilíbrio perfeito das três naturezas do homem — mental, física e espiritual. Nós citaríamos o vosso mestre Jesus como um exemplo da combinação e do equilíbrio entre essas naturezas.

P: O senhor disse antes que, para colocar o sexo num nível mais espiritual, precisaríamos utilizar práticas espirituais. Poderia ser mais específico a esse respeito?

R: A mente consciente não tem necessidade de estar totalmente sujeita a desejos físicos. O que se evidencia em termos de sexualidade entre duas pessoas, à medida que elas evoluem espiritualmente, é o elemento físico. Mas os sentimentos, as emoções, a satisfação, começam a aumentar, a expandir-se. O desejo de satisfação física existe, sem dúvida. Porém, o desejo de total concentração nessa área começa a diminuir. As duas pessoas começam a compreender que a comunhão de corpos constitui, também, uma comunhão de almas. Verão que a união física e espiritual que se realiza é realmente algo muito belo.

P: De acordo com a Tantra Yoga, amor e sexo podem ser elevados a um nível superconsciente. Qual é a sua opinião a respeito?

R: É sobre isso que falávamos. Para esclarecer, vamos continuar: para chegar à comunhão de que falávamos, ambas as pessoas precisam ter conhecimento do que estamos a tratar aqui. A partir dessa premissa, diremos que a satisfação que o ato sexual proporciona pode ser elevada a um nível em que os dois amantes começam a perceber que o ato sexual constitui apenas um aspeto da comunhão que cada parte deseja partilhar com a outra.

É nessa doação recíproca que a pessoa compreende que a união física está apenas a começar. As duas pessoas que contribuíram com a sua energia e a cederam uma à outra, comungando mutuamente, começam a perceber a beleza do ato sexual pela beleza da comunhão espiritual alcançada.

P: E esse relacionamento terá continuidade no nível da alma?

R: Esse tipo de comunhão espiritual é, realmente, o que acontece no nível da alma. Mas é isso que estamos sempre a procurar. Pois não é necessário comunicarmo-nos fisicamente. O que é preciso é que a comunhão espiritual entre duas pessoas ocorra, assim como o amor mútuo.

P: Há uma maneira definida de fazer amor ao nível da alma, já que estamos tão inclinados a fazê-lo durante a vida na Terra? Existe nesse nível uma união entre dois seres como existe aqui?

R: O amor de que fala é transmitido na forma de uma energia totalmente diferente da que sente neste nível através do seu corpo. Para simplificar: é como se você e o ser amado não se falassem, não se tocassem, mas, através das forças de comunicação telepática, expressassem o seu amor recíproco e se entendessem nesse nível.

P: O que pensa do casamento em grupo? É uma tendência saudável?

R: Há desvios. Não vão durar. O facto de ser saudável ou não conta. Se a alma, nessa altura, achar, no âmago da sua consciência, que a experiência foi boa para ela, então é possível que tenha sido boa. Mas, acima de tudo, não vai durar.

P: O amor ideal através dos laços do matrimónio serve para remover antigos obstáculos e para libertar as energias, de modo que o casal possa seguir rumo à evolução?

R: Rumo à perceção. O medo, o medo de fracassar, o medo de perder, e o sofrimento daí resultante — o sentimento de posse, ciúme, infidelidade — tudo isso está relacionado com o ego. Quando se conhece e se pratica o amor, o eu começa a libertar-se do ego, do egoísmo. Quando a felicidade já não depende de condições, ela passa a fazer parte do eu. Esse eu torna-se, então, livre da necessidade da perceção. A perceção é uma condição necessária para a evolução da alma.

P: Qual a sua opinião sobre o *swinging*? Pode ter algum valor benéfico?

R: Essas questões são irrelevantes. Não dizem respeito ao desenvolvimento espiritual. Estamos a falar de satisfação do ego, não de crescimento espiritual. Não há necessidade de mergulhar nessas questões psicológicas e egoístas.

P: O divórcio pode ter alguma justificação? Não é melhor que duas pessoas se separem se o facto de estarem juntas causa um sofrimento insuportável?

R: A razão pela qual uma alma — neste caso, uma pessoa — optaria por continuar ao lado de outra depende unicamente da sua própria consciência, dos seus sentimentos de confiança e segurança; do que pensa de si mesma, do que está a ganhar com esse relacionamento, do que está a aprender.

Se esse relacionamento não for penoso e se um desenvolvimento contínuo puder ser previsto, então, obviamente, esse relacionamento é bom. Mas não há razão para que duas pessoas permaneçam juntas quando isso implica sofrimento. Esse não é o caminho da espiritualidade; em vez de fomentar, retarda-se o crescimento espiritual, e a pessoa assume futuros

compromissos cármicos com essa alma. Não há, absolutamente, necessidade de duas pessoas sofrerem sem razão.

P: Obrigado.

SOBRE A CONSCIÊNCIA

P: Falámos, em sessões passadas, sobre a "consciência". O senhor afirmou que a consciência não depende do tecido cerebral. Depende da alma?

R: Isso mesmo, pois, sem a alma ou força motriz da vida, não haveria consciência. O cérebro não tem capacidade para ativar a consciência sem a assistência da alma.

P: Alma é o mesmo que consciência?

R: A alma é que proporciona a consciência. Digamos assim: podemos afirmar que sem alma não existe consciência. Sem consciência pode existir alma, pois estamos a falar das deficiências que uma pessoa pode ter. Fisicamente, não temos necessidade de pensar para que a alma continue a habitar o nosso corpo. Quando a alma decide abandonar o corpo físico, a consciência deixa de existir. Há muitas facetas na alma. Há aquela parte que Deus escolheu para se apresentar diante de nós como nós mesmos. Nós como Ele, Ele como nós. Sem a Sua força misericordiosa a infundir-nos alma e vida, não existiríamos. Portanto, a alma tem muitos aspetos, e a consciência é um deles.

P: Quando a alma entra no corpo?

R: A alma paira ao redor do corpo durante toda a gravidez. Ela entra no corpo na primeira vez que a criança respira.

P: Não entendi bem. A alma entra no corpo no momento em que o esperma fecunda o óvulo ou no momento do nascimento?

R: No momento do nascimento. Durante esses meses, a alma está a emprestar energia ao feto.

P: O feto, enquanto habita o ventre materno, tem consciência própria?

R: Nesse estágio, o feto não passa de um organismo físico, dependendo, claro, da mãe para viver. Porém, a alma que habitará esse corpo está a rodear essa área, está perto do ventre. Quanto mais próximo do nascimento estiver o feto, mais próxima estará a alma do ventre. Em outras palavras, para simplificar, a alma, no início da gravidez, manter-se-ia a certa distância, mas já teriam tido início os primeiros contactos com o feto; ela já estaria a preparar-se para entrar no corpo do feto. À medida que o feto se desenvolve, a alma vai-se aproximando do ventre da mãe cada vez

mais, até ao momento do nascimento, quando entra no feto antes de a criança deixar o ventre materno.

SOBRE A CONSCIÊNCIA

P: Obrigado. Eu gostaria de esclarecer um pouco mais as coisas, perguntando-lhe que tipo de consciência possui o feto, enquanto ainda está no ventre materno.

R: A consciência de que fala limita-se exclusivamente ao plano físico. Nós não admitimos a existência de consciência senão no momento em que a alma entra no corpo físico; a alma faz isso à medida que o feto vai ficando maior e mais forte. A alma começa, então, a transmitir a sua energia para o feto, preparando-se para entrar nele. Na verdade, a alma já teria começado a entrar parcialmente bem antes da hora do nascimento. Mas a entrada completa só se realiza exatamente antes de a criança deixar o ventre materno.

P: Tudo tem consciência? Mesmo a matéria, como uma rocha ou uma unha?

R: Estamos a falar, no que se refere a essas consciências, obviamente, em termos relativos; mas, para simplificar: sim, até certo ponto, pois tudo vive. Tudo o que vê e toca está, dentro das suas respetivas estruturas, vivo.

P: E esse "tudo" pensa? Uma rocha pensa?

R: Não; do nosso ponto de vista, não, claro. Mas ela tem, intrinsecamente, a ideia, a perceção do que é — isto é, de que é uma rocha. Uma consciência muito limitada, sem dúvida, mas uma consciência. Pois tudo o que o Pai, tudo o que Deus criou, tem consciência.

P: Quando morremos, perdemos a consciência?

R: A consciência impregna a nossa vida, quer esta se apresente sob uma forma física, quer sob esta forma etérica. A consciência está sempre presente. Nós nunca esquecemos. A raça humana atingirá, futuramente, um grau de desenvolvimento espiritual que a levará, finalmente, a utilizar tudo o que o Pai proporcionou para o gozo e desenvolvimento do homem. Nessa época, lembrar-nos-emos das vidas passadas tão bem quanto nos lembramos do dia de ontem.

P: Quando morreu na sua última encarnação, Yan Su Lu, houve um momento em que, durante a transição, perdeu a consciência?

R: Houve um breve momento, quando fechei os meus olhos, mas logo percebi que, quando acordasse, estaria fora do meu corpo. Assim, apenas por um momento muito breve, perdi a consciência. Não estava consciente

da transição, mas isso aconteceu, na vossa terminologia, durante uma fração de segundo.

P: Então foi durante um prazo muito curto?

R: Foi, realmente.

P: E a consciência com que despertou era a mesma que tinha quando estava vivo?

R: Até certo ponto, sim. Mas precisa entender que existe uma diferença muito grande entre esse tipo de existência e uma vida normal. Porque a mente consciente, que a pessoa comum abandona por ocasião da transição, fica realmente com ela durante um bom tempo até que compreenda que já não é necessário ater-se aos pensamentos e emoções que tinha quando na matéria. E, decorrido certo tempo, esses pensamentos e essas emoções começam a esbater-se e, aos poucos, perde-se o contacto com eles.

P: Numa das nossas primeiras sessões, afirmou que, depois da transição, a consciência da pessoa é exatamente a mesma que antes da transição. Isso significa que pessoas idosas, cuja personalidade e intelecto enfraqueceram, conservam essa consciência senil depois de terem passado para o além?

R: É exatamente o contrário. A senilidade, nesse caso, é puramente física. Na transição, a consciência é restaurada, para que a consciência etérica possa vencer essa barreira e vigiar o corpo em desintegração que ficou para trás. Antes, estávamos a falar de pessoas dotadas de consciência por ocasião da transição e que não sofriam de senilidade. Não, a senilidade diz respeito exclusivamente ao corpo físico. A consciência é realmente restaurada nesse momento.

P: Poderia, mais uma vez, esclarecer-nos a diferença que existe entre consciência terrena e consciência espiritual?

R: A consciência terrena traz consigo o bloqueio das encarnações anteriores, das vidas passadas, visando especificamente um aprendizado intensivo — as lições destinadas à pessoa durante essa vida.

À medida que evoluímos, as lições específicas da consciência terrena e a consciência espiritual assumem o comando. A partir daí, vislumbres de encarnações passadas, de relacionamentos, de ideias tornam-se muito mais cognoscíveis, adquirem um significado muito maior, de modo que a pessoa pode estabelecer um elo de ligação entre encarnações passadas específicas e a vida atual. Mas, para atingir esse grau de desenvolvimento da consciência espiritual, a pessoa precisa ter abraçado e seguido o caminho espiritual, desenvolvendo-se de tal modo que faça com que essa consciência realmente desperte ou se torne recetiva.

SOBRE LEMBRANÇAS DE VIDAS PASSADAS

P: Por que certas pessoas parecem ter acesso mais fácil a vidas passadas do que outras?

R: Estamos a falar aqui sobre evolução espiritual. À medida que a alma avança no caminho espiritual, o inconsciente desperta mais facilmente para pensamentos ligados a vidas passadas. As lembranças, nessa etapa da existência, tornar-se-ão muito mais importantes.

A intuição da pessoa concentrar-se-á em vidas passadas ligadas a problemas específicos da vida presente. Mas esse despertar só ocorre quando a alma se coloca no caminho espiritual e aceita e quer, de boa vontade, ampliar os seus conhecimentos nesse aspeto.

P: As lembranças das vidas passadas estão enraizadas no tecido cerebral da pessoa?

R: Estamos a falar da alma em relação à lembrança de vidas passadas. Esta não reside no ser físico do indivíduo, mas nos centros espirituais, nas glândulas de energia espiritual que existem dentro do corpo — sobretudo na glândula pineal e no plexo solar. Ambos contribuem muito para a abertura da consciência.9

9 Yan Su Lu refere-se aqui aos chakras. Isto fez-me recordar algumas conversas que tive, há muitos anos, com o meu antigo professor, dr. Gustav Schmaltz, sobre a consciência e os chakras. Na sua opinião, os ensinamentos sobre os chakras da Ioga Tântrica contêm um conhecimento da psicologia humana que será importante para o futuro da investigação médica relacionada com os diferentes níveis da consciência. Ver também: Gustav Schmaltz, Komplexe Psychologie und Körperliches Symptom (Stuttgart, Hippocrates Verlag, 1955), p. 115; Hiroshi Motoyama, Theories of the Chakras: Bridge to Higher Consciousness (Wheaton, IL: Theosophical Publishing House, 1981); Ken Wilber, The Atman Project (Wheaton, IL: Quest, Theosophical Publishing House, 1980).

Porém, é na alma que ocorre a abertura. A parte física age como um catalisador para estabelecer uma ligação entre essas experiências passadas e as lembranças que residem na consciência espiritual.

P: Assim, em outras palavras, afirma que a pessoa faz uso dos centros psíquicos para aumentar a sua consciência e permitir-lhe o acesso a lembranças de encarnações passadas?

R: Isso mesmo.

P: E não por intermédio do cérebro?

R: Exatamente.

P: Em sessões passadas, disse que aprendemos a respeito da nossa realidade interior quando dormimos, não tanto quando sonhamos. Como é que o cérebro pode transformar esse aprendizado que, como nos ensinou, é transmitido telepaticamente — em conhecimento e entendimento?

SOBRE TALENTO, DOM E GÉNIO

P: E a respeito dos talentos? O talento com que aparentemente nascemos vem de outras vidas? Por exemplo, consideremos Mozart, que, com apenas cinco anos de idade, já era um grande músico. Diria que esse virtuosismo deriva de vidas passadas nas quais ele adquiriu um grande conhecimento musical?

R: É claro que sim! Definitivamente, sim. Estamos diante de uma alma que dedicou muitas vidas ao aperfeiçoamento dos seus talentos dentro da esfera musical. Mas isso é apenas um aspeto, uma faceta da criatividade que existe dentro da alma. Aqui, estamos diante do que chamaríamos de génio. Porém, não se trata absolutamente de um génio, mas simplesmente de alguém que aperfeiçoou os seus conhecimentos e estudos nesse campo.

O talento criador é uma qualidade espiritual. Está intrínseco no poder da alma expandir a própria criatividade, o seu próprio talento criativo. Se uma alma opta por expandir os seus conhecimentos em mais de um desses campos ao longo das suas muitas vidas, poderá fazê-lo. Todos nós, em dado momento, tornamo-nos perfeitos numa esfera. Esses talentos criativos a que me refiro não se aperfeiçoam apenas neste planeta, mas também noutros, dotados de vibrações semelhantes. A necessidade de aperfeiçoamento nessas áreas persiste.

Portanto, se uma alma não desenvolve todos os seus talentos criativos aqui, fá-lo-á noutras áreas, vivendo noutras esferas, noutras formas de vida para além deste planeta.

SOBRE OS ANJOS DA GUARDA

P: O que é um "anjo da guarda"? Anjos da guarda existem?

R: Preferíamos não usar o epíteto de "anjo da guarda", pois, como já discutimos antes, cada pessoa encarnada tem muitos mestres. Esses mestres aproximam-se de uma pessoa por muitas razões. Entre elas, estão as razões espirituais, razões de saúde e, digamos assim, razões não exatamente materiais, mas relacionadas à orientação e às oportunidades de acordo com os seus padrões de vida.
Mas não se esqueça de que cada um desses mestres, por seus próprios

méritos, evoluiu até atingir o nível de ser espiritual. Por outras palavras, os mestres sabem muito mais do que a pessoa que acompanham. É verdade que são guardiães, mas, ao contrário do que a palavra poderia implicar, eles não interferem em nada. Fazê-lo seria usurpar o livre-arbítrio da pessoa. Estão lá para guiar e ajudar quando solicitados, seja através da meditação ou da prece. Estão presentes para esse fim específico.

A palavra "anjo" foi o cognome dado há séculos a esses mestres pelos cristãos, que decidiram imprimir maior ênfase à espiritualidade desses seres. Essa terminologia, entretanto, nesse sentido, não está exatamente correta. Esses mestres não têm, absolutamente, as assim chamadas "asas" com as quais poderiam voar. Têm o seu próprio espírito e apresentam-se da maneira como desejarem, mas sempre no plano etérico.

P: Toda a gente tem um mestre, assim como Charles tem no senhor, Yan Su Lu, um mestre?

R: Todos têm. Em todo este universo, os mestres estão ao lado de todas as coisas criadas. Precisa compreender que o Pai, na Sua sabedoria universal, designou a todas as coisas vivas quem as guiasse e orientasse. Esses são os mestres. Dentro do vosso contexto religioso, referir-se-iam a eles como "anjos". Estamos aqui por todos vós, para vos guiar nas horas de necessidade, de meditação e de oração. Somos aqueles que estamos presentes para vos ajudar de todas as maneiras ao nosso alcance, sem, contudo, interferir no vosso livre-arbítrio e no vosso carma.

SOBRE A MORTE

Elisabeth Kübler-Ross, a famosa psiquiatra, realizou um trabalho pioneiro sobre a morte e o momento da morte. Para as crianças, ela explica a morte do seguinte modo:

"A morte é simplesmente uma mudança por que passa o corpo físico, como acontece com as borboletas quando deixam o casulo. E tudo o que você perde é algo de que já não necessita mais — o seu corpo físico."[10]

[10] *Trecho de uma entrevista filmada em Los Angeles com Kay Croissant e Kathy Dees, para o documentário Exhibit of Continuum, 1978.*

Tales, o filósofo grego, ensinava que não existia uma morte verdadeira, que morrer não fazia a menor diferença. Extraída da ciência moderna e presente na obra de Bob Toben, intitulada *Space, Time & Beyond*, encontramos uma declaração que esclarece o ponto de vista de Tales:

"Não existe morte, mas apenas uma mudança de percepção, uma mudança de endereço cósmico."[11]

[11] Bob Toben, Space, Time & Beyond (Nova Iorque, Bantam, 1983), p. 12.

Parece que as pessoas que atingiram um elevado grau de consciência encaram a morte como uma transição para uma nova fase de desenvolvimento. O renomado mestre espiritual Paramahansa Yogananda descreveu a morte como a passagem de uma alma do corpo físico para o corpo astral.[12]

[12] Consultar Man's Eternal Quest, p. 273.

Ao descrever a experiência da morte, Sri Sathya Sai Baba disse:

"A morte é um estado muito semelhante ao sono. A pessoa desembaraça-se do seu corpo como de uma roupa velha, muito usada. Só o corpo morre. Como a mente não tem uma forma material, ela não morre com o corpo, e o pensamento continua ativo mesmo depois da morte do corpo."[13]

[13] Eruch B. Fanibunda, Vision of the Divine (Bombaim, E.B. Fanibunda, s.d.), p. 105.

De acordo com a minha experiência, notei que as pessoas saudáveis evitam falar sobre a morte. Discutirão com mais desenvoltura a respeito de sexo. Esta foi uma reviravolta peculiar da nossa sociedade nos últimos cem anos; até então, sexo era um assunto proibido e a morte um assunto aceitável. Hoje, a morte tornou-se um assunto proibido e o sexo um assunto alardeado. Mas ambos estão inevitavelmente diante de nós, e é prejudicial não encarar o inevitável, especialmente perante o grande medo que as pessoas comuns têm da morte.

P: Poderia explicar-nos o que é a morte?

R: A palavra "morte" tem, na vossa sociedade e em todo o mundo, uma conotação muito negativa. No entanto, é só através da morte que a alma se liberta da sua missão nesta vida e passa novamente a desenvolver-se e a aprender noutra. Seria muito mais positivo pensar na morte como uma transição da dimensão física para a dimensão etérica.

P: A experiência da "morte" para uma pessoa jovem é diferente da experiência de uma pessoa que teve uma vida longa e plena?

R: O número de anos que uma pessoa tem nesta vida não tem absolutamente nada a ver com o modo como a alma reage quando deixa o corpo. Se um ser jovem adquiriu, realmente, sabedoria espiritual durante os poucos anos em que esteve na Terra, então a sua transição torna-se muito simples, pois ele já sabe o que esperar depois de transcorrida a transição, e aguarda mesmo ansiosamente a chegada de mestres e de entes queridos para ajudá-lo.

A confusão está nas almas — ou melhor, nas personalidades — que, durante a vida, não tiveram nenhum treino espiritual, não tiveram o desejo de se comunicar com o Pai e se agarraram a crendices arcaicas, pertencentes a certas filosofias, às quais aderiram.

Diante de todas as religiões do vosso mundo, cada uma pregando caminhos diferentes para chegar ao céu, para evitar o inferno, para lidar com o que esperar depois da morte, ouvir tudo isso geraria confusão no momento da transição. Mas nós, deste lado, já esperamos por isso e já prevemos o que é melhor para a alma nesse momento.

SOBRE O CONTACTO DA ALMA QUE PARTIU COM O AMOR QUE DEIXOU PARA TRÁS

P: Uma alma que partiu pode entrar em contacto com um amor que deixou para trás, para enviar-lhe uma mensagem ou um aviso? Como isso se daria?

R: Isso dar-se-ia através da telepatia. O contacto pode ocorrer durante o sono ou em estado consciente, quando as energias partilhadas pela alma no mundo etérico começam a direcionar o pensamento da pessoa através de uma profunda meditação. Acrescentaria que não é fácil entrar em contacto com as pessoas que não têm consciência de que existe vida depois da morte. Com esses seres, é necessária uma grande concentração para que o contacto seja estabelecido.
Mas, mesmo sem levar essa crença em consideração, esse contacto pode ser feito. Em dado momento, uma pequena parte dessa energia voltaria para a mente consciente da pessoa com quem se fez contacto, e ali o pensamento poderia ser semeado. A melhor ocasião para fazer uso desse tipo de comunicação seria durante o sono.

P: Pode uma alma que partiu emprestar a sua energia à pessoa amada que ficou, que tem consciência de que a existência se perpetua e que necessita de orientação?

R: A entidade que partiu pode ajudar a pessoa amada neste plano. Se, entretanto, essa alma deseja progredir e servir-se dos esforços feitos em seu favor, sobretudo no que respeita à revitalização da sua consciência etérica, para que ela entenda o que aconteceu enquanto estava na Terra e o que agora precisa para continuar o seu processo de aprendizado no mundo etérico, ela deve seguir em frente.
Se, porém, a entidade que partiu opta por não prosseguir por esse caminho e, sim, por permanecer vinculada à Terra para prestar assistência a uma pessoa amada, essa é a sua escolha e deve ser respeitada.

A alma que partiu não substituiria o mestre, pois cada pessoa tem o seu próprio mestre. A alma amante estaria presente mais para consolar do que

para orientar, pois os mestres sabem muito melhor que a alma que partiu o que é melhor para a pessoa.

Sendo assim, a assistência viria através de consolo, de energia, de vibrações de amor e de ondas de pensamento enviadas à pessoa que ficou. Mas suplantar e ocupar o lugar do mestre não seria possível.

P: Retardaria a alma que se encontra no mundo etérico um contacto muito prolongado com a pessoa que deixou na Terra? Seria melhor não insistir?

R: É sempre melhor soltar as amarras, tanto em relação à pessoa amada que partiu como em relação à que ficou. Precisamos compreender que a evolução de ambas as almas seria mais rápida se esses laços fossem desfeitos. Perder uma pessoa amada é, a olhos mortais, justificadamente penoso, assim como seria penoso também para a alma que partiu.

Agora, vejamos: a alma que partiu não retardaria o seu progresso se permanecesse na Terra por pouco tempo. Muitas almas querem permanecer durante algum tempo para zelar pelas pessoas amadas, para tomarem consciência plena de que tudo está bem, de que o que aconteceu era necessário e de que a alma escolheu aquele momento e aquele lugar para a sua transição para o plano etérico. Existe um curto período de tempo em que as almas continuam, efetivamente, presas à Terra, antes de prosseguirem na sua evolução no plano etérico.

SOBRE O PLANO ETÉRICO E A SAUDADE DA VIDA TERRENA

P: Quando estamos no plano etérico, enquanto ainda nos lembramos com saudade dos nossos dias na Terra, estamos cercados pelas coisas que um dia conhecemos, como casas, plantas e animais?

R: A consciência da alma que partiu continua exatamente como era antes da transição. A alma vê tudo o que quer ver. Pode aperceber-se em qualquer reino que lhe seja belo aos olhos — olhos espirituais, a essa altura. E enquanto essa consciência subsistir, continuará a residir nesse nível. É um nível muito tranquilo. Por fim, quando a alma começa a aprender as lições e o rumo que agora deve tomar, essa consciência vai-se retirando, não regressando, mas simplesmente esbatendo-se, até um dia ser esquecida. A consciência terrena permanece durante algum tempo, efetivamente, com a alma que partiu. O que é muito tranquilo e muito belo.[14]

14 Consultar igualmente a secção referente à Consciência

P: Quando morremos, encontramos do outro lado as pessoas que amamos?

R: Quando deixamos o corpo físico, há muitas vezes, digamos, parentes à nossa espera. Nem sempre, mas isso acontece. Acontece, claro, se essas almas ainda não se prepararam para reencarnar. E também encontraremos, muitas vezes, amigos da nossa idade, mais do que o pai ou a mãe, que, a essa altura, poderão já estar a seguir rumo a uma nova encarnação. A menos, claro, que essas almas tenham optado por não encarnar. A escolha cabe a elas e, então, estariam lá para ir ao encontro dos seres queridos.

SOBRE O SUICÍDIO

P: Teria alguma vez justificação extinguir a própria vida? Estou a pensar, por exemplo, nos budistas que ateiam fogo aos seus corpos, numa tentativa de protestar contra situações insuportáveis e que, sacrificando-se, visam ajudar os outros, gesto que se transformaria, na verdade, num ato de amor...

R: Um ato de amor, mas um ato de amor mal empregue. Essa ação não é necessária. Embora isso possa ajudar a mente consciente a pensar que expôs dramaticamente as suas convicções para o mundo, esperando com esse ato mudar comportamentos, podemos acrescentar que essas coisas não ajudam.

Embora esse não seja o tipo de suicídio a que a maioria das pessoas recorre — que seria a absoluta negação e o mau uso do seu livre-arbítrio — essa pessoa que referiu não enfrentaria as mesmas dificuldades ao perceber, quando chegasse a este lado, o que acontece aqui. Mas teria que aprender que não se põe fim ao carma dessa maneira. Precisaria aprender que deve prosseguir com a sua missão; pois a dor que a vida causa a essa pessoa é sempre justificada. Esses sofrimentos são lições, oportunidades, e precisam ser aprendidas e concluídas.

P: Refiro-me agora à pessoa que comete suicídio pelas razões comuns, como incapacidade de enfrentar a realidade, fracasso, e assim por diante. Essa alma, devido a esse ato, afasta-se dos mestres, dos guias, da divindade, e fica perdida e confusa? Será que deve passar algum tempo confusa até se encontrar novamente onde estava antes?

R: Nunca acontece um afastamento por parte do mestre. Se uma pessoa permite a si mesma chegar ao ponto de não poder enfrentar as realidades da vida e comete suicídio, comumente entrará no mundo etérico com muito medo, desconfiando de todos e de tudo o que perceber.

O mestre está sempre disponível para ajudar essa alma. É a alma que procura separar-se do mestre, mas nunca o consegue completamente. As almas que penetram nessa esfera com esse medo e essa desconfiança atrairão almas semelhantes. Essa alma estará ligada à Terra por muito

tempo. Comunicar-se-á apenas com almas semelhantes. Viverá num mundo de solidão e medo, que ela mesma criou.

O mestre está sempre presente, ouvindo, aconselhando e ajudando de todas as maneiras ao seu alcance para que a alma compreenda onde está, o que é e o que precisa vir a ser. Aos poucos, essas almas começam a entender, a ouvir e a comunicar-se com os seus mestres. Nessa altura, estão aptas a receber assistência adequada por parte deles. Os mestres estão sempre em contacto com as almas. Sempre!

P: Leva muito tempo para que uma alma desse tipo possa reencarnar num corpo físico?

R: Oh, sim. Falando dessa pequena minoria — que, comparada com milhares e milhares de almas que chegam a este reino, constitui uma pequena minoria —, ninguém poderá prever quanto tempo uma alma levará para entender e para se comunicar novamente com o seu mestre.

SOBRE REINOS INFERNAIS, ASSASSINATOS E FRACASSOS

P: O inferno existe?

R: Existe, no sentido de que isso implica o estado mais negativo do ser. Em ambos os planos da vida, etérico e encarnado, existe o assim chamado "inferno". Quando encarnada, a humanidade, por meio da sua consciência negativa, atrai para si esses problemas que, na verdade, pareceriam como se existisse um inferno. Mas esses problemas são obra do homem e só existem porque a humanidade, tolamente, evita a viabilidade de uma orientação espiritual e insiste em viver uma vida das mais negativas. Nesse sentido, as pessoas criam o seu próprio inferno.

O estado desencarnado é um reino em que as almas que viveram uma vida de completa degradação e violência, desrespeitando todas as regras morais, optaram por não se beneficiar da orientação que os seus mestres poderiam dar-lhes. Elas dedicam-se a encontrar almas iguais ou, em outras palavras, semelhantes a si mesmas. Isso é muito fácil porque, durante séculos, muitas almas reuniram-se, resolvendo os problemas que existiam no plano físico e que agora existem no plano etérico. Essas almas vivem num reino que seria melhor descrito como a antítese do que se conhece como "inferno", pois nesse reino não há calor, não há fogo. Pelo contrário, vivem em meio a frio e humidade.

Elas sofrem desnecessariamente, mas a sua consciência mergulhou de tal modo na negatividade que não podem pensar em si mesmas além do estado a que chegaram por si próprias. Apegaram-se tolamente a esse reino, pois encontram um conforto negativo entre almas que pensam e agem como elas. Isso é bem trágico, e constatar isso entristece-nos;

porém, felizmente, uma alma depois de outra, a seu devido tempo, aceita a ajuda dos mestres e amigos que estão sempre à espera, falando-lhes, pedindo que os acompanhem.

P: O senhor poderia dizer-nos o que aconteceu com a alma de Adolf Hitler?[15]

[15] Normalmente, Yan Su Lu não fala sobre pessoas conhecidas, mas a sua resposta a esta pergunta foi imediata.

15 Normalmente Yan Su Lu não fala sobre pessoas conhecidas, mas a resposta que deu a esta pergunta foi imediata.

R: Até ao presente, essa entidade não encarnou. A alma vive no estado em que ela, voluntariamente, se colocou. Um estado de confusão e dor que encerra uma grande quantidade de energias distorcidas. Essas energias estão contidas num reino de sua própria escolha, que é muito desagradável.

SOBRE O PESO DAS ALMAS NEGATIVAS

R: Quando me refiro a ser desagradável, não consigo, com essa palavra, transmitir o grau de mal-estar e sofrimento que existe ali. É uma pena que essas almas consintam em chegar a esse ponto; porém, o ego envolvido é de tal magnitude que elas perdem a capacidade de avaliar o tamanho dos seus erros. Quando tomam consciência da necessidade de ajuda, o peso das suas experiências e dos seus carmas será tão grande, fisicamente, que, sabendo disso, optam por deixar em suspenso, durante muito tempo, a decisão de reencarnar, pois, necessariamente, retornariam à Terra com uma capacidade física muito limitada. A alma enfrentaria muitos maus-tratos, muitos deboches — e não apenas uma vez, mas ainda por muitas vidas.

Desse modo, a decisão de começar a trilhar esse caminho para reparar o que foi feito é muito difícil, mas necessária — e, finalmente, concretizar-se-á.
Conforme já disse, esse tipo de alma está tão imbuída de negatividade que pode levar, na vossa terminologia, séculos para se libertar desse mundo.

SOBRE O CASTIGO DE GRANDES CRIMINOSOS

P: Isso significa que alguém como Hitler terá que ser assassinado seis milhões de vezes?

R: Não. Ele terá que experimentar fisicamente todo o sofrimento que infligiu aos outros, mas não seis milhões de vezes.

P: É possível que ele encarne como um animal, em vez de encarnar como um ser humano?

R: Isso é impossível, pois a consciência humana só se encarna num corpo humano.

P: Todas as pessoas que cometem crimes e assassinatos violentos acabam nesse mundo?

R: As almas que existem nesse mundo durante mais de uma encarnação abusaram dos seus poderes negativos. É só por isso que estão aí. Mas seria necessário mais de uma encarnação envolvendo um assassinato, digamos. A alma que provocasse a transição negativa (por assassinato) de alguém não teria vontade de continuar nesse caminho, nesse mundo, porque compreenderia as consequências funestas do seu ato e poderia permanecer ligada à Terra durante algum tempo, com medo e confusa, mas não com o grau de confusão negativa que ocorre na alma de Adolf Hitler.

P: Existe fracasso, ou tudo não passa de aprendizado?

R: Fracasso é uma palavra que as pessoas introduziram no seu vocabulário para se escusarem de não seguir a orientação correta que deveriam seguir. Fracasso é uma palavra espiritualmente negativa. Aprendizado é uma palavra positiva. Não aceitamos a palavra "fracasso".

SOBRE A ESCOLHA DE UMA NOVA ENCARNAÇÃO

P: O eu é formado pela soma das vidas passadas? Em outras palavras, as experiências de encarnações passadas integram o eu atual?

R: Em cada encarnação, a alma traz em si as experiências por que passou em vidas anteriores. Mas, considerando que há tantas lições a serem aprendidas por uma alma não desenvolvida, às vezes precisamos ministrar essas lições uma a uma. Em outras palavras, a alma, antes de encarnar, escolhe o tipo de vida que melhor lhe possibilitará aprender, a partir de um ou mais problemas específicos que ocorreram.

Infelizmente, as almas nem sempre aprendem as lições numa única vida. Preferem ignorar as experiências e as oportunidades que lhes são oferecidas para atingir esse objetivo, esse padrão, e superar esses problemas. Muitas encarnações podem estar envolvidas antes que isso se concretize. Portanto, podemos afirmar, com certeza, que muito poucas vidas têm capacidade para superar, no decorrer de uma única existência, os problemas passados. Sendo assim, a alma continuará a criar situações que, muito provavelmente, existiam em encarnações passadas. Ela criará esses factos passados na vida presente e continuará a fazê-lo enquanto essas lições não forem aprendidas.

P: Como uma personalidade prestes a reencarnar sabe que pais quer escolher ou em que útero quer habitar como feto?

R: Muito antes de o ato de encarnação ocorrer, a alma, com a ajuda de irmãos e de mestres, é orientada quanto às áreas sobre as quais mais precisa aprender na encarnação seguinte. A alma decide por si mesma.

Ninguém diz à alma que ela precisa encarnar, que ela tem que escolher determinados pais. A alma fá-lo de livre e espontânea vontade. Conta, porém, à sua disposição, com a sabedoria dos seus mestres. Estes, com respeito à encarnação seguinte, apresentam-lhe os pais ideais, o país, a raça, etc. A alma está consciente das provações que poderão sobrevir nessa nova vida, pois todos os problemas que precisam ser superados acarretam dor.

A alma aceita essa condição, pois sabe que essa é a maneira de vencer um problema que já existia no passado, e opta, pois, livremente, por prosseguir de acordo com esse padrão. Estes padrões referentes a pais, amigos, amantes são todos descortinados diante dela — ela sabe o que esperar e concorda voluntariamente com isso.

P: Como ocorre a atração entre os pais e a nova alma? Que tipo de força os reúne?

R: Cada alma que está a encarnar traz consigo um modelo para essa vida. Se duas almas, uma feminina e outra masculina, se encontram e decidem ter um filho, isso não acontece por acaso. Antes de essas duas almas adquirirem vida, já estava decidido que se encontrariam, em que condições, e que preencheriam um modelo estabelecido: teriam um filho.

A alma que está a preparar-se para encarnar compreende esse modelo, considera-o, analisa-o, aceita o seu modelo e também o dos pais, porque, é claro, ela fará parte dessa família. Portanto, em qualquer circunstância, é do modelo que falamos — modelo que cada alma, voluntariamente, aceitou.

INTERVALO ENTRE VIDAS, NÚMERO DE VIDAS, OUTROS PLANETAS

P: Existiria um prazo mínimo para uma alma entender o que é preciso aprender e então decidir-se a voltar?

R: Não existe um prazo fixo. Digamos que o intervalo normal entre encarnações está entre trinta e cem dos vossos anos.

P: Diz-se que podemos reencarnar milhões de vezes. É verdade?

R: Eu não usaria a expressão "milhões". Embora isso seja realmente verdade, não é verdade em relação a este planeta. Encarnar milhões de vezes sob outras formas de manifestação, sim, mas, em relação a este planeta, é melhor falar em milhares.

P: Quando se refere a formas de manifestação, está a referir-se a outras formas em outros planetas?

R: Estou.

P: Pode explicar melhor esses planetas? Há muitos planos nos quais é possível reencarnar?

R: Há todas as formas de existência. Não exatamente como vemos na Terra: existência física, mental e espiritual. Mas há outras formas físicas de manifestação.

P: Pode descrever-nos como é o outro lado?

R: Compreendo o que quer dizer. Para fins específicos de evolução, há formas mentais noutras partes do sistema solar. Essa é apenas uma outra forma de manifestação que o Pai infinito permitiu que existisse.[16]

16 Consultar Autobiografia de Yogananda. Capítulo sobre a ressurreição de Sri Yukteswar.

Sendo assim, essas manifestações, no seu desenvolvimento vibratório, aprendem, crescem e aventuram-se rumo a outras formas de manifestação. Cada planeta tem uma forma própria. Isso não significa que, enquanto reside neste planeta, pode automaticamente continuar a passar pela experiência de outras vidas, de outras manifestações, dentro do seu próprio sistema solar. Isso não é verdade.
Existem muitos outros sistemas solares, alguns com velocidade de vibração muito semelhante à deste vosso planeta.

Sendo assim, a vossa alma também pode ir para esses outros sistemas solares e passar pela experiência de outras formas de vida. Em muitos casos, essas outras partes da vossa alma passam a residir realmente lá, sob formas de energia e manifestação que, em termos de vibração, estão próximas das condições em que viveis aqui.

SOBRE O QUE SUSTENTA A ALMA

P: Uma alma subsiste com a energia solar? O que mantém uma alma?

R: Precisa compreender que, nesse nível de existência, as funções físicas são postas de lado. Coloquemos a alma no seu devido lugar e o corpo à parte. Compreende, é óbvio, que as funções físicas precisam transparecer, mas parece não entender que a alma não tem necessidade de qualquer dessas funções. Refiro-me à necessidade de comer e de beber. Comer e beber não existem aqui, sob nenhuma forma, nem sequer em pensamento. Em outras palavras, a alma não cogita de nutrição.

É o fluxo energético que chega e que sai da alma — eterno. Um tipo de energia do qual nem cogitamos. Está simplesmente ali. Não pensa no ar que respira; da mesma forma, a alma não pensa em ar ou nutrição, uma vez que faz parte deste mundo etérico. Ela está lá.

SOBRE A ORIGEM DA EXISTÊNCIA E A SEPARAÇÃO DO DIVINO

P: Em primeiro lugar, por que existimos? Ou, por que temos de nascer? Por que não pudemos permanecer, desde o início, com o princípio divino? O que nos separou?

R: Foi a vossa própria consciência que vos separou desde o início. Pois, em certo período, todas as almas eram aquilo a que chamariam de "mestres" neste planeta. Foi através da evolução que essas almas, como um todo, começaram a acreditar que eram maiores do que o Pai. E isso é o que a vossa religião chamaria de queda da humanidade. Foi o homem consciente, o ego, que passou a dominar o espiritual; quando isso se transformou num modo de vida, o aspeto espiritual já não pôde impor a sua presença, e o aspeto consciente começou a dominar — e continuou a dominar durante muitas e muitas evoluções.

O acontecimento transformou-se num grande abismo entre a mente espiritual e a mente consciente do ego físico. E o espiritual foi deixado para trás. Com isso, cada vez que uma alma reencarnava, o consciente tornava-se de tal modo dominante que, em dado momento da evolução, o espiritual não passava de uma pequena semente ao lado da enorme árvore da mente consciente.

SOBRE A LIBERTAÇÃO E A UNIÃO COM O DIVINO

P: Quando atingimos as etapas finais do que eu chamaria de libertação, poderíamos dizer que nos fundimos com o Divino. Poderia dar-nos uma explicação melhor?

R: O único objetivo da vossa existência neste planeta é manter em equilíbrio os três aspetos do homem: espiritual, mental e físico. Quando uma alma tiver evoluído neste planeta a ponto de exercer controlo sobre essas três áreas, dominando-as, já não haverá necessidade de essa alma reencarnar aqui. Estamos a falar de mestres. Chegar a esse ponto requer muitas encarnações na senda espiritual. Mas está dentro de todos vós a possibilidade de atingir as mesmas metas atingidas pelos grandes mestres. Pois todos vós tendes o mesmo poder — ele está dentro de vós.

SOBRE A COMPREENSÃO DE DEUS

P: É possível entender Deus? Existe alguma maneira de descrevê-lo, para que possamos saber o que realmente significa Deus?

R: Essa é uma pergunta que só pode ser respondida por si mesmo. Pois cada consciência interpreta o Pai infinito à sua maneira e, apenas ansiando

por essas respostas e fazendo essas perguntas, poderá, a um nível pessoal, compreendê-las por si mesmo.[17]

[17] Aqui, gostaria de citar C. G. Jung (Time Magazine, 14, II, 1955): "Eu não diria, creio, eu sei. Passei pela experiência de ser dominado por algo muito mais forte do que eu mesmo, por algo que as pessoas chamam de Deus."

SOBRE COMO USAR A SABEDORIA NA VIDA QUOTIDIANA

P: Qual a melhor forma de usar toda essa sabedoria que nos transmitiu na nossa vida quotidiana?

R: Há muito a dizer, e poderíamos continuar por horas e horas. Para que o vosso desenvolvimento permita progressos na forma mais positiva espiritualmente, procurem ter amor em tudo o que olharem e em tudo o que disserem. Pois do amor nasce o entendimento, a tolerância, a sensibilidade, o desejo de ajudar, de fazer tudo o que puderem pelos vossos semelhantes, sem nada exigir em troca. Pois, quando começamos a vangloriar-nos das nossas boas ações, essas ações, em essência, já não são boas, porque, se esperamos reconhecimento pelo que fazemos, estamos a falar do ego — e o ego é, e sempre será, a razão da queda da humanidade.

O Pai, na Sua sabedoria, ao nos dar e permitir que tenhamos o livre-arbítrio, sabia que o mal iria mostrar a sua face; mas era necessário aprender a diferenciar entre o bem e o mal.

À medida que nos purificamos desse ego, que nos dirigimos rumo à senda espiritual e nos transformamos no que o Pai nos ordenou que fôssemos, então o mundo do amor passa a ter um significado muito maior na nossa vida. Porque vemos tudo através dos olhos e da consciência do amor, e a urgência de discutir, de criticar, de brigar, de lutar dissolve-se. Pois essas coisas, quando o amor é grande, não têm lugar.

CONCLUSÃO

No meu fim está o meu começo

(últimas palavras de Mary, rainha da Escócia)

E então, quem é Yan Su Lu? Ele é a parte mais espiritual da consciência de Charles Roberts como um todo? O sábio ancião de dois milhões de anos que Jung acreditava existir em todos nós? Ou uma entidade separada? Ou o anjo da guarda das nossas expectativas infantis?

Uma coisa eu sei com certeza: Yan Su Lu foi capaz de momentos de grande sabedoria. O facto de ele se apresentar como uma entidade guardiã representa uma promessa de consolo para quem nunca teve a oportunidade de entrar em contacto com uma exteriorização tão vívida da nossa herança de sabedoria interior.

Existe mesmo, em nós, um homem ou mãe sábia que nos aguarda ao partirmos desta vida, prontos para nos preparar para uma outra experiência bem maior, que nos ajuda a integrar e a aperfeiçoar a nossa consciência no nível etérico do nosso eu imortal?

Terminei por acreditar que esse ser existe. No Oriente, esse aspeto mais elevado é chamado de Krishna ou consciência do Buda; no Ocidente, é chamado de consciência cristã. Nós procuramo-lo durante toda a vida, mas a maioria de nós não tem consciência de que o faz. Temos dificuldade em aceitar os conselhos do nosso Eu superior, ou mesmo em reconhecer a sua existência.

Sem dúvida alguma, aquilo a que comumente chamamos de nossa consciência tem uma ligação com esta parte melhor de nós, pois ela, instintivamente, estabelece uma distinção entre o bem e o mal.

Mas, e se quisermos chegar a um estado de perceção em que desejemos entrar mais diretamente em contacto com esse Eu superior — em estabelecer uma relação com o nosso eu pessoal, Yan Su Lu, por exemplo?

Seria apenas uma questão de dizer: "Convido o meu sábio eu a falar comigo" — e depois esperar, sentado, recetivo a qualquer coisa que surja no ecrã dos nossos pensamentos?

O meu conselho seria: se ouvir uma voz ou vir uma imagem, desafie a sua autenticidade e siga-a até à sua fonte. Lembre-se: a mente que se encontra num estado passivo de não-discriminação, ou simplesmente de curiosidade, está sujeita a iludir-se.

Em algum lugar dentro de nós pode ser encontrado esse homem sábio — assim como homens tolos que reagem aos acontecimentos à nossa volta. A consciência humana parece subsistir ao mesmo tempo em vários níveis,

provavelmente em muitos mais níveis do que conseguimos captar com a nossa consciência limitada.

SOBRE A VOZ INTERIOR E O CUIDADO NECESSÁRIO

Se a voz que ouvir lhe prometer coisas maravilhosas e o bajular excessivamente, procure discernir qual seria, na verdade, o seu grau de sabedoria. Ouça os seus pronunciamentos: são universais e construtivos? Parecem dirigir-se apenas a si ou expandem-se para uma compreensão maior do universo? Com qual dos seus muitos "eus" conseguiu entrar em contacto?

Mais um conselho: antes de responder a essa voz interior, certifique-se de que a sua atitude não irá prejudicar ninguém, nem está orientada apenas para a gratificação do ego. As correntes que fluem das profundezas do nosso subconsciente, se não forem abordadas com cuidado e responsabilidade, podem ser perigosas.

A minha experiência com Charles e Yan Su Lu foi felizmente conduzida graças à perceção que tive das armadilhas ocultas nessa investigação. Segundo Jung, esse ser sábio, sendo uma personificação do princípio espiritual, está eternamente presente em cada um de nós. É apenas uma questão de como a nossa consciência decide abordá-lo, de como o trazemos à cena.

SOBRE AS FLUTUAÇÕES E OS AJUSTES NA COMUNICAÇÃO

Tive oportunidade de observar as subtis variações que ocorriam na personalidade de Yan Su Lu. Houve ocasiões — poucas, é verdade — em que ele hesitava, e as suas palavras perdiam a profundidade e a precisão necessárias. Algumas vezes, essas pausas pareciam mais uma tática de adiamento, e eu perguntava-me se Charles, no estado de transe, estaria a oscilar, tentando estabelecer uma ligação nítida com a fonte da sua sabedoria, Yan Su Lu.

Quando lhe perguntei directamente, Yan Su Lu respondeu que, por vezes, precisava de "cozinhar" uma ideia até conseguir estabelecer o vínculo adequado entre o estado mental de Charles e a articulação verbal. Mas, sempre que o contacto se estabelecia, o elo entre Charles e o seu mestre tornava-se firme.

REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

A minha intenção original fora ajudar Charles a suavizar os acessos de raiva que lhe provocavam uma profunda infelicidade. Depois da regressão

irlandesa, ele começou a mostrar melhorias. Não foi, naturalmente, uma cura definitiva. Charles ainda precisava tomar decisões importantes, como divorciar-se da mulher, Dorothy, e tornar a casar. Mas agora, com a presença e a influência de Yan Su Lu, parecia-lhe oferecer-se uma oportunidade de reavaliação sob muitos aspetos.

Ele voltou a casar, divorciou-se, e agora está novamente casado com Dorothy — e muito feliz. Além disso, dedica-se a uma carreira bem mais gratificante e responsável, numa posição que exige um considerável grau de tato e de sabedoria.

Curiosamente, Yan Su Lu talvez tenha sido mais inspirador para mim do que para Charles, embora eu não duvide de que ele esteja grato por poder aceder a uma fonte espiritual e prosseguir no processo de autorrealização que Yan Su Lu descortinou.

A BUSCA INTERIOR E A NOSSA HERANÇA ESPIRITUAL

Os maiores mestres espirituais do mundo aconselham-nos a procurar Deus dentro de nós, e Yan Su Lu reiterava esse conselho. O místico e filósofo hindu Paramahansa Yogananda escreveu: "A alma de todas as criaturas, através da lembrança inconsciente da sua origem divina, tende naturalmente a ir em busca da sua Fonte."

Uma evolução espiritual, tendo lugar no universo, precisa seguir rumo a atingir o objetivo de alcançar a suprema unidade de toda a vida. Podemos hesitar quanto ao nosso enfoque — por vezes parecendo sábios, outras vezes apenas encenando uma aparência de sabedoria. Entretanto, continuamos a buscar os profundos componentes do nosso ser. Reflitamos sobre as palavras dos sábios que nos ensinaram a construir uma ponte que nos ligue à nossa origem.

Yan Su Lu representa um ponto focal na busca humana pela sabedoria. Mesmo um lampejo de conhecimento superior pode trazer bem-estar tanto ao corpo como ao espírito. As tensões sob as quais vivemos, devido à crença de que somos apenas mortais e finitos, podem ser suavizadas. Podemos sentir-nos mais seguros, mais à vontade, num novo universo infinito, e ousar aceitar a nossa imortalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A NATUREZA HUMANA

Jung, um intrépido explorador de novas dimensões, afirmou com propriedade: "Ninguém pode dizer onde o homem termina." E Emerson, o filósofo e transcendentalista americano, falou do homem infinito: "Como uma planta sobre a terra, assim descansa o homem no seio de Deus: ele é

sustentado por fontes inexauríveis e atrai para as suas necessidades um poder infinito. Quem pode pôr limites às possibilidades do homem?"

Uma vez, perguntei a Yan Su Lu qual seria a meta do homem. Ele respondeu simplesmente: "Ser mestre nesta vida como o foi Jesus."

EPÍLOGO

por E. Stanton Maxey, M.D.

Tendo terminado a leitura deste livro, está agora ciente de que um eixo central invoca a reencarnação. Não podemos deixar de lembrar que foi através da hipnose que Edgar Cayce tropeçou na ideia da reencarnação. Eugene Jussek, ao publicar esta pesquisa, passou a fazer parte de um grupo notável de investigadores, como Ian Stevenson (*Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*), Joan Grant e Denys Kelsey (*Many Lifetimes*) e Raymond A. Moody, Jr. (*Life After Life*).
Tal como Ian Stevenson, Eugene Jussek encontrou registos antigos que convenceriam mesmo os mais cépticos de que, sob hipnose profunda, alguma indiscrição da mente humana deixa transparecer memórias de outros cenários de vida, pertencentes a outras estruturas temporais, frequentemente muito antigas.

Mas, como um eterno detetive explorador, Eugene Jussek tropeçou na ideia de que uma espiritualidade superior, uma figura de tipo paternal, pode, de certa forma, supervisionar cada uma das nossas vidas. Agarrando-se à importância dessa possibilidade, o Dr. Jussek perseguiu-a implacavelmente, até que o diálogo documentado que conhecemos veio à luz.

Acaso o Dr. Jussek foi o parteiro que assistiu ao nascimento de uma realidade espiritual nova para os nossos tempos? Ou será tudo apenas uma invenção da mente de Charles Roberts? Quem poderá dizer?

O que podemos afirmar é que a possibilidade elucidada pela pesquisa do Dr. Jussek é uma luva atirada diante de cada um de nós. Podemos (devemos?) mergulhar profundamente no nosso ser em busca do nosso Yan Su Lu. Essa busca antecipa a descoberta significativa e bem-sucedida de elementos espirituais até então desconhecidos existentes em cada um de nós.

A busca garante a descoberta. Apenas uma breve reflexão sobre certos acontecimentos e sonhos da nossa vida leva-nos, forçosamente, a inferir que não são poucos aqueles entre nós que encontraram, encontram e encontrarão os seres hierárquicos espirituais que anseiam por guiar os nossos passos e iluminar o nosso caminho.